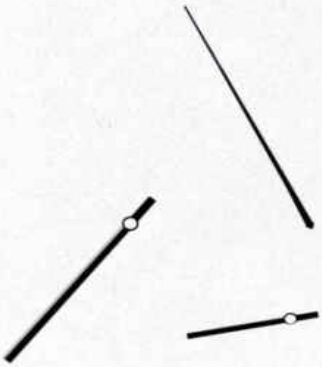
YAGO MARTINS

PAIS ACEITÁVEIS











"Instigante, desafiador e bastante atual."

AUGUSTUS NICODEMUS

Para André Venâncio e Norma Braga,
mentes aguçadas contra o
coração pecaminoso.

PREFÁCIO

Legalismo, moralismo e graça são temas que se entrelaçam nas polêmicas que marcam a igreja evangélica da atualidade. Por um lado, esses temas sempre estiveram presentes e sempre foram debatidos na cristandade, desde os tempos apostólicos, quando Paulo e outros autores do Novo Testamento enfrentavam os judaizantes e os libertinos, passando pela Reforma Protestante, com suas discussões sobre a graça da justificação e o papel da lei na vida cristã.

Em nossos dias, esses temas têm recebido um destaque maior por causa da ênfase em usos e costumes, regras e normas quanto a vestuário e lazer estabelecidos por muitas igrejas pentecostais e neopentecostais aos seus membros, e bem como pelo surgimento de pregadores que enfatizam a graça de Deus em detrimento da necessidade de reforma de vida e santidade nos costumes. Por um lado, legalistas; por outro, libertinos — como sempre aconteceu.

Nesta obra, Yago Martins procura mapear o caminho para uma ética cristã que fuja desses extremos e que ele chama de moralismo cristão. O que ele entende por isso fica claro no tratamento que dispensa a onze “pecados aceitáveis” entre os evangélicos, que vão desde o atraso até o uso de roupas indecentes.

Yago nos oferece uma perspectiva instigante e desafiadora sobre faltas bastante comuns entre os evangélicos, mas que, na realidade, são pecaminosas, embora aceitas sem crítica ou repreensão. Por exemplo, o atraso é visto como falta de amor ao próximo e retrata nosso estado diante de Deus, perante quem sempre estamos atrasados. A insônia é corretamente tratada não como a virtude daquele que nunca para de trabalhar para Deus, mas como vício em trabalho e falta de dependência de Deus. A preguiça é chicoteada sem dó nem piedade, como uma maneira de vida pecaminosa. A fofoca, o assassinato de reputações —

especialmente nas redes sociais — recebe tratamento claro como pecado contra Deus e o próximo. O pecado da gula, costumeiramente ignorado pelos evangélicos, é denunciado como pecado mesmo.

Algumas abordagens são inusitadas, como o exame da tolice e da paciência. Extremamente relevante é a proposta de uma teologia do humor, pensando especialmente nos limites que deveria haver para a zoeira que muitos evangélicos usam nas redes sociais, quer para promover suas ideias e seus pregadores prediletos, quer para destruir a imagem daqueles a quem consideram inimigos ou heréticos. O uso de palavrões também não escapa ao exame rigoroso do livro — o palavrão é tratado como pecado, embora costumeiramente usado nas redes sociais pelos que se consideram crentes. Os dois últimos temas envolvem a questão de ter filhos ou não e o uso de vestuário imodesto, entrando na questão do uso de biquíni.

Cada capítulo termina com questões de aplicação pessoal que também são úteis para o estudo em grupo.

Como ficou claro, o livro é instigante, desafiador e bastante atual. Yago se mantém dentro da tradição reformada, por uma defesa da ética bíblica e pelo chamado a uma vida de equilíbrio entre a graça que nos é dada e as mudanças éticas que ela demanda e produz.

Recomendo com muita satisfação.

Augustus Nicodemus Lopes
Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana de Recife,
vice-presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil e presidente da Junta de Educação Teológica da IPB.

INTRODUÇÃO

POR UM "MORALISMO" CRISTÃO

"Sou, antes de tudo, um moralista" [1]

(Nelson Rodrigues, em "Sobre a censura brasileira")

Em geral, as pessoas são chamadas de moralistas em duas ocasiões. Uma, quando defendem padrões morais muito fechados e restritos; outra, quando colocam os padrões morais em um lugar demasiadamente central no relacionamento do homem com Deus. E quem vai discordar dessa acusação de exagero moral? Se você definir moralismo como um tipo de ascetismo culturalmente anoréxico (no primeiro caso) ou como preeminência da moral sobre a fé na obra de Cristo (o segundo caso), a religião cristã é tudo, menos moralista.

No entanto, lutar contra o moralismo pecaminoso não pode confundir-se com lutar contra a importância da moral cristã. Ao lermos a Escritura, encontramos muito de moral, de cobrança de vida, de minúcias comportamentais, de certo e errado. Na luta contra uma ênfase errada no comportamento ou contra padrões comportamentais exagerados, muitos acusam de moralismo o mero interesse por santificação e por viver uma vida que agrade a Deus. Se isso é moralismo, então há um lugar para o moralismo na Escritura. A Epístola de Tiago, por exemplo, é profundamente moralista: certo e errado, padrões de vida e indicações práticas. O livro de Provérbios seria um poço de moral, escrito de moralistas para moralistas. Paulo, então, subiria no pódio do moralismo, com tantos padrões a serem seguidos pelas igrejas. Eu não quero ser moralista, mas, se amar a santidade e se interessar pelas

indicações morais da Escritura me faz um deles segundo os olhos desse cristianismo roto dos amiguinhos da fé, então serei um moralista com todo o prazer.

Claro, existe um moralismo ímpio, hipócrita, nascido no berço de ouro da falsa religião. É terrível abandonarmos uma vida vivida pelo poder que há na Cruz e na luz fornecida pelo evangelho. A salvação pelas obras dos romanistas e do evangelicalismo popular não representa a forma santificada pela qual o cristão vive sua santidade. O falso moralista chama de pecado o que Deus permite, proíbe as coisas das quais ele próprio não gosta e chama seus gostos pessoais de maturidade na fé. Olhar para nosso relacionamento com Deus em termos de andarmos segundo a cartilha da santidade bíblica de forma plena implica entrar em paranoia religiosa. Somos salvos pela fé, não pelo que fazemos para Deus.

Porém, o problema do moralismo comum não está relacionado com a existência de padrões morais, tampouco com quais padrões morais são estes, mas, sim, com o lugar que a moralidade ocupa no relacionamento com Deus. Se você é contra sexo antes do casamento, acha pecado beber cachaça ou fumar cigarro, chama futebol de roda dos escarnecedores e crê que cinema é coisa do capeta, você não é um moralista por isso. Se você acredita em santidade, em vida com Deus, em fugir do pecado, em ser puro, você também não é um moralista. O moralismo reside na tentativa de se justificar com Deus por meio da vida santa, de esquecer que nunca viveremos um padrão moral perfeito, de deixar de confiar em Cristo como sua justiça, de achar que o cumprimento de sua saia faz você superior aos outros.

Em nossa luta contra o moralismo, acabamos criando uma casta de pecados socialmente aceitáveis, ofensas a Deus que não ofendem mais ninguém no mundo. “Quem aqui tem problema com a preguiça?”, perguntei em um tom bem-humorado, recebendo várias mãos erguidas e sorrisos jocosos como resposta. Os jovens se

acotovelavam e brincavam de quem erguia mais braços ao alto, deixando claro que a preguiça era uma falha moral bastante presente na vida de quem me ouvia. “Certo”, continuei, “e quem aqui tem problema com pornografia?”. Todas as mãos baixaram rapidamente. As colunas ficaram eretas, e os rostos, subitamente sérios. Ninguém se entreolhava mais.

Em tempos “antimoralistas”, passou a haver pecados e pecados. Não estou me referindo à existência de pecadinhos e pecadões, mas à existência de pecados que ainda são socialmente reprovados e outros que se tornaram parte comum de nossa existência. Alguns pecados estão na boca de pastores, na camiseta de diáconos e na mão do ministro de louvor, e ninguém se importa. Podemos tatuar algumas iniquidades na testa e permanecer como parte atuante da igreja local. Não nos envergonharmos socialmente de certos pecados representa vividamente o enfraquecimento de uma cultura de santidade na igreja brasileira.

Um amigo falava do poder centralizador da pornografia. Quando eu era adolescente, imaginava que, se conseguisse vencer o pecado sexual, eu teria alcançado a santidade plena. Quando encontrei uma sexualidade saudável, percebi que aquele pecado específico ofuscava uma miríade de outros pecados que não eram tratados nos cultos de jovens. Se você ouvir que um pastor “caiu em pecado”, o que imagina? Adultério, quase sempre. Mas quantos não temos caído na preguiça, na impaciência, na tolice e na difamação?

Preciso deixar claro, antes de tudo, que, por lidar com questões profundamente práticas e específicas, há o risco de o livro estar culturalmente localizado o suficiente para ser estranho a outros povos. Talvez o modo como cristãos indianos ou chineses interpretam a questão do atraso seja diferente, aplicando os princípios bíblicos de formas diversas. O que quero dizer com isso é que tenho um público muito específico em mente, ainda que desejando ser o mais amplo possível. Não me arrogo possuir a interpretação final e pura de todas as questões abordadas. Toda

interpretação é culturalmente localizada, e eu não estou alheio a isso. Quero ser humilde o bastante para aceitar a possibilidade de melhorar alguns pensamentos aqui expostos.

Todo o conteúdo deste livro foi aperfeiçoado pelos membros da Igreja Batista Maanaim, cujos aconselhamentos e conversas refinaram muitos dos meus argumentos ao colocá-los em confronto com a realidade. Palavras especiais de agradecimento também precisam ser dirigidas a Ana Priscila Duarte, James Alves, Matheus Fernandes e Weverton Campina, pela grande ajuda na preparação do material. O trabalho generoso de vocês possibilitou que esta obra nascesse quando minha rotina estava em seu pior momento. Todos que forem abençoados por este material devem a vocês. Agradeço também à minha querida esposa, Isa, por me dar tempo para estudar e me deixar comprometer boa parte da renda da família com os livros que se amontoam sobre os móveis. Sem seus excelentes esforços como dona de casa dedicada e esposa amorosa, eu não conseguiria fazer nada. Ela tem sido um instrumento para que eu não aceite o pecado em minha vida.

Alguns amigos costumam perguntar se é difícil escrever um livro. Eu respondo que sim, mas nem de longe isso é o mais difícil na produção literária cristã. O mais difícil é viver o que você escreveu. Este livro poderia ter sido publicado antes, mas eu lutava diariamente com a existência de uma mensagem muito superior a mim mesmo. Preciso reconhecer, antes de qualquer coisa, que já fracassei em viver quase tudo o que ensino aqui e, diariamente, me apego à obra da Cruz para encontrar perdão e um senso de valor santificado. Se dependermos de seguir os padrões morais da Escritura para sermos salvos, nenhum de nós chegaria aos céus. Louvo a Deus por Cristo, que cumpriu cada palavra da lei de Deus e morreu para nos dar essa vida perfeita diante do Senhor, única e somente através da fé.

Esta série de meditações têm o objetivo de nos proporcionar uma melhor visão da vida, em suas pequenas coisas. Quando

falamos de cosmovisão, geralmente pensamos em assuntos de ordem acadêmica: política, educação, filosofia, economia e ciência. Nossa visão da vida e do mundo, porém, também precisa lidar com nossa alimentação, com nossos namoros, com nossas conversas e com nosso sono. Nossa luta contra o pecado fica maior quando lutamos contra pecados menores. A perversidade moral sobrevive disfarçada de desimportância. Meu objetivo é lançar luz também sobre as pequenas arestas da fé. Alguns podem achar isso moralista, mas, se esta obra ajudar a igreja com a batalha pela santificação, o nome de Deus terá sido glorificado — e, nisso, eu me regozijo. Em tempos de tristeza religiosa, John Piper criou o termo “hedonismo cristão”. Talvez devamos começar a batalhar por um “moralismo cristão” nestes dias de pecado justificado pelo uso imoral da graça.

“O que mata é que o garçom tem um tridente
E vai ter a eternidade pra cobrar.”
– Escárnio, da banda Matanza

#1 ATRASO

UMA TEOLOGIA DA PONTUALIDADE

"– Desculpem o atraso.
– O que aconteceu?
– Nada, eu só não queria vir."[2]

(Diálogo entre Sheldon e Leonard, em "The Big Bang Theory")

Considero-me uma pessoa suficientemente normal, mas, se eu precisasse escolher algo em minha personalidade que pudesse ser um definidor claro de uma possível maluquice completa, seria minha compulsão por horário. Pontual? Acho que o termo "insano" me descreve melhor. Uma filosofia de vida? Chegar na hora já é chegar tarde. Homens de verdade sempre chegam antes para os compromissos. Sentia que estava cometendo uma traição se chegasse só trinta minutos antes do combinado. Meu recorde registrado foi estar quatro horas adiantado para uma reunião da agência missionária. Era um almoço. Foi constrangedor aparecer na hora do café. Sou famoso entre os amigos por sempre aparecer nos aniversários antes do aniversariante. Já comentei da vez que cheguei à casa de um amigo antes do próprio amigo? Ele havia dormido fora de casa e não havia voltado ainda...

Então, Deus, como sempre faz quando quer transformar adolescentes sem pé nem cabeça em gente de vergonha, deu-me uma esposa. Se eu tentar me lembrar de todas as brigas do início de nosso relacionamento, creio que 90% envolveram horários. Enquanto, para mim, um horário marcado era como um acordo entre cavalheiros que definiria eternamente a honra dos envolvidos diante de todo o império, parece que, para as mulheres em geral, "sete horas" era não mais que um código linguístico que indicava uma

proximidade maleável com uma variante de erro maior que de pesquisa política — sempre para mais, nunca para menos.

Esse choque entre eu e minha esposa mudou a ambos. Hoje, nós dois nos esforçamos para chegar na hora certa: nem antes, nem depois. E veja só: eu até me atraso vez por outra — o que poderia ser considerado, antes, um dos claros sinais do Armagedom que Jesus esqueceu de inserir no Sermão Profético: “Ele se atrasará, então virá o fim”. Ou quase isso. Os atrasos, no entanto, nem sempre são iguais. Existem motivações diferentes que nos levam a descumprir os horários.

OS TIPOS DE ATRASO

Existem, usualmente, quatro tipos de manifestações de atraso que são comuns à vida. O primeiro é o *atraso imprevisto*. É quando tudo dá errado, mesmo com suas precauções. O pneu fura, o trânsito fica inexplicavelmente engarrafado, pontes caem, você tem uma diarreia etc. É uma mera contingência da vida. Mesmo você se programando bem, chega atrasado para a aula. Isso é corriqueiro e todos estão sujeitos a isso. Quando acontece com frequência, porém, em vez de ser um mero imprevisto — ainda que isso seja sua desculpa frequente —, pode representar desleixo, justamente o segundo tipo de atraso, o *desleixado*. É quando não se calculam as possíveis contingências para um compromisso. Você esquece que a avenida fica lenta depois das seis da manhã, entra no banho muito tarde, esquece que não havia passado a camisa, não calcula o tempo de maquiagem, chama o táxi tarde demais. Você simplesmente não se programou, e a noiva precisou esperar o padrinho chegar para poder entrar na igreja e se casar.

O terceiro tipo é o *atraso desesperançoso*. É quando não acreditamos que algo vai começar no horário, portanto não vemos motivo para chegar cedo. “Lá nunca começa na hora mesmo...”, dizemos. “Para que se esforçar para chegar cedo se ninguém vai chegar no horário combinado?” Já ouvi muitas vezes: “Está marcado

para as seis? Não vai começar às seis. Já viu culto de jovens começar no horário? Vou dar um pulo em casa, tomar um banho e terminar o episódio da Netflix. Depois eu vou". Essa desesperança com as instituições acaba nos levando a uma retroalimentação dos problemas institucionais. O compromisso não começa na hora porque as pessoas não chegaram na hora, então você também aproveita para não chegar na hora. Desse modo, você vai entrando no ciclo vicioso do atraso. A instituição se torna escrava daqueles que estão atrasados, e você, que não quer ser o único que vai chegar cedo, chega mais atrasado ainda. Daqui a pouco, o que está marcado para começar às seis terá início às oito. Eu só fui a um show na minha vida. Levei meu pai, minha mãe e minha esposa (na época, noiva). Uma amiga me deu os ingressos por causa de um imprevisto. Estava marcado para começar às oito da noite e só teve início à uma da manhã. Havíamos chegado meia hora antes. Ouvimos três músicas e fomos para casa, de tão cansados.

O quarto e último tipo é o *atraso calculado*. Às vezes, esse tipo de atraso pode ser "bom", quando se baseia na previsão de contingências. Você sabe que não vai dar tempo. Você tem uma reunião que vai se entrechocar com outro compromisso. Você vai sair tarde do trabalho, e isso vai impedi-lo de chegar na hora do jantar. É como na parábola. Um homem que tinha dois filhos os ordena a trabalhar na vinha. Um diz que não, mas se arrepende e vai para o trabalho; outro, por sua vez, diz que sim, mas não aparece. "Qual dos dois fez a vontade do pai?", pergunta Jesus, e a resposta é o primeiro (Mt 21.28-31). É melhor avisar que vai se atrasar e chegar na hora do que prometer pontualidade e não cumprir. Por outro lado, o atraso calculado pode ser uma espécie de egocentrismo. Você chega tarde porque quer se mostrar especial. Quem chega tarde não precisa esperar ninguém e é visto por todos na hora que chega. Com frequência, o atraso é calculadamente pecaminoso. É uma demonstração de desamor e desrespeito em relação ao outro, um jeito de se colocar sobre os demais.

PONTUALIDADE CONTRA O PECADO

Considerando as más motivações para o atraso, como desleixo, desesperança ou um cálculo egocêntrico, podemos dizer que o atraso é aquele tipo de pecado socialmente permitido. Ninguém tem vergonha de assumir que comete. Se eu peço aos membros da minha igreja que levantem a mão durante o culto se tiverem problemas com atraso, ninguém fica tímido de fazê-lo. Agora, se eu peço que levantem a mão todos os que têm problema com pornografia, não importa o tamanho do auditório, raramente alguém levanta a mão. Será que ninguém luta contra pecados sexuais, ou só têm vergonha de admitir? Há pecados que não temos vergonha de admitir e não os vemos com a gravidade que realmente têm. John Piper chama a atenção para o tamanho da irresponsabilidade do que o atraso pode significar em nossa cultura:

> Para a maior parte do mundo ocidental, as demandas da indústria e das viagens criaram uma cultura em que o atraso pode ser não somente irritante, desrespeitoso ou inconveniente, mas até mesmo perigoso — tanto para a pessoa que está atrasada como para aqueles que têm de esperar. Por exemplo, se você está atrasado para um avião, você vai perder seu voo, o que pode ser algo relevante. Se você estiver nas Forças Armadas e a ordem for: “Em 1900 horas haverá poder de fogo da força aérea [...]”. Você falha por três minutos e talvez a maioria de vocês morra. Portanto, o atraso pode ser uma questão importante...[3]

Por isso precisamos ser pontuais nesse nosso esforço de observar o que o atraso realmente significa. Às vezes, é uma pequena questão já socialmente ignorada, mas que pode colocar-nos em maus lençóis, além de revelar algo sobre nosso interior. Cinco características do atraso são motivos de preocupação.

O ATRASO É UMA MENTIRA

Quando você combina um horário com alguém, está dizendo a essa pessoa que estará lá no momento marcado. Se eu marquei às quatro, fiz um trato de que, às quatro, estaríamos fazendo o que combinamos. Se o duelo é amanhã, às duas horas, na Ceilândia, em frente ao lote 14, um bom cristão deve cumprir o "sim, sim; não, não", e fazer valer sua palavra. O atraso é uma quebra de confiança. Quando você não aparece no horário combinado, está faltando com a verdade, e o mentiroso será castigado por Deus. Diz o salmista que quem "produziu mentiras [...] cavou um poço e o fez fundo, e caiu na cova que fez. Sua obra cairá sobre sua cabeça; e sua violência descerá sobre sua própria cabeça" (Sl 7.14-16).

Quando Jesus diz: "Não jurem de forma alguma", e ordena: "Seja seu 'sim', 'sim', e seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno" (Mt 5.34, 37), ele não está simplesmente proibindo a mentira e o juramento. Ele está falando que nossos simples "sim" ou "não" devem bastar, a ponto de os outros não precisarem de juramentos de nossa parte para confiar no que dizemos. "Marcelo disse que vai fazer? Então ele vai fazer, tenho certeza." Gerar esse tipo de confiança nos outros só é possível quando temos compromisso com tudo o que afirmamos.

Quando nos atrasamos, estamos dizendo aos outros que não somos de confiança nos horários que marcamos. Com o tempo, precisamos "jurar" que apareceremos no horário para que confiem em nós — às vezes, não acreditam em nossa palavra nem mesmo com as mais solenes promessas. Isso é o oposto do tipo de percepção que Jesus ordena que inspiremos nos outros. Mentimos, de alguma forma, nos atrasos. Quem cumpre os horários respeita a verdade que foi estabelecida no seu trato. Isso vale para nosso relacionamento com a igreja local. Quando você se torna membro de uma comunidade, está assumindo o compromisso de fazer parte de suas reuniões, e isso inclui chegar no momento certo para os cultos. Cristãos habitualmente atrasados que sempre aparecem no meio do louvor estão mentindo em sua profissão de fé diante da comunidade. Mentem para a igreja; portanto, mentem para Deus. A

mensagem é que você não liga muito para os momentos iniciais do encontro comunitário com o Senhor.

O ATRASO É UM ROUBO E UM DESAMOR

A equação é simples. A não ser que seu amigo também cometa o mesmo pecado, ele vai se esforçar para chegar na hora marcada, vai abrir mão de algum tempo livre seu, vai prever imprevistos pelo caminho e se organizar para estar lá. Mas você, não. Você vai deixá-lo esperando, entediado e perdendo tempo, simplesmente porque não se organizou direito (ou simplesmente por que você é irresponsável). O outro vai se esforçar para encontrá-lo na hora certa, mas você vai relaxar despreocupadamente. Há um desamor no atraso, além do desperdício do tempo alheio. Você vai deixá-lo esperando, entediado e perdendo tempo. Há um desamor no atraso. Quem ama seu irmão preza o tempo dele e não quer deixá-lo esperando por nada, nem lhe toma tempo precioso. “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso” (1Jo 4.20). John Piper fala a esse respeito da seguinte maneira:

> Paulo diz que “o amor não é rude” (1Co 13.4-5). E essa ideia de rudeza significa que não ofende contra as expectativas culturais. E a grosseria muda de cultura para cultura. O amor não está tão envolvido em si mesmo que não preste atenção a coisas como o que as expectativas são nesse grupo. A Bíblia também diz: O amor considera os outros mais significativos do que nós mesmos (Fp 2.1-3). E o amor leva o pensamento para os interesses dos outros, não apenas para nós mesmos. Assim, em casos de atraso, ele podem tornar-se um grave pecado se muitas pessoas estão sendo seriamente prejudicadas por essa razão.[4]

Existe um tipo de ódio, de amor menor, que se manifesta a partir do momento em que não ligamos para os horários. É uma falta em considerar o outro como superior a você mesmo, como ordena Paulo (Fp 2.3). Piper também diz que, “se seu atraso está

atrapalhando o grupo, fazendo com que outros precisem trabalhar com mais dificuldade, você não está agindo com amor — e isso se torna uma questão moral".[5] De modo semelhante, falando do atraso como um roubo, meu amigo Pedro Pamplona diz o seguinte:

> Quando algo depende de você, cada minuto do seu atraso é um minuto roubado de outras pessoas. Numa realidade em que o tempo é escasso, esse é um grande roubo. Quantas coisas edificantes e produtivas alguém poderia fazer no tempo em que esteve esperando por você? [...] Pensar no atraso como quebra do sétimo mandamento (Êx 20.15) pode ser uma boa forma de chamar a atenção do seu coração para esse erro.[6]

Quando Paulo escreve 1Coríntios, diz que se considerava um devedor de todos os homens, como alguém em débito, um escravo de todos. Ele se via como menor que os outros. Quando a pessoa a quem você deve muito dinheiro lhe pede um favor, você não vai negar ajudá-la. A dívida transforma os relacionamentos. Quando nos interpretamos como devedores, o modo como tratamos o tempo dos outros, a quem nós já devemos, se transforma. Você considera o tempo do outro mais importante que seu tempo, e se submete a servir, para chegar na hora, para que a mentira, o roubo e o desamor não se manifestem no relacionamento.

O ATRASO É UMA MÁ PREGAÇÃO

Você sempre diz algo com o que você faz. Quando se atrasa, dependendo da gravidade, você está dizendo a Deus, a seus irmãos, aos ímpios e a si mesmo que não é uma pessoa de confiança, que não é responsável, que não é madura nem amorosa. Você diz aos seus amigos que não se importa tanto com eles. Diz ao mundo que os cristãos não cumprem a própria palavra. Com seus atrasos, você prega. E o que você tem pregado?

O atraso prega algo ruim sobre você. Ele gera desconfiança e mau julgamento. Faz com que as pessoas tenham de mentir para

você. “Marca com o pessoal às cinco e meia, porque, se marcar às seis horas, só vai começar às sete.” As pessoas precisam marcar horários falsos para que as coisas possam começar na hora. A vida fica mais complexa desse jeito. Pedro Pamplona também assinala: “Ser conhecido como aquele que não honra compromissos, que não se importa com horários e não tem palavra não condiz com o testemunho cristão”, e cita Provérbios: “A boa reputação vale mais que grandes riquezas; desfrutar de boa estima vale mais que prata e ouro” (22.1), além de nos lembrar que “boa reputação é requisito do homem e da mulher de Deus” (At 6.3; 1Tm 3.7).[7]

Muitas vezes, atrasamo-nos para entrevistas de emprego ou para coisas igualmente sérias. Todos os anos nós temos o festival dos atrasados do Enem. Enquanto muitos jovens acampam durante semanas a fio em filas de shows, muitos chegam tarde para o Exame Nacional do Ensino Médio por motivos esdrúxulos. Eu sou um sádico dos atrasados do Enem. Como sempre, fui o primeiro nas filas em minhas provas, gosto de ver a chuva de lágrimas caindo nos portões fechados de quem chega tarde na prova mais importante da vida. Tudo bem, talvez eu tenha um problema para resolver com Deus, mas ninguém leva a sério esse tipo de gente. O que estamos pregando ao mundo quando nos atrasamos? Você não vê ninguém defendendo atrasados do Enem. Em geral, é alguém que agiu de forma irresponsável. Nas entrevistas, encontramos quem dormiu demais, quem foi fazer compras na rua 25 de Março, quem esqueceu a data. No fim das contas, aquilo que você diz às pessoas quando chega tarde em coisas importantes é que você é um irresponsável, uma pessoa imatura que não tem compromisso com a vida. Você não contrata quem chega atrasado para a entrevista e demite funcionários que nunca chegam na hora.

O que você tem pregado? Jesus disse: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.16). O que estamos dizendo ao mundo? Um mau relacionamento com o relógio é uma luz que não brilha a luminescência correta. Alguns bufês de

casamento instruem casais crentes a marcarem nos convites horários ainda mais cedo do que o contratualmente combinado, porque crente nunca chega na hora em nada. Já pregamos ao mundo um “horário crente de verão”, que já é marca nossa para os ímpios. O testemunho que passamos para o mundo é que os cristãos não respeitam as instituições e agem assim de forma endêmica.

O ATRASO É UMA DETURPAÇÃO DE VALORES

Pense comigo. Quem deve ser mais honrado em um compromisso: aquele que chega na hora ou aquele que chega fora do horário? A gente pensa que, obviamente, é aquele que respeita o que foi combinado. No entanto, os eventos precisam muitas vezes atrasar para esperar aqueles que vão chegar só depois. Assim, o ônibus do acampamento precisa desonrar aqueles que respeitaram o horário em prol de esperar aqueles que não acataram aquilo que foi combinado. E há uma inversão de valores. Aquele que chega depois torna-se mais importante que aquele que chega antes. Nenhum organizador de evento quer começar sem ninguém no prédio. Às vezes, os pastores querem esperar mais dois ou três irmãos chegarem para dar início ao culto. Com frequência, desprezamos quem chega primeiro, que deveria ser mais honrado e bem tratado porque respeitou o horário, em prol de esperar por quem está descumprindo aquilo que foi combinado, que é quem vai chegar depois.

Quando você chega depois, alimenta essa deturpação de valores. Quando nós, nos cultos que organizamos ou nos eventos em que trabalhamos, agimos dessa forma, estamos colaborando para uma cultura do atraso: o atraso baseado na desesperança. Uma cultura do atraso desonra o significado das instituições e aquilo que elas marcam para todo mundo.

O ATRASO É UM PECADO

À exceção daquele atraso programado, em que as circunstâncias e contingências imprevistas afetam nosso tempo, e daquele completamente imprevisto, há algo de pecaminoso em não chegar no horário. Será que vemos as coisas com tamanha seriedade? Se o ato de nos atrasarmos por pura irresponsabilidade e falta de organização (não por infortúnios imprevisíveis) é uma mentira, uma falta de amor, um roubo e uma pregação falsa, então só podemos caracterizar tal ato como pecaminoso, além de uma ofensa ao Senhor. Quando consideramos nosso tempo mais importante que o tempo do outro, quando não nos importamos em deixar o outro esperando, quando não respeitamos os tratos que combinamos com o outro — tudo isso representa desamor ao irmão e desonra a Deus. O Senhor do tempo é desonrado a cada atraso. Precisamos nos arrepender e confessar ao Senhor nossas fraquezas, a fim de nos reconciliarmos com ele.

Será que também não deveríamos ter vergonha de levantar a mão quando perguntam na igreja quem tem problemas com horário? Não deveríamos tratar isso como se fosse uma bobagem, mas como algo sério. “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca” (1Jo 5.18). Quem é nascido de Deus não vive mais na prática do pecado e luta para vencer suas falhas morais, por menores e mais socialmente aceitas que sejam.

CONSELHOS AOS PONTUAIS

E aqui os moços, que geralmente são melhores em relação a horário que as mulheres (ou isso está mudando?), haja vista que não precisam de maquiagem e costumam ter mais facilidade para pentear os cabelos (ou isso está mudando também?), podem encontrar um espaço para a felicidade e a alegria, uma vez que não se veem tão frequentemente desrespeitando os horários em comparação com suas namoradas e esposas — pelo menos, de forma geral (existem homens que levam mais tempo para despentear organizadamente o cabelo que mulheres para penteá-los de forma impecável). Precisamos de conselhos aos pontuais

aqui. Devem existir mais pessoas como eu e precisamos fugir de outros extremos.

NÃO DEVEMOS SER LEGALISTAS

Imprevistos acontecem, pneus furam, ônibus atrasam, dragões siameses de quatro cabeças invadem nosso plano astral e cospem fogo por toda a cidade. É a vida. Não devemos ser pessoas rabugentas que estão sempre de cara fechada, olhando para o relógio, esperando o ponteiro maior cruzar a marca cósmica que anunciará seu companheiro como cerimonialmente impuro por conta do atraso. Não use essa meditação como uma arma apontada para quem aparece fora do horário marcado. Tire essa cara de quem chupou limão sem sal e trate bem os *atrasildos*.

Devemos tratar os outros sempre com graça: “A resposta calma desvia a fúria, mas a palavra ríspida desperta a ira” (Pv 15.1). Se tratarmos os outros que chegam atrasados sempre com dureza, perderemos nossos irmãos. Se o primeiro comentário no culto que começou fora de hora é uma bronca em quem chegou tarde, você desperta ódio nos corações. Devemos repreender brandamente, a fim de produzir calma e arrependimento genuíno nos corações.

DEVEMOS SEMPRE PERDOAR

Quantos atrasos devo perdoar, Senhor? Um? Dois? Até três se forem de menos de 15 minutos? O padrão do evangelho é que o perdão deve ser entregue de forma deliberada. Segundo o evangelho, é preciso perdoar os malfeitores sempre que eles pedirem perdão. Claro que você deve repreender amorosamente o pecado de seus iguais (excomunhão por atrasos frequentes e não arrependidos, já pensou?), mas você precisa sempre estar pronto para *deixar pra lá* as ofensas recebidas. “E, quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial perdoe os seus pecados” (Mc 11.25). Você já se atrasou na vida também. Você já demorou no banho, já

esqueceu o horário do ônibus e já quis passar mais tempo deitado. Você já errou no horário em algum compromisso na vida. Você já precisou de perdão pelo horário. Então, você precisa transmitir o mesmo perdão que recebeu.

DEVEMOS EVITAR A PARANOIA

Eu era simplesmente maluco, e Deus foi trabalhando isso em mim, devagarzinho. Parece uma bobagem, mas é o tipo de bobagem que nos torna socialmente (ou espiritualmente) desagradáveis. Vá por mim: ser paranoico em relação a algo é simplesmente um inferno. Isso acaba roubando sua alegria e transformando você em alguém estressado, ansioso e bufão. Muitas vezes, temos de largar a idolatria por pontualidade. Ore a Deus e abandone a veneração por horário. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1Pe 5.7). Não devemos ficar exageradamente apreensivos para que os horários sejam cumpridos. Deus nos cura das pequenas loucuras diárias.

UM EVANGELHO PARA ATRASADOS E PONTUAIS

Existe, de fato, um evangelho tanto para os atrasados como para os pontuais. Os que se acham santos no mundo dos horários precisam entender que todos já se atrasaram e carecem da glória de Deus. Agostinho escreveu em suas *Confissões*: “Tarde te amei!”, como foi tão bem musicalizado por Stênio Marcius e Diego Venâncio e, posteriormente, pelo Projeto Sola. Até onde sei, nenhum de nós nasceu salvo. Deus estava chamando todos nós ao arrependimento, e já nascemos negando esse chamado. Assim, não importa com quantos anos você se converteu a Cristo, você devia ter-se convertido antes. Nenhum de nós atendeu ao chamado de Deus tão logo aconteceu. Nós chegamos tarde à fé. Foi tarde que nos arrependemos. Foi tarde que chegamos ao encontro com Deus. Eu deixei o Senhor esperando por 14 anos. Alguns se atrasaram mais; outros, menos. Os pontuais precisam ver a si mesmos como

pessoas que cometeram um atraso gravíssimo com o Criador de todo o tempo. Precisamos lidar com nossa própria fraqueza quando os outros também não respeitam nossos horários.

Claro que fomos salvos, em certo sentido, na hora certa, quando Deus venceu nossa rebelião e nos trouxe para si, mas isso foi após negarmos por anos o chamado do evangelho para nos encontrar com Deus. “Todos pecaram” (Rm 3.23), sem exceção. Todos se atrasaram. Todos caminharam para longe dos horários. Todos desrespeitaram o tempo de Deus.

O evangelho também fala aos que se atrasam. Gálatas 4.4 fala sobre o tempo da encarnação de Cristo em termos de “plenitude dos tempos”. Deus enviou seu filho, nascido de mulher, no tempo certo. Jesus chegou na hora. O tempo da vinda de Cristo foi estabelecido pelo próprio Deus, e foi um tempo que se cumpriu. O cumprimento desse tempo foi estabelecido na vinda de Jesus. Ele cumpriu seus horários e chegou no tempo certo para resgatar seu povo. O próprio Deus obedeceu ao tempo que ele próprio estabeleceu. Cristo não se atrasou em nosso resgate e redenção. Se Cristo é aquele que imitamos em nossa vida, então abraçamos a compreensão do pecado de que todos nos atrasamos contra Deus, mas também abraçamos a redenção que há no Cristo que chegou na hora, na plenitude do tempo perfeito, para nosso resgate.

Seria ótimo que os patrões ímpios descobrissem que chegamos na hora porque Jesus cumpriu seus horários. Quanto impacto não seria quando explicássemos que chegamos cedo por causa da obra que Cristo começou em nosso coração. Com isso, pregaríamos ao mundo que nosso relacionamento com o relógio também é para a glória de Deus. Atraso e pontualidade importam à luz do que o evangelho faz em nossas vidas.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Quais são os tipos de atraso e o que motiva cada um deles?
2. Por que o atraso é uma mentira, um desamor, um roubo, uma má pregação, uma deturpação dos valores e um pecado contra o outro e contra Deus?
3. Qual é a forma cristã de responder quando outras pessoas se atrasam?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Qual é o tipo de atraso que mais se manifesta na sua vida? Qual a motivação ou prática mais comum que faz com que você se atrase? Como você pretende vencer isso, usando o poder do Espírito?
2. Se o atraso é ruim das mais variadas formas, quais têm sido seus efeitos em sua vida com Deus e em seus relacionamentos? Como sua própria vida já foi prejudicada pelo atraso?
3. Como o evangelho responde ao problema do atraso em sua vida, ou mesmo ao seu relacionamento com quem se atrasa com você? O que a doutrina do pecado e a vinda de Cristo ao mundo falam diretamente ao seu coração?

#2 INSÔNIA

COMO LOUVAR A DEUS DORMINDO

“[...] vá dormir em paz. Deus está acordado.” [8]

(Victor Hugo, em “Carta para Savinien Lapointe”)

O cristão é alguém que trabalha para Deus. Por definição, qualquer seguidor de Jesus tem mais atividades que um ímpio comum. Homens sem Deus não se preocupam com evangelismo, com reuniões de oração, com vigílias, com assembleias, com devocional, com a escola dominical, com comunhão ou com seminário. A vida do cristão possui mais trabalho que a vida do descrente, e ele acaba tendo mais coisas para fazer. Você trabalha o dia todo, faz faculdade à noite e ainda precisa preparar o estudo do grupo de jovens, ou ler sua Bíblia e orar pelos irmãos. Tentando praticar coisas úteis à vida espiritual, o cristão acaba abdicando do sono. Nos anos mais avançados do seminário, ao reclamarmos da quantidade de trabalhos, os professores perguntavam: “O que você faz da meia-noite às seis da manhã?”, e a resposta era: “Estou estudando a matéria do outro professor”. Para colocar tudo em dia, acordamos cedo e dormirmos tarde.

Às vezes, a madrugada acordada tem como objetivo uma maratona na Netflix. Há tanto entretenimento disponível em nossa cultura que abrimos mão do sono para satisfazer nosso desejo por divertimento. Dormimos horas mais tarde rolando a *timeline* do Facebook. Quando eu era pré-adolescente, dormir apenas três horas por noite era algo normal, e isso teve início quando ganhei meu primeiro computador — um *FlexPC* da Insinuante, com processador *Celeron D*, 80 GB de HD e 256 de memória RAM.

Os mais novos talvez nem saibam o que isso significa, mas usávamos internet discada: 56 kbps de velocidade máxima, se tivéssemos sorte. Sempre que o relógio do PC marcava meia-noite, eu corria para conectar o cabo do telefone e ouvir aquele barulhinho maravilhoso que o *gabinete* fazia. Com isso, pagávamos apenas um pulso, mesmo que passássemos horas usando a internet (promoção que só funcionava na madrugada e nos fins de semana). Quando mudamos para a sonhada *banda larga* — só magnata tinha isso, anos antes —, minha rotina de sono se manteve por bastante tempo, até mesmo após já convertido.

Quando eu cursava Ciências Contábeis, minhas práticas insones se intensificaram. Faculdade de dia, evangelismo à tarde, cultos e eventos da igreja à noite e trabalhos *freelancer* para ganhar alguma grana de madrugada, além da bolsa de iniciação acadêmica três vezes por semana. Minha rotina de (falta de) sono se tornou tão caótica que desenvolvi um problema de dor crônica no corpo. O famoso pregador Robert M'Cheyne, à beira da morte, aos 29 anos, na Escócia, dizia em seu leito: "O Senhor me deu uma mensagem e um cavalo. Matei o cavalo. Oh, o que devo fazer com a mensagem agora?". Matamos nosso corpo através do mau uso dele. Por ordens médicas, preciso dormir bastante, além de outras coisas, para conseguir viver com o mínimo de conforto.

Assim, tive de mudar todo o modo como eu considerava o ato de deitar ao anoitecer. Da noite para o dia, sem trocadilho, precisei deixar de ser alguém que cria que dormir era algo opcional, que brincava com os pais respondendo "dormir pra quê?" quando era mandado pra cama, para ser alguém que precisava dormir bem — às vezes, com base em medicação. Abraçar uma boa noite de sono me deu ótimas lições acerca do propósito para o qual Deus criou o sono.

O EXU DA INSÔNIA

Mas nem sempre a insônia aparece como uma escolha de vida, mas como algo que lhe é quase imposto. Em algumas ocasiões, a insônia é uma presença física externa a você. Não acontece dentro, mas fora do corpo. É um ente muitas vezes de pé, ao seu lado na cama, cuja respiração muda você pode sentir, ainda que não possa ver. Às vezes, deita-se ao seu lado, fitando através de seus olhos o mais profundo de sua alma. Então, mudamos de leito, trocamos de lado, mas ela sempre está ali presente, do mais profundo abismo às asas da alvorada. Deifica-se diante da impotência do sono inalcançável. E, se ela nos pedisse, ofereceríamos sacrifícios e oblações, mas não há carta de resgate. É um diabo mudo, que vence você pelo cansaço, e o pior dos cansaços: aquele que fecha seus olhos, mas não apaga a luz da alma.

Tudo o que você queria era exorcizar a insônia e casar para sempre com o travesseiro, mas uma noite inteira de vigília imposta é o que há de mais próximo a ser enganado por um cafajeste que não tem a intenção de se casar. Você deita, crendo que logo o sono virá levá-lo ao altar, mas, em pouco tempo, logo percebe que algo não está muito certo. Algumas desculpas vão surgindo para adiar o grande momento. A mola do colchão não está boa, o ventilador está muito forte, a posição não está confortável o suficiente. Aí você vai tentando suprir as expectativas cada vez mais desleais desse relacionamento. Você vai fazendo tudo certinho, mas nada. Você começa a ficar bravo, pensa em brigar, mas imagina que acirrar os ânimos só afastaria ainda mais o desejado. Então, forçosamente, relaxa e espera. Espera. Espera um pouco mais. E, quando você está prestes a pedir carta de desquite, surge alguma indicação de que o grande dia está próximo. É o pedido de noivado de quem quer enrolar você só mais um pouco. Os olhos pesam, o corpo amolece e você aguarda o grande dia. Mas esse dia não vem. Você olha nas vitrines vestidos brancos que só agora percebe que nunca vai vestir. Então, você desiste. Tira a aliança do dedo e se levanta da cama. Às vezes, o melhor mesmo é pular fora de relacionamentos que só fazem mal a você.

A insônia pode ser fruto de ansiedade, de má alimentação ou de distúrbios dos mais variados. Você pode precisar de tratamento médico. Aqui, não estou criticando a insônia que lhe é imposta por não conseguir dormir, mesmo com esforço, mas a insônia consciente e escolhida, aquela que despreza os limites do próprio corpo.

LIÇÕES DO SONO

Deus também fala através da cama quentinha. C. J. Mahaney fala que, como "Deus providenciou o sono", nós devemos estar determinados "a manter uma perspectiva bíblica do sono", de modo a "glorificar a Deus toda noite quando fechar os olhos".[9] Ele diz o seguinte:

> Muitos cristãos dormem noite após noite sem ser informados e inspirados pelo que as Escrituras ensinam sobre o sono. Muitos de nós nunca consideramos nosso sono a partir da perspectiva de Deus, embora professemos amá-lo e servi-lo. Nossa prática e perspectiva quanto ao sono não são diferentes daquelas que os descrentes têm. Isso precisa mudar.[10]

Há cinco coisas importantes que o Senhor me ensinou através da escola do sono.

APRENDI QUE O TEMPO É POUCO

Antes, eu tinha a impressão de que meu tempo era ilimitado. Era muito tranquilo assumir novas responsabilidades. Eu podia tomar toda necessidade como um chamado. Se meus compromissos se acumulassem, tudo o que eu precisava era dormir mais tarde (ou não dormir por alguns dias) e fazer tudo o que eu precisava. Isso me dava a impressão de que eu poderia bancar qualquer coisa, não importando se eu tinha tempo livre ou não. Agora, com uma incapacidade que me obriga a dormir, entendi que meu tempo é limitado — e como eu estava iludido, tentando ser o herói de mim

mesmo! Eu achava que poderia ser o messias que resolveria todos os problemas. Nunca poderemos fazer tudo o que desejamos, e precisamos ser diligentes em saber onde nossas forças são mais bem-empregadas. Nosso ânimo não é tão grande quanto imaginamos. Como disse Paulo, devemos andar "como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus" (Ef 5.15-17). Você tem cuidado do seu tempo ou o tem usado de forma irresponsável, vivendo de qualquer jeito, passando horas rolando para baixo a *timeline* do Facebook? Cada dia é muito menor do que imaginamos.

Com o sono, Deus nos ensina que não temos tempo para tudo e que dependemos do tempo dos outros para ser relevantes para a igreja e o mundo. Não podemos cuidar de todos os ministérios. Você não tem tempo para assumir todas as atividades. Você não tem tempo para abraçar todos os compromissos. Você precisa que outros também dediquem o próprio tempo para que a igreja caminhe. Em 1Coríntios, no capítulo 12, Paulo diz que Deus entregou certos dons para esses e dons diferentes para aqueles, a fim de que todos dependessem uns dos outros. A imagem que o apóstolo está evocando é que ninguém possui todos os dons, portanto precisamos sempre de ajuda. O interesse do Espírito é que ninguém se baste, que ninguém seja suficiente. O Espírito Santo *trabalha* em nós através do que ele *não trabalha* em nós. Ele trabalha em nós através dos talentos que ele não nos dá, a fim de que precisemos dos talentos que ele deu aos outros. Não temos todo o tempo do mundo e, para a igreja funcionar, precisamos que outros se dediquem. Precisar dormir nos lembra disso. Há uma boa interdependência na igreja de Deus quando aceitamos nossa incapacidade de assumir todos os compromissos.

APRENDI QUE A VIDA É CURTA

Quando você completa 21 anos, isso significa que você passou pelo menos sete anos da vida dormindo. Você consegue imaginar isso? Quando você tiver 60 anos (se chegar lá, um dia), terá passado vinte anos inteirinhos inconsciente. Imagine que, se você

for um leitor de 20 anos, aos 60 tudo o que você viveu até agora foi apenas dormindo. É importante escolher um bom colchão — um terço de sua vida você passa sobre ele. Se, antes, eu tinha a impressão de que havia toda uma vida pela frente, ao encarar a necessidade do sono, pude perceber que a vida é muito mais curta do que parece.

A Escritura testifica, em vários locais e de várias maneiras, acerca da brevidade da existência humana. Isaías usa as seguintes palavras poéticas: “Seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor” (Is 40.7-8). Davi, por sua vez, entoou um louvor, dizendo: “Como a sombra, são os nossos dias sobre a terra, e não há outra esperança” (1Cr 29.15). O salmista, por várias vezes, entoou a Deus: “Pois todos os nossos dias vão passando”, “acabam-se os nossos anos como um conto ligeiro”, “Porque o homem, são seus dias como a erva; como a flor do campo, assim floresce; pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não conhece mais” e “O homem é semelhante à vaidade; os seus dias são como a sombra que passa” (Sl 90.9; 103.15-16; 144.4). Tiago ensinou sobre esse tema ao povo que vivia em meio a vários sofrimentos: “Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece” (Tg 4.14). Creio que ninguém lamentou mais a brevidade da vida do que Jó: “Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão e perecem sem esperança”, “a minha vida é como o vento”, “nossos dias sobre a terra são como a sombra”, “os meus dias são mais velozes do que um corredor; fugiram e nunca viram o bem. Passam como navios velozes, como águia que se lança à comida”, “sai como a flor e se seca; foge também como a sombra e não permanece” (Jó 7.6-7; 8.9; 9.25-26; 14.2).

Nós somos um breve respirar. Somos como a relva. Somos como neblina. Na minha lua de mel, fui com minha esposa para o único lugar frio do Ceará, em Guaramiranga. Pela manhã, vi neblina

pela primeira vez na vida e corri para o quarto a fim de pegar a câmera. Quando, nos segundos seguintes, eu estava posicionado para fazer o registro, a neblina já havia ido embora. A vida é curta e frágil. Você pisca e já era. Hoje, você tem 40, ontem tinha 30, anteontem tinha 10, amanhã terá 60. A existência passa rápido.

A vida não é só curta, como também frágil. A qualquer momento, você pode ser chamado de volta. Certa vez, como alguém disse: “um puxão no gatilho e já era. Um tropeção na bordinha. Atropelado na estrada, engasgado com osso de galinha, esfaqueado, acidentado, doente, traído… Tantas formas de morrer que me admiro de ainda estar vivo”.[11] Como você tem vivido os projetos de Deus? No fim de Tiago 4, o autor chama de orgulho acreditar que, necessariamente, viveremos o dia de amanhã a ponto de desperdiçarmos oportunidades de fazer o bem. Você tem procrastinado o agir do Espírito Santo em sua vida? Está achando que tem todo o tempo do mundo para realizar todas as obras que quiser no tempo que quiser? O tempo é curto, a vida é breve e nós precisamos viver com essa urgência em nosso coração, vivendo os anos para a glória de Deus.

APRENDI QUE SOU FRACO

Preciso descansar durante um terço da vida para poder permanecer acordado nos outros dois terços. É como se meu celular precisasse passar uma hora desligado para cada duas horas funcionando. Certo, ele já é quase assim, mas imagine seu carro precisando passar uma hora estacionado para cada hora funcionando. Deus não poderia ter-nos dado mais resistência, permitindo-nos dormir apenas uma hora por semana? Claro que sim. Ele nos fez dessa forma deliberadamente, e isso nos ensina a considerar apenas Cristo como forte.

“Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel” (Sl 121.4). Só Deus não dorme e, quando, muitas vezes, somos irresponsáveis com nosso corpo para assumir todos os

compromissos que assumimos de forma irresponsável, estamos tentando nos igualar a Deus e nos colocar como iguais ao Senhor. Queremos ser o guarda de Israel e nunca dormitar como Deus. Tentamos emular forças que não temos. Chega uma hora que o corpo sente, com doenças diversas e fraquezas mil. Falta de sono desregula a produção de dopamina e endorfina no corpo, causando depressão. Talvez alguns de nossos problemas internos sejam nada mais que o preço da falta de sono. Sem a força que vem de Deus, serei inútil não só em sua obra, mas também nas atividades mais básicas da vida. Ele mesmo disse: “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15.5).

Cremos que é tranquilo abrir mão das noites, e que as noites não nos cobrarão nada de volta. Saúde, disposição e alegria costumam ser ciumentas, e logo nos abandonam quando começamos a ter amizades à noite. Miguel de Cervantes fala, no início de *Dom Quixote*, que o famoso fidalgo “embebeu-se tanto na leitura que passava as noites de claro em claro e os dias de turvo em turvo; com o muito ler e o pouco dormir se lhe secou de tal maneira o cérebro que perdeu o juízo”.[12] Queremos fazer mais, mas acabamos sofrendo mais perdas do que ganhos. A noite não é uma amiga fiel. O que a noite sem dormir pode nos dar por um lado, também pode nos tirar por outro.

Você já passou pela experiência de lutar contra o sono e não conseguir? O seriado está ótimo, mas são três e meia da manhã e você simplesmente adormece. Você está no trânsito e causa um acidente porque perdeu a batalha contra Morfeu. Perdemos batalhas que Deus nunca intentou que existissem. O sono não deveria ser nosso inimigo, e só o é quando denuncia nossa fraqueza. Precisamos fazer as pazes com nosso travesseiro e encerrar a guerra contra o sono, aceitando nossa própria pequenez, diante da limitação da humanidade. C. J. Mahaney propõe uma percepção e uma oração:

O sono é um presente, mas é do tipo que nos humilha. Na maioria das vezes, em questão de horas, você já está pronto para receber de Deus, mais uma vez, o dom do sono. Deixe-me encorajá-lo a fazer a seguinte oração quando esse momento chegar: “Senhor, obrigado por esse presente. O fato de eu estar tão cansado é um lembrete de que sou a criatura e só o Senhor é o criador. Só o Senhor não dormita nem dorme; quanto a mim, não posso viver sem dormir. Obrigado por esse dom gracioso, humilhante e revigorante”.[13]

APRENDI QUE DEUS TRABALHA

Odeio esperar que as coisas aconteçam. Acho que o inferno deve ser uma longa fila no Bradesco, onde você espera e nunca chega sua vez, eternamente. Sou do tipo que coloca a mão na massa e vai procurar o que deseja. Não que isso seja um defeito. Deus não quer que seus filhos sejam preguiçosos. Porém, a Palavra de Deus nos diz que ele nos dá enquanto dormimos. “Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão de dores, pois ele supre aos seus amados enquanto dormem” (Sl 127.2). Deus age enquanto nos deitamos.

Você é um agricultor que ara o solo, planta o milho, rega as sementes e põe adubo. Há um momento, no entanto, em que você precisa sentar e deixar as árvores crescerem. Ficar sentado olhando para o trigo não vai fazer com que ele fique maduro mais rápido, assim como ficar no portão olhando para a esquina não vai fazer a filha chegar mais cedo em casa. Chega uma hora em que nosso trabalho acaba e só resta o trabalho de Deus. Quando já fazemos o que tínhamos de fazer, nosso esforço não tem mais valor. Quando nos entregamos e rejeitamos a dádiva do sono, estamos considerando nossas obras mais importantes e mais eficientes que o trabalho de Deus. Ele mesmo disse que trabalha enquanto estamos dormindo. Dormir é um ato de fé. É confiar no trabalho de Deus e naquilo que ele está fazendo por nós. É deixar que ele opere enquanto nós estamos inoperantes. O trabalho que

desempenhamos acordados não é superior àquele que ele realiza enquanto dormimos.

Com frequência, a insônia está relacionada a um tipo de ativismo que nos separa do descanso em Deus, na tentativa humana de se justificar pelas obras e fazer com que Deus goste de nós através do que fazemos para ele. Tentando comprar a salvação por meio do serviço, usamos a madrugada como hora extra do legalismo, a fim de galgar ainda mais obras para Deus. Uma conhecida que saiu do catolicismo romano confessou que rezava o Terço várias vezes por dia, tentando fazer com que Deus a aceitasse pela bondade, mas nunca se sentia boa o bastante. Isso fazia com que ela adentrasse em ascetismos mais profundos, mas nunca vencia o sentimento de imerecimento. Ela estava certa. Nunca vamos fazer o suficiente. Nunca vamos orar o bastante, ler o bastante, servir o bastante ou amar o bastante. Se eu peço para levantar a mão quem acha que ora o suficiente, nenhum ser humano tem coragem de levantar uma mão. Algumas coisas não foram feitas para ter um limite. Se tentarmos nos justificar diante de Deus por meio delas, adentraremos na pior das neuroses religiosas, e a noite será sempre nosso cadafalso assassino. Serão noites em claro, mas em vão. Deus dá enquanto dormimos.

Claro que haverá momentos nos quais devemos usar a madrugada. Não estou dizendo que é pecado dormir depois da meia-noite. Algumas circunstâncias da vida acabam cobrando isso. Muita gente trabalha o dia inteiro, faz faculdade à noite e ainda precisa estudar e fazer seus trabalhos. Há dias e dias. Perceba a ironia de este livro ter sido escrito fundamentalmente durante as madrugadas. Porém, precisamos administrar o sono como quem conta as faltas na faculdade. Quando você dorme mal todo dia, quando usar a madrugada é rotina, quando dormir bem é algo opcional e uma noite de sono é artigo de luxo, então há um alerta sendo tocado para que você possa rever quais são as motivações de suas obras.

APRENDI A DESEJAR AS PROMESSAS DE UM NOVO CORPO ESPIRITUAL

Na flor da idade e no auge da força física, os jovens não encontram muito valor nesse tipo de promessa. Eu não costumava pensar sobre a nova vida que teremos com Deus na eternidade. Amava falar sobre isso, mas não costumava gastar muito tempo meditando sobre o significado de morarmos com Deus, para sempre. Lá, as dores físicas passarão. Lá, toda lágrima será limpa de nossas faces. Lá, nossos corpos serão transformados — sem mais cansaço, fadiga ou doenças. Não haverá costas entrevadas à noite, nem rigidez matinal ao acordar.

Dormimos por causa de limitações físicas, por incapacidade fisiológica. As intempéries do pecado afetaram nosso ser por completo, até mesmo no sono. Na redenção final, então, o pecado e seus efeitos nos abandonarão. Podemos encontrar gozo em saber que “semeia-se corpo natural”, mas “ressuscitará corpo espiritual” (1Co 15.44). No futuro, haverá descanso eterno; então, faremos as pazes com o sono. Ele será um amigo que visitaremos sempre que tivermos vontade, e não mais um intruso que muitas vezes dificulta nossa rotina.

O EVANGELHO DO SONO

Então, Deus nos deu o sono como uma analogia da salvação pela fé. O que um homem pode, efetivamente, fazer para alcançar o sono? Pelo contrário, só dormimos quando deixamos toda obra de nossas mãos. É necessário um lançar-se a uma força superior a você mesmo para, então, ser acalentado pela noite. Não dormimos, mas somos dormidos. Só abraçamos o sono se conjugarmos o “dormir” na voz passiva. Não trabalhamos para dormir. Não há como desfalecer à noite enquanto não pararmos de empurrar o pé contra a parede para balançar a rede. O insone, então, é o ímpio que ainda tenta ser salvo pelas obras, buscando encontrar vida eterna em carneirinhos e música alfa. A única diferença é que, ao contrário do que não encontra Cristo, o réprobo insone deseja sinceramente

encontrar sua salvação, e teria fé no que preciso fosse para, finalmente, tê-la. O homem não encontra a salvação com o próprio agir. É apenas quando desistimos da obra que encontramos no trabalho de Cristo nossa esperança. Quando dormimos, lembramo-nos do que foi feito em nosso lugar. Deus nos rememora que é no descanso sabático em Cristo que entramos no descanso eterno. A fé é um descanso no que Deus está fazendo. No entanto, o sono, assim como a fé, não vem de nós: é dom de Deus. Enquanto a parábola dos Talentos convida os santos a entrar no descanso do Senhor, o inferno é descrito como um momento ininterrupto de sofrimento, no qual nenhuma gota d'água é derramada para diminuir as dores dos réprobos que tentarão, inutilmente, dormir. O inferno será uma grande insônia — e, no evangelho de Morfeu, poucos encontram redenção.

> [...] dormir é uma ilustração e uma parábola do que significa ser cristão. O seu sono hoje será um ato de fé pequeno, mas real. Você coloca todo o seu peso numa cama, confiando que esta estrutura o suportará. Você relaxa completamente porque não é exigido de você nenhum esforço para suportá-lo, você está apoiado em um outro objeto. E, de certa forma, enquanto você dorme, *Alguém está segurando-o*. Isto é uma ilustração de como é pertencer a Cristo.[14]

Dormir não é mais uma simples necessidade física, mas uma manifestação da graça de Deus, convencendo-me de meu pecado, das minhas limitações, da brevidade da vida, da minha necessidade dos outros, do trabalho de Deus, e me relembrando das promessas do evangelho. A ele, pois, a glória para sempre, em todo sono, amém.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O que podemos aprender com a necessidade de dormir?
2. Quais são os muitos motivos e as variadas origens da insônia? Ela às vezes pode ser física, fruto de doenças ou distúrbios, mas quando pode ser motivada por problemas de fé?
3. Como o sono pode ser uma analogia do evangelho?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Você dorme bem? Se não dorme, o que o mantém acordado? Qual é o desejo do seu coração que o motiva a sacrificar o sono?
2. Quais resoluções pessoais você deve tomar diante de Deus para ter um relacionamento mais saudável com a cama?
3. Como o evangelho responde ao problema da insônia? Em sua vida pessoal, a Cruz deveria fazer você trabalhar mais ou menos?

#3 PREGUIÇA

NOVE CARACTERÍSTICAS DO ÓCIO

“[...] toda a nossa civilização é um produto da preguiça.” [15]

(Leszek Kołakowski, em *Pequenas palestras sobre grandes temas*)

Tiago Cavaco é o nome do meu pregador português favorito. Seus sermões e escritos (fora suas músicas — Cavaco é pastor e *rockstar*) são de uma beleza literária ímpar, emoldurando apropriadamente a Palavra de verdade, que sempre é o *logos* de seus discursos. Chamo atenção para isso porque sua obra *Seis sermões contra a preguiça*, disponível outrora apenas em Portugal, [16] mas já publicada em versão brasileira,[17] é um novo clássico da devoção cristã, que precisa, por uma questão de justiça, ser evocado sempre que se escreve sobre o ócio.

Em seu livro, Cavaco chama a atenção para o fato de que Provérbios tem o preguiçoso como uma de seus personagens principais — não como herói ou mocinho, mas como o vilão que mais aparece na trama. No texto, o preguiçoso representa o oposto daquilo que o livro aconselha: a sabedoria. É o mau exemplo que deve levar-nos à prática positiva. Somos convidados por Salomão, portanto, a olhar pela fechadura da preguiça.

ESPREITEM O PREGUIÇOSO

Imagine-se como algum inseto imperceptível numa sala de jantar, ouvindo pessoas à mesa conversando. São jovens, amigos e familiares, todos falando mal de alguém, tão mal que você sente pena. Coisas cruéis estão sendo ditas sobre um pobre

“serumaninho”, pintado com as cores mais tacanhas e sofrendo as piores e merecidas humilhações. “Como alguém poderia ser tão ruim?”, você pensa — não sobre as pessoas que fofocam, mas sobre aquele que está sendo alvo de análises tão duras. Os defeitos elencados nas conversas são graves. Então, após algum tempo ouvindo atentamente, você percebe que o pobre miserável da conversa não é outro senão você. Falavam desse modo porque não sabiam que você estava ouvindo.

O livro de Provérbios é semelhante a isso. Somos o inseto em cima da mesa ouvindo as pessoas cruéis na sala falando de alguém e, em pouco tempo, percebemos que é a nós que se referem. Provérbios pinta imagens terríveis sobre o homem tolo a fim de que ele se perceba como tal e busque o caminho superior da sabedoria e da instrução.

> Não é exagerado dizer que o Livro de Provérbios leva tão a sério o problema da preguiça que sabe que ela pode tornar uma pessoa num monstro, num estado tão descaracterizado que lhe tira a capacidade de viver enquanto pessoa normal.[18]

O livro de Provérbios nos convida a espreitar o preguiçoso em suas tolices. Ele é retratado constantemente no livro como alguém que não é de confiança (Pv 10.26; 18.9), está sempre insatisfeito (13.4; 21.15), vive cercado de problemas (15.19), anda esfomeado (19.15; 20.24) e cheio de desculpas (22.13, 26.13), nunca termina nada (12.27; 19.24; 26.15), é assolado pela pobreza (12.24), é incorrigível (26.14-16), entre muitas outras coisas. Porém, não é só o texto de Provérbios que fala sobre o preguiçoso. Neste capítulo, vamos observar nove características do ócio, adicionando três pontos aos *seis sermões* de Tiago Cavaco, a fim de perceber a grande pintura bíblica sobre esse assunto.

A PREGUIÇA É UMA RESPOSTA RUIM ÀS MALDIÇÕES DA QUEDA

Na maldição de Deus à humanidade, registrada em Gênesis 3, homens e mulheres receberam novas contingências que os levam a precisar lutar contra a preguiça em suas obras sociais, coisa que antes, no Éden, não existia.

> À mulher, ele declarou: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. [...]”. E ao homem declarou: “[...] maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão [...]”. (Gn 3.16-19)

O homem, agora, encontra um trabalho não mais apenas prazeroso, mas que também faz transpirar a testa. A própria terra sofreria com abrolhos e ervas daninhas que dificultariam o trabalho no campo. A escassez passaria a influenciar profundamente a coisa criada. Deus olha para Adão e diz que seu trabalho, que antes era uma bênção, agora seria pesaroso, iria cansá-lo. O trabalho se tornaria algo difícil para o homem.

Depois da Queda, não é difícil percebermos como a preguiça se manifesta no ser masculino por meio da fuga do trabalho. O homem, através da maldição da Queda, não quer esforçar-se em seu trabalho, não quer se preparar para o mercado ou arrumar uma profissão. Agora, o homem quer ficar em casa, descansando, jogando videogame, curtindo a vida. Os empregos se tornaram penosos para muitos homens, e a preguiça é a embriaguez que os leva a abandonar o ministério do trabalho.

O mesmo aconteceu com o ser feminino, mas em outra área. Agora, a mulher encontra um parto não mais contido em suas penosidades, mas sofrido e doloroso. Nisso, a preguiça se manifesta na mulher como uma fuga da maternidade. É muito comum ver no Facebook algumas mães que vivem de reclamar do trabalho que os filhos dão, levando jovens ao medo da maternidade

e da vida matrimonial. Vi uma entrevista em que uma mulher dizia que não passaria pela morte que era o casamento. Para muitas mulheres, então, a Queda as afetou, fazendo com que o matrimônio e a maternidade se tornassem pesarosos.

Assim como o homem tenta fugir do trabalho por conta da preguiça, as mulheres tentam fugir da família por causa da preguiça. A preguiça, então, se manifesta, num primeiro momento, como uma maldição por causa do pecado. O plano de Deus é que o trabalho fosse prazeroso e que não teríamos preguiça de trabalhar, assim como a maternidade não seria tão dolorosa e as mulheres não sofreriam tanto para ter filhos. Agora, por causa da Queda, o trabalho, a maternidade — enfim, grosso modo, tudo o que fazemos está sujeito à maldição do desgosto, da preguiça e do marasmo. Cabe aos homens e às mulheres vencerem as tentações modernas de abraçar a fuga de seus trabalhos. A preguiça é uma maldição que se manifesta justamente por causa do pecado.

Aceitar-se como alguém preguiçoso, então, é aceitar a si mesmo como pecador. Lutar contra a preguiça é lutar pela santidade. Deus deseja que encontremos a redenção em uma luta contra o pecado, portanto contra a preguiça. Não fazer isso é submeter-se à maldição da Queda.

A PREGUIÇA É UM ESFORÇO ESTÚPIDO PARA O MAL

Ser preguiçoso é não ser inteligente com aquilo que Deus deu a você. A preguiça faz com que tudo à sua volta caminhe para a ruína. Por isso, o livro de Provérbios retrata o ocioso como alguém sem juízo. O motivo da estupidez em relação à preguiça é justamente seu efeito negativo no mundo e na vida do próprio preguiçoso.

> Passei pelo campo do preguiçoso, pela vinha do homem sem juízo; havia espinheiros por toda parte, o chão estava coberto de ervas daninhas e o muro de pedra estava em ruínas.

> Observei aquilo, e fiquei pensando, olhei e aprendi esta lição: “Vou dormir um pouco”, você diz. “Vou cochilar um momento; vou cruzar os braços e descansar mais um pouco”, mas a pobreza lhe virá como um assaltante, e a sua miséria como um homem armado. (Pv 24.30-34)

O preguiçoso não é alguém que não faz nada. O preguiçoso é alguém que faz o mal. Estar fazendo coisa nenhuma é maldade, segundo Provérbios. O homem preguiçoso, sem juízo, simplesmente cruzou os braços e viu a ruína de sua vinha e a queda de seu muro. Ele facilmente descansou mais um pouco e todo o chão estava coberto de ervas daninhas e espinheiros. Fazer nada, entregando-se à preguiça, é deixar que as coisas que estão à sua volta pereçam. Basta ficar parado que sua casa vira uma bagunça. Tente passar uma semana sem arrumar o quarto e você encontrará cuecas dentro da geladeira. A preguiça não é algo que não é feito, mas algo feito contra Deus. Não é fazer zero, mas fazer o mal. O preguiçoso não está em neutralidade, mas em maldade efetiva. O ocioso efetivamente destrói sua propriedade quando não faz nada. Os efeitos da preguiça em nossa vida são devastadores. Por isso, trata-se de uma estupidez, de uma insensatez. Quando “fazemos nada”, praticamos o mal, produzimos coisas ruins.

Considerando que o efeito do pecado no mundo cria o princípio de que as coisas tendem a se desorganizar, passando da ordem para a desordem, precisamos constantemente usar nossas forças para tentar gerir o caos e a bagunça que surgiram depois da Queda. Você não precisa chafurdar na lama; basta não tomar banho para ficar fedendo. Não precisa vomitar para ficar com fome; é só não comer que você fica desnutrido. É só você “não fazer” que as coisas irão mal. Basta cruzar os braços. Quando você “faz nada”, estará automaticamente produzindo maldade, retroalimentando o mal que está à nossa volta, por causa do pecado. A miséria, o caos e a desordem se colocam ao redor daquele que é preguiçoso.

A PREGUIÇA É UMA BURRICE PECAMINOSA

Esse ponto é um pouco diferente do anterior. Em Provérbios, a preguiça é vista como um ato de estupidez. Você pode ser alguém muito bem-instruído, inteligente, uma pessoa que tira as melhores notas no colégio e na faculdade, e ainda assim ser estúpido, não saber conversar apropriadamente, não saber tratar bem as outras pessoas, não saber agir socialmente, nem cuidar das suas coisas. Ser inteligente e desajuizado é comum na vida de jovens instruídos. Por outro lado, nessa terceira característica, a preguiça é uma ignorância, é uma falta de conhecimento, uma falta de informação — uma burrice. O apóstolo Pedro diz o seguinte:

> Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude, o conhecimento; ao conhecimento, o domínio próprio; ao domínio próprio, a perseverança; à perseverança, a piedade; à piedade, a fraternidade; e, à fraternidade, o amor. Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em suas vidas, impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos. Todavia, se alguém não as tem, está cego, só vê o que está perto, esquecendo-se da purificação dos seus antigos pecados. (2Pe 1.5-9)

Existem certas qualidades que, quando adquiridas, nos dão um tipo de conhecimento do Senhor Jesus Cristo que nos impede de sermos inoperantes e improdutivos — ou seja, preguiçosos. Tornamo-nos inoperantes e improdutivos para Deus, verdadeiros preguiçosos do Reino, quando não possuímos o pleno conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Nisso, a preguiça se manifesta como uma ignorância: não como uma ignorância a respeito das coisas, mas, especificamente, como uma ignorância a respeito de Jesus.

O conhecimento de Cristo e de sua obra nos leva à operosidade, a trabalhar, a sermos operantes e produtivos. Quando agimos de forma improdutiva, estamos dizendo que não temos o

conhecimento do Senhor em nossa mente, que não compreendemos, que ainda somos ignorantes em relação a Jesus, o que representa a maior das ignorâncias e burrices. Você pode não saber a tabuada de multiplicar ou amarrar o cadarço do sapato, mas, se você não sabe quem é Jesus Cristo, tem a única ignorância que condena, pois ela se manifesta na sua fé. Há uma ignorância que nos leva à preguiça. Há um desconhecimento que nos leva à falta de trabalho.

A preguiça é um desrespeito ao que o Espírito Santo deseja trabalhar em nós através do conhecimento de Jesus. O pior da preguiça não é que ela seja um impedimento para nossas obras, mas o fato de ser um impedimento às obras do Espírito em nossa vida, uma vez que, quando conhecemos a obra de Cristo, é porque estamos adicionando à nossa fé a virtude; e, à virtude, o conhecimento; e, ao conhecimento, o domínio próprio; e, ao domínio próprio, a perseverança; e, à perseverança, a piedade; e, à piedade, a fraternidade; e, à fraternidade, o amor. Há toda uma obra de Deus sendo adicionada em nós por meio desse conhecimento de Cristo. Quando esse conhecimento que nos leva às boas obras some, a preguiça se manifesta justamente por não adicionarmos essa escalada da virtude e do conhecimento ao nosso relacionamento com Deus. Existe uma característica dessa ignorância que é a preguiça que “trava” o agir de Deus em nossa vida, impedindo que caminhemos rumo à maturidade, como deveríamos caminhar. É muita burrice abandonar o agir de Deus em nossas vidas.

A PREGUIÇA É UMA NEGLIGÊNCIA DESESPERANÇOSA

O livro de Hebreus, no capítulo 11, cita personagens conhecidos como heróis da fé, os grandes homens de Deus que viveram para a glória dele. Muito se fala dessa passagem, mas poucos observam que essa lista foi organizada não sem motivo; ela serve para criar um padrão contra a preguiça. O texto diz o seguinte:

> Queremos que cada um de vocês mostre essa mesma prontidão até o fim, para que tenham a plena certeza da esperança, de modo que vocês não se tornem negligentes, mas imitem aqueles que, por meio da fé e da paciência, recebem a herança prometida. (Hb 6.11-12)

Aqui, a preguiça é tratada como um desleixo vazio de expectativa, como uma negligência desesperada que surge em oposição à esperança da obra de Deus em nossa vida. Quando perdemos a esperança daquilo que Deus está construindo em nós, perdemos a força que nos move para longe da negligência na fé.

Às vezes, somos preguiçosos porque nos falta esperança. Não cremos que sair da preguiça possa mudar algo à nossa volta. Você já procurou emprego várias vezes, não conseguiu e desistiu; então, você fica em casa, preguiçoso, inútil, porque lhe falta esperança. Você tentou passar no vestibular, já tentou uma, duas, três vezes e ainda não passou no curso que queria; então, você desiste e troca o esforço pelo videogame o dia inteiro. É a falta de esperança que nos leva à preguiça. A desesperança nos desmotiva a cumprir com nossos deveres e responsabilidades, passamos a não seguir aquilo que Deus intenta para nós quando somos preguiçosos e, então, nos tornamos negligentes em relação à nossa própria fé.

O modo pelo qual o autor de Hebreus deseja que vençamos a preguiça é por meio da imitação: “Não se tornem negligentes, mas imitem”. É através da imitação daqueles que, por meio da fé e da paciência, receberam a herança prometida que deixaremos a negligência na obra de Deus. Em vez de nos entregarmos à desesperança, devemos nos entregar à imitação. Vencemos a negligência, que é a preguiça, imitando aqueles que não são preguiçosos. Precisamos de um padrão para seguir, ter alguém para imitar, olhar à nossa volta e ver aqueles que são operantes para Deus. Às vezes, retroalimentamos a preguiça porque só temos à nossa volta gente preguiçosa, gente para “fazer nada” juntos. Faça

um teste. Chame algumas pessoas para fazer nada em sua casa e sempre vai aparecer. Agora chame as mesmas pessoas para capinar um lote ou rebocar uma parede. Quando chamei alguns colegas para comer pizza na minha casa depois do culto, vários foram. Quando estava de mudança e os chamei para me ajudar, apenas um deles apareceu. É fácil encontrar pessoas que são a preguiça encarnada, o padrão perfeito do que não se deve ser. Encontrar pessoas operantes, padrões do que devemos nos tornar, isso é raro. Nossa reação ao encontrar pessoas assim deve ser buscar a semelhança: “Quero trabalhar como ele, esforçar-me como ele, deixar de ser preguiçoso e agir como ele, trabalhando para o Senhor”.

A PREGUIÇA É UMA CORRUPÇÃO QUE PRESUME INOCÊNCIA

Estamos abordando temas cada vez mais difíceis, em dores mais profundas em relação à preguiça. Falando através de Amós, Deus trata a preguiça em termos profundamente graves:

> Ai de vocês que vivem tranquilos em Sião, e que se sentem seguros no monte de Samaria; [...] Vocês acham que estão afastando o dia mau, mas na verdade estão atraindo o reinado do terror. Vocês se deitam em camas de marfim e se espreguiçam em seus sofás. Comem os melhores cordeiros e os novilhos mais gordos. Dedilham em suas liras como Davi e improvisam em instrumentos musicais. Vocês bebem vinho em grandes taças e se ungem com os mais finos óleos, mas não se entristecem com a ruína de José. Por isso vocês estarão entre os primeiros a ir para o exílio; cessarão os banquetes dos que vivem no ócio. (Am 6.1-7)

A expressão “Ai”, no contexto do Antigo Testamento, significa maldição. É como dizer que a pessoa está condenada. Deus estava falando com os maus líderes do povo judeu, que deveriam estar zelando pelo povo de Israel, mas estavam vivendo de forma

preguiçosa, não se importando com o povo. O mal estava à sua volta e eles estavam em casa, tocando seus instrumentos, enchendo a cara de vinho, bebendo cachaça na boca da garrafa e dormindo em suas camas de marfim. Estavam vivendo suntuosamente, enquanto, por conta de seus próprios pecados, o povo e o reino iriam ruir.

Muitas vezes, a preguiça se manifesta como uma presunção de inocência. Achamos que não há nada errado, que não devemos nada a ninguém e que, por isso, podemos nos dar ao luxo de fazer nada. No entanto, via de regra, as coisas vão mal por culpa nossa. Às vezes, o ministério de louvor não vai bem porque não estou ensaiando. Às vezes, meu lar não está indo bem porque não estou me esforçando para trabalhar. Às vezes, minha vida está um fiasco porque não estou me preparando ou me esforçando para me qualificar. Às vezes, o namoro vai mal porque não estou me dedicando ao serviço e ao cuidado. Resumindo, às vezes as coisas à minha volta não vão bem por culpa minha. Mesmo assim, não temos preguiça de presumir inocência. A preguiça é motivada por essa presunção de que tudo está bem.

Ser preguiçoso, nesse contexto, chama-se corrupção. O interessante é que Deus não está dizendo que existe uma corrupção que se manifesta como preguiça, mas que há uma preguiça que se manifesta como corrupção. Esses líderes estavam tão preguiçosos que a preguiça deles se tornou pecado, algo contra o Deus vivo. Devemos olhar para a preguiça com mais cuidado, pois Deus nos punirá, como puniu os maus líderes, que foram os primeiros a ser levados ao cativeiro, por conta do próprio ócio diante de tudo que havia de errado à sua volta.

A PREGUIÇA É UMA TRISTEZA MUNDANA

A imagem comum da preguiça está relacionada à alegria. Estar em casa, de pernas para o alto, comendo pipoca, fazendo absolutamente nada. O dia dos sonhos para muitos. Ao contrário do

que comumente pensamos, porém, a preguiça é descrita como relacionada à tristeza, e não à felicidade. Paulo diz o seguinte:

> A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação, e não ao remorso, mas a tristeza segundo o mundo produz morte. Vejam o que essa tristeza segundo Deus produziu em vocês: que dedicação, que desculpas, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que desejo de ver a justiça feita! Em tudo, vocês se mostraram inocentes a esse respeito. (2Co 7.9-10)

Existem dois tipos de tristeza neste texto: uma boa e uma ruim. A tristeza segundo Deus é o arrependimento correto por conta do pecado. A tristeza segundo o mundo é simplesmente remorso, é quando você se dá mal porque descobriram seu pecado, motivado apenas pelas más consequências. A tristeza segundo o mundo gera inoperância, morte, conformismo, indiferença quanto à injustiça, falta de indignação e de temor. Em contrapartida, a tristeza segundo Deus gera trabalho e operosidade. Você se entristece por seus erros e trabalha em contraposição ao seu pecado.

A tristeza não é neutra. Ela produz coisas. Se você estiver triste segundo Deus, isso gera arrependimento genuíno em seu coração, gera trabalho para a glória de Deus. Quando você está triste segundo o mundo, isso gera preguiça, falta de operosidade e morte. Talvez sua preguiça seja um problema em seu coração, não por falta de ferro no sangue ou por alguma anemia congênita. Talvez seja tristeza. Já vimos a preguiça como falta de esperança, mas talvez seja falta de alegria. É por isso que o oposto da preguiça não é trabalho; é júbilo. Tiago Cavaco, que está servindo de referência a todo este estudo, diz algo maravilhoso na última página de seu livro:

> O oposto à preguiça não é o trabalho, o oposto à preguiça é a alegria! Quando, no futuro, voltarmos a pensar sobre esse pecado, que o antídoto que nos ocorra não seja a atividade, a preguiça é nefasta sobretudo porque nos retira do circuito da

> alegria divina, não tanto porque nos impede de laborar. O trabalho é companheiro da alegria, não é um adversário. Quem corre por gosto não cansa, diz o povo e correctamente. Daí que o maior prejuízo que a preguiça nos causa é a perda da satisfação em Deus, não o baixo índice de produtividade.[19]

A preguiça, dessa feita, alimenta a tristeza. Muitos dias em casa, parado, sem ter o que fazer, e você não consegue sentir-se feliz. Há um ditado que diz que ninguém morre de velhice, mas de aposentadoria. Uma vez que você para de ser operante, sua vida vai embora. O homem foi feito para trabalhar, para ter o que fazer. Nada deixa uma pessoa mais infeliz que o tédio do ócio. E é por isso que, quando as pessoas não conseguem ou não querem arranjar um emprego, precisam entrar no mundo dos jogos eletrônicos: elas precisam de um objetivo, precisam de um chefão para matar, de uma missão para completar, de um objetivo para conquistar. Quando se aposentam, vão lavar a garagem todos os dias. Não fomos feitos para a preguiça, mas para a alegria no trabalho. Tiago Cavaco encerra seu livro dizendo:

> Como encorajaríamos, então, uma pessoa a abandonar a preguiça? Dizendo que do outro lado esperam-na trabalho e esforço, é certo. Mas explicando que o prêmio desse trabalho e desse esforço é a entrada na alegria. Como diz o texto bíblico que lemos, a entrada no gozo do Senhor. Não trabalhamos para provar o valor do nosso empenho. Trabalhamos para provar a doçura do que nos é dado por Deus. O objetivo de termos força nos braços não é uma competição de musculação, é o prazer no que os nossos braços vão construir. Pregamos contra a preguiça porque estamos convictos da qualidade da obra divina. Estar contra a preguiça é estar a favor de que Deus faça mais entre nós. Vamos a isso?[20]

Talvez sua tristeza seja por conta de algum problema clínico, mas também é possível que seja um problema de ócio. Conheci jovens deprimidos que se curaram preenchendo a carteira de

trabalho. Você precisa ter o que fazer. Se você é de uma família mais pobre, provavelmente não está acostumado a ouvir os problemas da classe média. Alguns anos atrás, quando eu ainda morava com meus pais, vez ou outra minhas vizinhas chegavam lá em casa contando que sicrano estava com depressão, e a conversa era sempre a mesma: “Isso é falta de trabalho! Dá um emprego que ela fica boa! Você está triste, minha filha? Tem aqui uma pia cheia de louça para você lavar”. Pode parecer coisa de senhoras brutas do Ceará, nascidas e criadas no sertão nordestino, mas há alguma sabedoria por trás da brutalidade dessas afirmações. Às vezes, a tristeza está relacionada à falta de operosidade. Estamos tristes porque não temos o que fazer. Quando estamos de férias, precisamos inventar um milhão de coisas para nos ocupar: jogar bola, ir à praia, ao cinema, jogar pedra na lua, tudo isso e muito mais só para não termos a alegria roubada pelo ócio. Tive professores já aposentados que não queriam parar de dar aula, argumentando que morreriam assim que deixassem de trabalhar.

A PREGUIÇA ENCONTRARÁ CASTIGO EM VEZ DE DESCULPA

A Parábola dos Talentos fala da preguiça de um servo infiel que é punida por seu senhor em um lugar no qual há choro e ranger de dentes. A ideia aqui é que, como não somos donos de nossos talentos e recursos, devemos trabalhar para multiplicar tudo o que Deus nos deu. Não somos donos de nós, e temos o compromisso moral de agir de forma diligente como mordomos de Deus. Já cantou Criolo: “Se Deus te deu o dom, se cresce não mano. É que cê tá devendo por três”. Temos dívidas com Deus por cada dom que recebemos. Quem não for diligente em seu trabalho para seu senhor há de ser punido por aquele que é dono do talento recebido.

> Por fim, veio o que tinha recebido um talento e disse: “Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Por isso, tive medo, saí e escondi o seu talento no chão. Veja, aqui está o que lhe

> pertence”. O senhor respondeu: “Servo mau e negligente! Você sabia que eu colho onde não plantei e junto onde não semeei? Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez. Pois, a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas, a quem não tem, até o que tem lhe será tirado. E lancem fora o servo inútil, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes”. (Mt 25.26-30)

O curioso é que o servo foi rápido em ter uma desculpa para sua preguiça. Em vez de trabalhar para multiplicar os dons recebidos, trabalhou para multiplicar palavras que apaziguassem a ira soberana: “Olha, eu sei que o senhor é severo, que colhe onde não plantou, que tira frutos de onde não semeou. Por isso, tive medo e guardei para lhe entregar. Tome o que é seu”. O preguiçoso não sente preguiça para defender seu ócio. Aquilo que não está nas mãos está na língua. Aquilo que não faz com os braços, ele faz tentando se desculpar e se convencer de que ser preguiçoso não é algo tão mau assim.

Você sabe do que estou falando. Você tem um trabalho para entregar, um serviço por fazer, algo que sua mãe mandou, o pedido de sua esposa para arrumar alguma coisa, e você procura alguma desculpa para permanecer deitado. Sempre digo à minha esposa: “Se eu falei que vou fazer alguma coisa, é porque vou fazer. Não precisa ficar me lembrando de seis em seis meses...”. Tentamos desculpar nossa preguiça o tempo inteiro. “Amanhã ainda dá tempo”, “Ainda tenho prazo”, “Mas o professor deixa eu entregar depois”. Sempre temos uma racionalização para o não fazer.

O preguiçoso é dedicado em inventar suas desculpas, mas não tem boas desculpas. A desculpa que o servo preguiçoso deu ao seu senhor foi usada contra ele mesmo. No último dia, nossos pretextos para a preguiça, as desculpas que damos a nós mesmos para nos convencer de ficarmos mais um pouco de braços

cruzados, nada disso vai colar para Deus. Temos um senhor que colhe onde não planta e que pode nos mandar para a punição. O servo bom não foi para um lugar de choro e ranger de dentes; ele foi convidado a gozar da alegria de seu senhor. O oposto da preguiça é a alegria, a felicidade. O convite para fugir da preguiça é para ser feliz, para ter alegria em Deus, para gozar da alegria no Senhor.

A PREGUIÇA É FALTA DE GRAÇA

No fim das contas, a preguiça é uma manifestação da falta de graça divina sobre nós. Paulo escreve aos coríntios, dizendo que a divina graça não lhe foi inútil, uma vez que ele trabalhara mais que todos os outros apóstolos: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10).

Tão convicto estava o enviado aos gentios de que seu esforço era fruto, única e totalmente, da graça de Deus que ele chega a dizer que nunca trabalhara de fato, mas apenas a graça que nele vive foi quem trabalhou arduamente. Paulo entendia que ele não trabalhava, mas que era a graça de Deus nele. A falta de trabalho é a falta de apropriação da graça de Deus, da graça que nos impulsiona ao serviço. Quando nos entregamos à preguiça, rejeitamos a graça. Se vivermos de braços cruzados, rejeitando o serviço, estamos rejeitando a atuação da graça de Deus que nos leva à operosidade. É por isso que a solução para a preguiça não está no legalismo moralista, mas na convicção da obra graciosa da Cruz. É olhar para o trabalho de Deus naquele madeiro que nos tira de uma vida que não reflete a operosidade de Deus.

O grande problema da preguiça não é impedir nossas obras, mas impedir a obra do Espírito de Deus em nossas vidas. Não deixamos apenas nossas obras pela metade, mas é como um grito dizendo que a obra de Deus em nossa vida também está pela metade. Paulo estava “convencido de que aquele que começou a

boa obra em vocês vai completá-la" (Fp 1.6). Ele não aceitava que houvesse um trabalho divino pela metade na vida dos cristãos. Deus não trabalha pela metade, e estaremos mentindo sobre Deus se nos entregarmos a uma vida preguiçosa. A empreiteira de Deus não falha. Ele tem 100% de aproveitamento. Ou ele continua a obra, ou nenhuma obra começou.

A PREGUIÇA É TEMPORÁRIA

De todas as características do ócio, essa é uma das mais desentendidas. A preguiça não vai durar para sempre. Muitos interpretam o estado eterno no novo céu e na nova terra como um grande e infindável estado de marasmo. Acham que vamos passar a eternidade fazendo absolutamente nada. De fato, João relata ter ouvido uma voz dos céus que lhe dizia serem bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, "para que descansem dos seus trabalhos" (Ap 14.13). O céu será, sim, um descanso. No céu, a maldição que recai sobre o trabalho (Gn 3) não mais recairá sobre nós. O trabalho que hoje é suor no rosto não será mais assim, nem difícil ou doloroso. Porém, Deus não nos recompensará com a satisfação de nossos desejos preguiçosos e carnais. O próprio João registra que, na nova Jerusalém, "seus servos o servirão", e o verbo empregado para serviço dá uma ideia de trabalho, de um escravo que serve a um senhor. Sim, seremos escravos em serviços do nosso Senhor, Deus do céu. Com isso, o apóstolo está mostrando que teremos trabalho a desempenhar ao Senhor (Ap 22.3).

Nós teremos trabalho no céu! Para o preguiçoso, um paraíso de trabalho eterno parece mais as chamas de Dante que a habitação do Senhor. A ideia de trabalhar por toda a eternidade faz o preguiçoso achar o céu não tão agradável, mas Deus nos convida a abandonar, por toda a eternidade, a preguiça. Trabalharemos com gozo e alegria para Deus eternamente. Participar da alegria e do esforço que o trabalho nos cobra hoje é participar de um antegozo da glória que será na eternidade.

Nosso Cristo não teve preguiça. Ele carregou a cruz e passou duas vezes pela tentação de tornar fácil a própria jornada. No deserto, Satanás lhe oferece todos os reinos do mundo se, prostrado, ele adorasse. Era só Jesus dobrar os joelhos que ele não precisaria carregar a cruz. Era só ele ter escolhido o caminho da preguiça que teria os reinos da terra. Mas Cristo rejeitou a preguiça para nos dar a salvação. Em Mateus 16, Pedro repete a tentação de Satanás quando Jesus diz que era necessário ir para Jerusalém e sofrer nas mãos dos anciãos e dos principais sacerdotes. Pedro diz que isso não aconteceria de maneira alguma. Pedro estava disposto a trabalhar para que Jesus não tivesse de passar por aquilo. Nosso Cristo, no entanto, escolheu o caminho do trabalho. Foi operoso para nossa salvação.

Precisamos olhar para a preguiça como ela é, de fato: maldição, estupidez, maldade, burrice, negligência, desespero, corrupção, tristeza, castigável, desgraçada, mas, acima de tudo, como algo que está reservado ao lago de fogo e enxofre, como algo que será retirado de nós no último dia, quando encontrarmos a redenção futura. O trabalho ao Senhor e a rejeição à preguiça nos fazem sentir um prenúncio do céu. Aquele que nada faz, faz o mal. Sejamos operantes em todas as nossas vocações.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Como Provérbios descreve o preguiçoso?
2. Quais são as nove características da preguiça, e qual motivação do coração guia cada uma delas?
3. Como Jesus se relacionou com o trabalho e a preguiça? Como nossa visão do paraíso futuro é influenciada por corações preguiçosos?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Você tem sido preguiçoso? Como a preguiça tem-se manifestado em sua vida pessoal? Quais prejuízos à sua vida a preguiça já trouxe?
2. O que você ama quando ama a preguiça? Qual pecado ou mau desejo estão por trás do pecado da preguiça em seu coração?
3. Como o evangelho responde ao problema da preguiça?

#4 FOFOCA E DIFAMAÇÃO

ASSASSINATO DE REPUTAÇÕES

"— O [jornal] *Chronicle* não diz que ela foi assassinada,
Sr. Carter. Diz que os vizinhos estão suspeitando.
— Não é nossa função relatar as fofocas das donas de casa.
Se estivéssemos interessados nesse tipo de coisa,
Sr. Kane, poderíamos preencher o jornal duas vezes ao dia."[21]

(Diálogo entre Kane e Carter, em *Cidadão Kane*)

Há uma história icônica acerca do arcebispo da capital mineira, Dom Antônio dos Santos Cabral, que falou mal de certo jornal por haver ferido a imagem de Maria. Assis Chateaubriand, magnata da imprensa (sua história foi registrada no livro e no filme *Chatô, o rei do Brasil*), ordenou que se publicasse na primeira página do jornal que o arcebispo tinha estuprado sua própria irmã. Quando seus funcionários lhe informaram que o religioso era filho único, Chatô arrematou, possivelmente furioso: "Isso, ele é quem precisa provar". [22]

A difamação, o uso da língua contra a reputação do outro, é mais comum do que imaginamos, e está mais presente em nossa vida do que percebemos. Abraçamos o espírito de Chatô, esperando que o outro prove a inocência de cada acusação desconhecida. Na legislação da fofoca, todos são culpados até que se prove o contrário. Se chegou até mim algo que me fez ter uma percepção negativa de alguém, minha língua já se torna o martelo do tribunal da verdade.

É raro sermos o ancoradouro da fofoca. Costumamos ser apenas parte da estrada. Se alguém foi difamado *para mim*, provavelmente será difamado *por mim*. O difamador é aquele que

“des-fama”, aquele que se coloca contra a fama, a reputação positiva, a forma como os outros percebem alguém. Ser famoso é ser conhecido. Ser infame é ser conhecido como algo ruim. Ser difamador é fazer com que outros sejam conhecidos negativamente.

Creio que a passagem mais clara a esse respeito em toda a Escritura se encontra no livro de Provérbios:

> Sem lenha, a fogueira se apaga; sem o caluniador, morre a contenda. O que o carvão é para as brasas e a lenha para a fogueira, o amigo de brigas é para atiçar discórdias. As palavras do caluniador são como petiscos deliciosos; descem saborosos até o íntimo. Como uma camada de esmalte sobre um vaso de barro, os lábios amistosos podem ocultar um coração mau. Quem odeia disfarça as suas intenções com os lábios, mas no coração abriga a falsidade. Embora a sua conversa seja mansa, não acredite nele, pois o seu coração está cheio de maldade. Ele pode fingir e esconder o seu ódio, mas a sua maldade será exposta em público. Quem faz uma cova nela cairá; se alguém rola uma pedra, esta rolará de volta sobre ele. A língua mentirosa odeia aqueles a quem fere, e a boca lisonjeira provoca a ruína. (Pv 26.20-28)

Quantas vezes, à semelhança de Chatô, fomos instrumentos do diabo para diminuir a boa reputação das outras pessoas? O texto de Provérbios 26 é justamente uma série de aforismos a respeito do modo como tratamos a reputação alheia.

O COMBUSTÍVEL DAS BRIGAS

O versículo 20 começa falando sobre fogo: “Sem lenha, a fogueira se apaga; sem o caluniador, morre a contenda. O que o carvão é para as brasas e a lenha para a fogueira, o amigo de brigas é para atiçar discórdias”. Toda comunidade pressupõe conflito. Seja em casa, na empresa ou na igreja, as chamas da discórdia esquentam as relações. Muitas vezes, essas brigas não

são outro problema senão uma questão de combustível. A gasolina da briga é a difamação. Assim como o fogo do churrasco apaga sem carvão, os problemas entre os indivíduos acabam se não houver mais calúnia. O homem briguento, que, no texto, é aquele que usa sua voz para falar mal, é o combustível de foguete dos problemas relacionais.

A língua difamadora não convém a pacificadores (Mt 5.9). Sua esposa tem um desentendimento com o chefe no trabalho, e você explode, fazendo com que ela sinta ainda mais ódio do patrão. Você conta à sua esposa que um amigo o traiu de alguma forma, e ela repete que nunca foi com a cara dele, e que sabia que havia alguma coisa escondida. Você acaba sendo potencializador da ira. Você vai alimentando no outro o ódio contra a pessoa. Claro que há o momento de alertar o outro a respeito de alguém, mas nós costumamos apenas colocar lenha na fogueira da discórdia. Raramente dizemos: “Será que você não está vendo as coisas de uma forma muito dura?” ou “Será que foi assim mesmo?”. Raramente colocamos uma pulga atrás da orelha para o bem, em benefício da dúvida. Sempre colocamos ênfase na confirmação do mal. Somos aqueles que atiçam as discórdias.

Ser um caluniador, em Provérbios 20.21, está associado a ser um homem briguento. Gostamos de ser vistos como gente de paz porque nunca demos um soco em ninguém, mas a briga está mais na língua que nos punhos. Quando criança, não podíamos ver uma confusão que já nos colocávamos em volta dos que se estapeavam e esquentávamos as coisas: “Briga, briga, briga”, gritávamos em uníssono. Somos uma rodinha em torno dos ministérios da igreja, dos problemas familiares e do relacionamento profissional, gritando “briga” para todos, rebaixando os outros com nossa linguagem e incentivando a discórdia. Não estamos no centro do octógono, mas pagamos o ingresso com a difamação.

O SABOR DA FOFOCA

Isso acontece porque fofocar é gostoso. É uma delícia falar mal dos desafetos. Parece até que dá paz ao coração quando diminuímos alguém. Provérbios continua dizendo: “As palavras do caluniador são como petiscos deliciosos; descem saborosos até o íntimo” (Pv 26.22). É como aquela propaganda de bebida: desce redondo. As palavras daquele que difama são como comida saborosa. Não gostamos de compartilhar o bem alheio. Não tem graça falar do bom. Há emoção e curiosidade na desgraça. Por que só a notícia ruim se espalha rapidamente? Não deveríamos ser anunciadores de boas-novas? Temos um paladar desnorteado quando a fofoca desce gostosa para o estômago.

Esse gosto maravilhoso está relacionado ao modo como a difamação e a fofoca melhoram nossa vida. Você se sente por cima sem precisar crescer; basta rebaixar os outros com a linguagem. Você se sente correto sem precisar agir bem; basta condenar o erro alheio para promover a própria superioridade moral. Nossa difamação costuma até ter cara de espiritualidade. Damos ares de que só estamos preocupados com a pureza da igreja. Em vez de falarmos das maravilhas que Deus tem feito em nossas vidas, falamos das desgraças que têm acontecido na espiritualidade dos outros. É o nosso jeito fácil de fazer com que o mundo esteja nas nossas mãos. Por não cheirarmos bem, jogamos estrume nos outros para disfarçar nosso odor.

Quando você se desgasta com os erros alheios, gasta muito tempo olhando para fora e perde de vista os próprios erros. Usamos o mal do outro como maquiagem para nossa própria maldade. Preferimos a janela ao espelho. É por isso que Paulo diz aos cristãos de uma igreja desunida que eles deveriam examinar a si mesmos (1Co 11.28). A desunião poderia estar sendo potencializada pelo exame constante da vida dos outros. Examinar a si mesmo é remédio amargo. Ninguém serve medicamento na pizzaria depois do culto.

SERPENTE POR PEIXE; PEDRA POR PÃO

O texto de Provérbios continua com uma longa descrição sobre a falsidade daquele que fofoca e fala mal:

> Como uma camada de esmalte sobre um vaso de barro, os lábios amistosos podem ocultar um coração mau. Quem odeia disfarça as suas intenções com os lábios, mas no coração abriga a falsidade. Embora a sua conversa seja mansa, não acredite nele, pois o seu coração está cheio de maldade. [...] A língua mentirosa odeia aqueles a quem fere, e a boca lisonjeira provoca a ruína. (Pv 26.23-25, 28)

A língua da difamação costuma ser a língua da falsidade. A ausência é atrevida. Quem fala mal de você quando você não está vendo não é o mesmo que fala mal de você na sua frente. A língua corajosa é aquela que olha na sua cara para falar dos seus erros. Língua corajosa é a da sua esposa. Minha mulher fala tão mal de mim na minha frente que não sobra nada para falar mal de mim para os outros. Não se fala mal do parceiro para os outros. O casamento é o jardim fechado da amizade verdadeira. Ela sempre estará lá quando eu errar. Isso não traz brigas no casamento, mas segurança. Eu sei que, na hora que meu carro estiver saindo da estrada, ela vai me avisar que eu estou no caminho errado. Sei que, quando colocar o pé fora da curva, haverá alguém lá para ser um instrumento de Deus na minha vida, para me lembrar que estou no caminho errado. É bom saber que Deus coloca pessoas em nossas vidas para que, quando cairmos em um erro, não caiamos em outro, mas que falem que estamos errando, para que ouçamos os avisos de Deus.

Quando você é difamador, deixa de ser um sinal de alerta de Deus. Você deixa de ser um instrumento para que os outros não andem no caminho do erro. Você deixa de ser um instrumento de Deus para que os outros saibam das próprias falhas, porque, às vezes, estamos trilhando um caminho torto e ninguém tem coragem de dizer. Ninguém tem força moral para nos avisar que estamos

caindo em um abismo. Você derrapa com tapinhas nas costas de quem anuncia aos outros sua queda iminente. Qual pecado é mais grave: usar saia curta ou se dedicar a falar mal pelas costas das pessoas que usam saia curta? No fim das contas, os dois estão no mesmo barco moral.

A língua difamadora é a língua do covarde. Sentimo-nos bastante confortáveis para fazer julgamento moral sobre outras pessoas quando elas não estão vendo, mas nunca diante da vista do difamado. A língua do difamador é sempre uma língua de falsidade. É esmalte de prata em vaso de barro. Na frente, você brilha, mas, por dentro, é quebradiço. É o famoso santo do pau oco. Antigamente, quando havia muito minério de ouro no Brasil, as pessoas tornavam ocas as imagens de santos católicos, escavando a madeira, para colocar tráfico de ouro dentro. O santo do pau oco é aquele que, por fora, é uma imagem religiosa, mas, por dentro, é objeto de criminalidade. O que existe dentro de nós, onde ninguém vê?

Em outro lugar, o livro dos Provérbios também diz: “Como o vento norte traz chuva, assim a língua fingida traz o olhar irado” (Pv 25.23). As pessoas ficarão chateadas com você, e com toda a razão. Elas terão motivo para se sentir desconfortáveis ao seu lado, e a culpa é sua se a amizade não voltar mais a ser a mesma coisa. Não é que o outro não tenha perdoado você à altura; acontece que perdoar o ladrão não cobra que, daí em diante, você confie a carteira a ele. A confiança nem sempre vem junto com o perdão. Você perdoa aquele que fala mal de você, mas não confia mais em compartilhar com ele seus segredos e intimidades. Assim como o vento norte traz a chuva, da mesma forma a língua fingida puxa para si a ira do outro.

Mais uma vez, Salomão diz: “Como um pedaço de pau, uma espada ou uma flecha aguda é o que dá falso testemunho contra o seu próximo” (Pv 25.18). Quantas vezes não nos apressamos em participar de linchamentos públicos contra pessoas ou instituições

que são julgadas de forma precipitada? Veja o caso da Escola Base, em 1994. O estabelecimento foi acusado de promover pedofilia e, então, depois de a escola ter sido depredada e de vários funcionários terem recebido ameaças de morte, descobriram que os relatórios e laudos que eram publicados pela imprensa como provas eram todos inconclusivos. A grande comoção sobre a moça que teria sido estuprada por trinta homens no Rio de Janeiro em 2016 e, tempos depois, a descoberta de que tudo indicava ter sido uma orgia motivada pelo vício. Quando, no início de 2017, o Habib's sofreu um boicote, sob a acusação de que dois funcionários haviam matado uma criança de rua, o laudo comprovou que o menino tivera um ataque por causa do consumo de cocaína. Os casos são inúmeros. Sempre que uma notícia surge na mídia, já escolhemos um lado e iniciamos as postagens no Facebook e as detratações na cantina da faculdade, mas nunca esperamos até que a verdade surja.

É interessante observar que a difamação, em 1Pedro 2.1, está do lado da maldade, do engano, do fingimento e da inveja. Ser um difamador está associado a ser invejoso. Está associado a agir com fingimento: você fala mal dos outros porque não é verdadeiro. Está associado ao engano: você fala mal dos outros porque é mentiroso. Está associado à maldade: você fala mal dos outros porque gosta de ver os outros se dando mal.

Quando eu estudava no seminário, havia uma coisa que me assustava muito. Como já fui membro de algumas igrejas problemáticas, às vezes meus amigos tentavam falar mal de seus pastores para mim. Eu ficava aterrorizado porque estava no seminário estudando para ser pastor, e vislumbrava que um dia seria eu que as pessoas xingariam aos amigos no sábado à noite, por algo que eu nem mesmo saberia. Eu ainda tentava perguntar às pessoas se elas tinham falado o que estava acontecendo ao pastor, e a resposta era não. Talvez o pastor nem mesmo soubesse o que estava acontecendo e, mesmo assim, estava sendo difamado. Ninguém chegou ao homem contando o problema e, mesmo assim,

ele era alvo de fofoca. Ninguém falava para ele o que estava acontecendo porque é fácil ser covarde. É fácil colocar-se por cima e ser um “instrumento de Deus” para si.

CRIANDO A COBRA QUE VAI TE MORDER

Aquele que tem a língua fingida prepara o caminho da própria miséria. O texto diz no versículo 26: “Ele pode fingir e esconder o seu ódio, mas a sua maldade será exposta em público. Quem faz uma cova nela cairá; se alguém rola uma pedra, esta rolará de volta sobre ele”. Quando você alimenta a difamação, cria novos difamadores. Quando colabora com o ato de difamação, promove uma cultura de fofoca e se cerca de quem ama conversas sobre a vida dos outros. Aquele que está difamando será difamado em algum momento. Quando você se coloca em um círculo de amizades de pessoas que estão dispostas a ouvir sua difamação, essas mesmas pessoas estarão lá em algum momento para difamar você.

Jesus disse que os cristãos seriam bem-aventurados quando levantassem todo tipo de calúnia contra eles (Mt 5.11-12). Para que sejamos caluniados, é preciso haver caluniadores. Será que eu sou um bem-aventurado por ser perseguido por causa do nome do cordeiro ou sou o responsável pela perseguição dos outros? Se você é cristão e, mesmo assim, age com calúnia, está colocando outras pessoas na situação que a Escritura disse que deveria recair sobre você. Aquele que você critica está sendo abençoado por Deus, veja só. Você, por outro lado, está agindo contra o caminho do reino, colocando-se do outro lado da mesma arma que deveria estar mirando em você — e que, cedo ou tarde, vai mirar.

Sabe a história da amante que vira esposa e fica surpresa quando o marido arruma outra amante? É do caráter dele querer outra concubina quando tiver uma nova esposa. Se você é difamador, está usando o ouvido dos outros para diminuir a reputação alheia. Como ficar surpreso quando for você quem estiver

no palco da fofoca? Afinal, você está criando e alimentando novas pessoas que consideram normal que a reputação alheia seja diminuída. Alimentar a difamação implica alimentar a própria ruína.

É por isso que Mateus 7.1-5 diz que não devemos julgar com hipocrisia, “pois, da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem também será usada para medir vocês” (Mt 7.2). Nossa crítica aos outros será a crítica de Deus a nós. A régua que usamos para medir o outro será a régua que Deus usará para nos medir. O aspecto terrível da difamação não está apenas em nos tornarmos alvo do julgamento alheio, mas em nos tornarmos alvo do julgamento de Deus. A difamação está diretamente relacionada ao modo como seremos julgados no último dia, se com graça ou com dureza. Jesus nos ensinou a orar dizendo: “Perdoa-nos os nossos pecados, pois também perdoamos a todos os que nos devem” (Lc 11.4). Há uma relação direta entre aquilo que recebemos de Deus e o que fornecemos aos outros. Nossas falas sobre os outros servirão de instrumento para nossa própria condenação. Tudo que dissermos será usado contra nós no tribunal eterno. Se a régua moral que você usa para medir os outros for a régua moral que Deus usa para julgá-lo, você estará em bons ou maus lençóis?

Foi isso que Deus fez com Davi. Quando Natã chegou a ele, depois de seu adultério com Bate-Seba, encontrou o rei tentado a encobrir o adultério e a gravidez movimentando um exército para que Urias morresse. O profeta não chegou a Davi declarando que ele estava errado, mas contou uma história: “Davi, o que você acha de um homem que era cheio de ovelhas e manda matar a única ovelhinha de um pastor pobre para servir a um viajante?”. Davi faz um julgamento moral: “Juro pelo nome do Senhor que o homem que fez isso merece a morte! Deverá pagar quatro vezes o preço da cordeira, porquanto agiu sem misericórdia” (2Sm 12.5-6). Essa foi a regra moral que Davi usou para medir o homem da história, e é a mesma regra moral que Deus usa através de Natã para medi-lo: “Então, Natã disse a Davi: ‘Você é esse homem!’” (2Sm 12.7). No

último dia, Deus usará contra nós as palavras que dissemos contra os outros, e o modo como julgamos quem está à nossa volta como o modo de nos julgar. Deus não precisaria usar a Escritura ou o próprio Cristo como padrão. Bastaria que ele nos usasse contra nós mesmos. As pessoas que condenamos serão parábolas vivas para nos condenar.

BALA PERDIDA

Mas não é só o livro de Provérbios que fala de fofoca e difamação. Outros textos das Escrituras lançam luz sobre o assunto, com perspectivas igualmente duras sobre nosso uso da língua. Tiago 4.11-12 diz que a difamação nunca acerta o alvo que intentou, mas é sempre uma bala perdida:

> Irmãos, não falem mal uns dos outros. Quem fala contra o seu irmão ou julga o seu irmão fala contra a Lei e a julga. Quando você julga a Lei, não a está cumprindo, mas está se colocando como juiz. Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas quem é você para julgar o seu próximo? (Tg 4.11-12)

Você tenta falar mal do outro, mas fala mal da lei de Deus, já que desobedece a essa lei. A difamação é uma bala perdida. Sempre que você atira no outro, acerta em Deus. Você está dizendo que o juízo de Deus não será tão eficaz. Você está dizendo que a lei que o proíbe de difamar não é tão justa assim. Você está dizendo que o divino não é um juiz muito útil, já que necessita de sua ajuda.

Com isso, você deixa de ser um cumpridor da lei e se torna juiz dela. Quando você fala mal da lei de Deus e desobedece a essa lei através do seu pecado, coloca-se como legislador da lei e deixa de estar debaixo dela em obediência. Você se põe como magistrado, compondo a lei. Porém, há um só Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Deus não precisa de estagiário. Isso é justamente aquilo que toca nosso orgulho. Falar mal do outro

está fundamentalmente arraigado numa visão de si sobre o outro. Falar mal do outro é uma coisa que só acontece quando você se considera superior ao outro. O texto pergunta: “Mas quem és tu que julga o próximo?”. Julgar o próximo está associado a uma visão errada de quem eu sou. Quando você fala mal do próximo e o julga, está se vendo de uma forma errada. Você pode não estar vendo o outro de forma errada, mas está vendo a si mesmo de forma errada, pois está se considerando superior àquele que você julga. Você não é juiz, mas é servo e está debaixo da mesma lei.

É por isso que Tiago combate a fofoca e a difamação com humilhação pessoal: “Humilhem-se diante do Senhor... Não faleis mal um do outro” (Tg 4.10-11). O melhor caminho para você vencer a ânsia por difamação é se humilhar. Humilhar-se diante de Deus, ver-se como alguém menor, que não merece tanto, que não é tão bom, que não é tão certo. Você não está por cima; você é devedor. Você deve enxergar os outros como superiores a você mesmo (Fp 2.3). Se você vê o outro como superior, não terá coragem de falar mal, nem de difamá-lo. Quando você se tira do centro da comunidade, do centro da família, da vida familiar ou da vida da empresa, e começa a ver o outro como mais importante, sua língua muda, pois você começa a se humilhar diante de Deus.

NÃO É FOFOCA; É SÓ A VERDADE

É interessante que Tiago usa uma expressão bem mais clara que a de Provérbios. Aqui, ele condena o simples falar mal. Falar mal é falar algo negativo acerca da pessoa. Tiago não está lidando com verdade ou mentira, com exagero ou julgamento precipitado. Ele condena o simples falar algo negativo sobre o outro, a propagação do mal alheio. Tiago não critica a mentira, mas a verdade negativa a respeito de quem está do nosso lado. Falar mal, até quando é verdade, é pecado. Afinal, nossa língua não foi feita para ser difamadora de quem está à nossa volta.

Temos as mais variadas desculpas para nosso pecado: “Não é fofoca; é só a verdade”. O texto, porém, fala contra a difamação, e não contra a mentira. O difamador não é necessariamente um mentiroso. Ele pode ter razão, mas, se estiver certo em sua percepção do outro, trabalha continuamente para a diminuição da reputação pública daquele que julga errado. A língua bestial nem sempre mente, mas sempre gera ódio e inimizade com suas impiedosas verdades. Conflitos começam quando fofocas começam. A briga, a confusão e o mal-entendido são os filhos feios de verdades fora de lugar. As pessoas passam a gostar menos daqueles que você põe no palco da difamação.

É por isso que Mateus 18 precisa ser um paradigma para nossos relacionamentos com o erro alheio: “Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. [...] se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros [...]. Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja” (Mt 18.15-17). Se eu percebo corretamente que alguém comete pecado, não devo falar isso para ninguém. Devo ir diretamente àquele que errou e tratar com ele. Se ele não me ouve, aí, sim, conto para todos? De forma alguma. O texto diz que devo levar mais um ou dois irmãos, no máximo. Só em caso de contínua rejeição, tais pecados devem chegar à igreja. Mateus 18 é um instrumento para a proteção da reputação do pecador. Se alguém está fazendo algo errado na igreja, não é certo deixar acontecer, mas não é certo falar para os outros sem necessidade. Esse é o caminho da coragem. Esse é o caminho da hombridade. É ter coragem de olhar nos olhos daquele de quem você fala mal. Falar mal para ele e nos olhos dele.

Vivemos, como dizia Gustavo Corção, espancando o Judas ausente.[23] Ao contrário, devemos sempre procurar nosso próximo e nos resolver com ele: “Procure resolver sua causa diretamente com o seu próximo, e não revele o segredo de outra pessoa, caso contrário, quem o ouvir poderá recriminá-lo e você jamais perderá sua má reputação” (Pv 25.9-10). Ou seja, quando você fala mal do outro, é a sua reputação que acaba difamada. Quando você tenta

falar mal do outro, é você quem fica com a má reputação de quem tenta destruir a reputação alheia.

Tratar diretamente com quem seria normalmente alvo de nossa maledicência faz com que as coisas sejam analisadas para além de nosso ponto de vista e evita que propaguemos o que apenas pensamos ser verdade. É seguro questionar se nossas percepções estão de acordo com os fatos. Quantas vezes na minha vida já tive uma opinião sobre alguém por algo que ouvi, vi, ou pensei e, quando sentei com a pessoa, havia uma explicação óbvia para tudo? Quantas vezes já quase deixei de me relacionar com certas pessoas por coisas que ouvi e, quando sentei para conversar, vi que não tinha nada a ver com a realidade? Percebi que, se fosse ouvir apenas o que os outros tinham para falar a respeito de alguém, nunca teria acesso às verdades acerca do outro. Toda história tem o outro lado, e todo outro lado tem um terceiro lado. Muitas vezes não ouvimos o lado do envolvido, não perguntamos se o que é dito condiz com a realidade. Assim, acabamos sendo propagadores de mentiras.

Em Mateus 18, há um lento progresso no número de pessoas que conhecem o mal a respeito do outro. Tudo que fica entre duas pessoas apenas tem um crescimento controlado, a fim de que haja o mínimo de participantes naquilo. O interesse de Deus é que nos importemos com a reputação do outro, mesmo quando se trata da verdade. O interesse de Deus é que nossa língua não seja instrumento para diminuir a percepção que os outros têm de alguém, mesmo quando é só a verdade. Quando achamos que toda verdade deve ser pregada aos quatro ventos, enchemos o tanque com o combustível das discórdias, brigas, divisões na igreja, quebras de relacionamentos familiares e demissões no trabalho. A língua difamadora é a língua que tira a paz. Sem lenha, o fogo se apaga; sem o difamador, morre a confusão. Nossa boca deve ser instrumento para falar daquilo que há de bom e belo no outro.

Quando Jesus fala de ir diretamente ao outro, não tem por objetivo fomentar brigas, mas justamente “ganhar seu irmão” (Mt 18.15-17). Se você encontra algo errado em alguém, não deveria sentir prazer em detratar essa pessoa, mas em vê-la voltar ao bom caminho. Somos irmãos, somos casa, somos família, somos corpo. Não podemos odiar o errado, mas ir direto a essa pessoa em erro e a mais ninguém. Houve arrependimento? Morreu o assunto. Acabou e você não conta para mais ninguém. Fica tudo entre você e a outra pessoa. Por quê? Porque você está preocupado com a reputação do seu irmão. Porque você entende que tem de proteger a imagem do seu irmão. E o que você quer é que aquele erro fique ali entre vocês dois.

No fluxo de Mateus 18, o pecado de alguém chegar à esfera pública deve ser o último recurso. Há um momento em que deve chegar à igreja, ou seja, quando a pessoa não se arrepende do pecado e continua vivendo do mesmo jeito. Até chegar nisso, porém, há um caminho que precisa ser seguido. O padrão normal é que, entre você e o indivíduo, depois que o assunto for tratado, acabe por ali — não para encobrir ou passar a mão na cabeça do erro, mas para tratar o pecado com o mínimo de consequências possível à reputação do irmão.

FOFOCA SANTA

Claro que não estamos falando de assuntos mais graves, como roubo ou assassinato, coisas que envolvem polícia ou outras pessoas. Escrevendo a Timóteo sobre os diáconos, Paulo diz que eles devem ser repreendidos publicamente (1Tm 5.20). Logo, diáconos não entram em Mateus 18. A repreensão deles deve ser pública, para que eles sirvam de padrão para a comunidade. Há elementos e momentos em que a coisa se dá de forma diferente, como, por exemplo, em relação aos líderes da igreja.

Quando escreveu aos coríntios, Paulo diz que ficou sabendo dos problemas na igreja por causa da “fofoca” de certa família:

“Meus irmãos, fui informado por alguns da casa de Cloe de que há divisões entre vocês” (1Co 1.11). Imagine o constrangimento no instante em que essa carta estava sendo lida na igreja. Imagino todos os pescoços se retorcendo, os diáconos olhando para trás e todo mundo fazendo cara feia para aqueles da casa de Cloe. “Foram vocês, né?”, alguém pode ter dito. Paulo escreve toda a carta com base no fato de que alguém chegou a ele para falar do pecado da igreja. Talvez a casa de Cloe já tivesse conversado com a comunidade e ninguém tenha dado ouvidos. Então, eles pedem ajuda ao apóstolo que fundou a comunidade, a fim de que ele assuma as rédeas da situação.

Em Mateus 18, há um caminho correto da fofoca, e esse caminho é lento. Você fala para a pessoa, se não resolver, chama dois ou três, se não resolver, então parte para a comunidade. Em 1Timóteo, esse caminho inclui repreensão pública aos diáconos. Em 1Coríntios, há uma santa detratação para que um pastor fique sabendo dos problemas da igreja. Podemos compartilhar problemas alheios quando isso é conveniente, mas nem sempre o é. Justificamos a detratação com o zelo, mas devemos nos perguntar se há algo que nosso ouvinte possa fazer por aquele que está sendo denunciado. Falar com o pastor sobre um problema moral alheio que você não consegue ajudar a resolver é uma atitude santa e amorosa, mas não o é quando o problema é compartilhado com quem não vai se envolver de outra forma além de dar ouvidos a comentários maldosos.

TOMANDO POSSE DO QUE NÃO É SEU

Ao escrever ao povo de Roma, Paulo dá outro motivo para não nos entregarmos à difamação dos outros: nossos irmãos têm dono. Não devemos julgar nossos irmãos, pois eles não nos pertencem, mas pertencem a Deus (Rm 14.4, 7, 10, 12). A pergunta de Paulo é: “Quem é você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está de pé ou cai” (v. 4). Ninguém está debaixo da sua posse. Quem você pensa que é para falar mal de um filho do Deus vivo?

O filho adolescente de um colega pastor xingou a mãe de alguma forma e, ao ser repreendido pelo pai, tentou justificar-se das mais variadas formas. O pai, bem sério, disse: “Escute bem, aquela pessoa que você xingou é a minha mulher, a minha esposa. O que você acha que eu faria se alguém falasse isso da minha mulher na rua?”. Em geral, esquecemos de olhar para o Deus vivo como aquele que está protegendo sua noiva. Você não consegue ser amigão de quem odeia sua mulher ou seu marido, ou de quem coloca em risco a segurança de seu próprio filho. Como, então, o Deus vivo olhará para nós se nos colocarmos como juízes e caluniadores dos filhos dele e de sua Noiva? Qual será a atitude de Deus se nos colocarmos como juízes daqueles por quem Jesus morreu na cruz, para obter sua salvação? O normal é que tratemos o que não é nosso com mais cuidado. Aquilo que é seu, você trata como bem entender, mas, em relação àquilo que é do outro, você trata com muito mais respeito. Quando dirigimos um carro emprestado, o medo de arranhar a lataria é potencializado. Aqueles de quem falamos mal pertencem ao Senhor, não a nós. Devemos temer arranhar sua reputação.

AMANDO A REPUTAÇÃO DOS OUTROS

Uma das histórias mais bonitas de como devemos lidar com a reputação alheia é protagonizada por José, pai adotivo de Jesus. Em Mateus 1, enquanto Maria e José ainda eram noivos e sem qualquer coabitação sexual, Maria aparece grávida. Entenda que a ideia de uma gravidez pelo Espírito Santo não existia na compreensão das pessoas. Para José, foi o mesmo baque que seria para você se estivesse noivo da mulher com quem você quer casar e ela aparecesse grávida, dizendo que foi do Espírito Santo. Parece conversa fiada.

O que você faria se sua namorada ou noiva aparecesse grávida e, ainda por cima, dizendo que foi de Deus? Você faria textões no Facebook, contaria a todos os amigos — isso se não

pagasse por um outdoor na praça central da cidade. José, por outro lado, não queria acabar com a reputação de Maria. Assim, intentou deixá-la secretamente. Isso significa que ele juntaria duas testemunhas, acabaria com o casamento e iria embora. Sabe o que aconteceria com toda a comunidade em volta de Maria? Todos achariam que José a havia engravidado e fugido. Duas ou três pessoas saberiam da verdade, mas todos em volta achariam que a culpa era de José. Ele preferiu acabar com a própria reputação a acabar com a de Maria. Ou seja, José amou mais a reputação da mulher que havia engravidado de outro e, em tese, colocado a culpa em Deus do que a sua própria reputação. Então, Deus se revela a José e explica o que aconteceu de fato. Quantos de nós agiríamos de forma semelhante a José? Quantos de nós preservaríamos a reputação de alguém que, em nossa mente, fez algo tão terrível? Às vezes não é nem contra nós, mas todos ficam sabendo.

FOFOQUE PARA DEUS

Se você quer falar de alguém, há dois caminhos santos. Primeiro, fofoque para a pessoa. Talvez assim, você seja instrumento do Deus vivo para mudar a vida dela, de modo que ela encontre arrependimento e mude suas práticas. Quantos amigos ou mesmo desconhecidos não chegaram a mim para me dizer que eu estava errando — e isso em coisas que eu não estava nem vendo ou, quando via, ignorava? Segundo, fofoque para Deus no pé da sua cama, sem ninguém saber, para que ele transforme e mude a pessoa, de modo que ela possa vencer aquele pecado. Esse é o caminho correto de você falar a respeito dos outros. Propagar, falar mal, difamar — nada disso é postura do homem redimido. É o caminho da destruição da igreja, da família e dos relacionamentos. Nossa língua não foi feita para isso. Ela foi feita para proclamar as verdades acerca de Jesus, para lançar a bênção, e não a maldição. Foi feita para ser instrumento de bem para quem está à nossa volta. Como é possível que a mesma língua que promove bênção e louvores a Deus seja instrumento para calúnia, difamação e maldição (Tg 3.10)?

O evangelho é o instrumento do Deus vivo para transformar e corrigir nossa fala. No evangelho, entendemos que todos nós estamos debaixo do mesmo pecado. No evangelho, entendemos que ninguém é melhor que ninguém, e que todos nós somos fracos, maus e pecadores. No evangelho, descobrimos que, se alguém erra em alguma coisa, eu também erro em outra coisa. Se alguém vacila aqui, eu vacilo ali; se alguém está errado aqui, eu também estou acolá. No evangelho, entendemos que, quando vemos o pecado do outro, vemos nada menos que uma semelhança do nosso pecado. A doutrina da depravação encerra todos os homens debaixo do mesmo estado de miséria.

Porém, nesse mesmo evangelho, encontramos um Cristo que foi poderoso para salvar todos nós. O Jesus que morreu por você também morreu por aquele de quem você às vezes fala mal. E, se a pessoa não é crente, talvez venha a ser no futuro. No evangelho, encontramos todos nós tanto debaixo do mesmo pecado como debaixo da mesma bênção da parte do divino na salvação. Você não é especial nem superior. Todos somos família, somos corpo, somos iguais. Não pertencemos ao outro, o outro não me pertence, mas todos nós pertencemos ao Divino, todos nós estamos debaixo da mão do mesmo Senhor, todos nós somos alvos da mesma graça, porque todos nós fomos alcançados pelo mesmo pecado. Como posso lançar minha língua contra o outro, se Deus teria motivo para também agir contra mim, mas preferiu entregar seu Filho em perdão e misericórdia? Deus era o único que poderia falar mal de mim, mas deu seu único Filho para me salvar. Como, então, podemos ser propagadores de infâmia, mentira e falsidade, em vez de sermos propagadores da bênção e do perdão que provêm do Senhor?

Eu tenho um pacto com Deus. Nem sempre é fácil seguir, mas eu tento todos os dias. Sempre que for falar sobre alguém, quero falar o bem, quero tecer elogios, quero elencar suas qualidades. Quero falar mal das pessoas o mínimo possível, apenas quando for estritamente necessário. Às vezes fico com raiva, peco,

quero lançar impropérios contra alguém, mas esse foi o caminho como escolhi viver e eu me esforço nesse sentido, ainda que me sinta vacilante para andar. Jó fez um pacto com os olhos. Nós devemos fazer um pacto com a boca. Se você fala mal, fofoca e difama, peça perdão a Deus e peça que ele mude você. O evangelho é boa notícia. Que ele mude as “novas” que contamos por aí!

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O que torna a difamação algo tão pecaminoso? Como esse pecado ofende aquilo que Deus requer de nós como cristãos?
2. Quais são as relações entre difamação, fofoca e mentira? Como essas três coisas estão geralmente relacionadas na vida dos cristãos?
3. Qual processo deve ser seguido pelo cristão que tem algo verdadeiro, porém negativo, para dizer sobre o outro?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Quais justificativas você usa para falar coisas negativas a respeito de outras pessoas? Como você tenta convencer a si mesmo de que a difamação não tem essa natureza, consistindo apenas de comentários despretensiosos, avisos etc.?
2. De quem você mais fala mal? Quais resoluções práticas você precisa tomar para amar mais a reputação dessa pessoa?
3. Como o evangelho responde ao problema da fofoca? Quais aspectos das doutrinas cristãs relacionadas à salvação e à cruz lidam diretamente com a difamação?

#5 GULA

ADORANDO O VENTRE

“Todo desejo é um desejo de morte.”[24]

(Luis Fernando Verissimo, em O *Clube dos Anjos*)

Conta-se sobre um duque obeso do século XIV, chamado Raynald III, que era famoso por sua comilança. Ele era tão gordo que ficou conhecido pelo apelido latino *Crassus*, que significa, literalmente, “gordura”. Capturado em uma rebelião comandada por seu irmão Edward, ele foi preso e trancafiado em um quarto no castelo de Nieuwkerk. Bem, trancafiado não é a palavra correta. Talvez Edward não quisesse levar a fama de ter matado ou aprisionado seu irmão. Então, criou uma situação de aparente liberdade. O quarto de *Crassus* não tinha nenhuma porta trancada. Ele estaria livre assim que conseguisse sair do quarto. Fácil demais? Seria, se a porta do quarto não fosse um pouco mais estreita que o normal. Para sair do quarto, Raynald precisava emagrecer e diminuir o tamanho do próprio corpo. Edward, conhecendo a compulsão alimentar do irmão, enviava diariamente uma grande variedade de guloseimas ao quarto de seu “prisioneiro”. E, em vez de fazer uma dieta, jogar a comida fora ou comer só o necessário, lutando para sair do quarto, Raynald ficou preso por mais de dez anos, trancafiado ao próprio paladar. Só foi libertado depois que o irmão foi deposto.[25]

Assim como Raynald, muitos estão presos ao próprio apetite, escravos de um pecado que entra pela boca. “Gordo, quer vir almoçar aqui em casa”, você recebe de um amigo no WhatsApp, e responde: “Vou sim, deixa só eu terminar meu almoço aqui”.

Imaginamos o comer demais como um pecadinho de nada, algo que todo mundo faz, que ninguém se envergonha de fazer. Ninguém é disciplinado por repetir quatro vezes o almoço no acampamento de jovens. Nenhum pastor é repreendido por beber um litro de Coca-Cola no almoço. Ninguém é excluído do seminário por uma conta quilométrica na cantina que é paga toda semana. Soa despropositado o que escreveu Evágrio do Ponto, monge do século IV e um dos primeiros a listar os "oito males do corpo" que se tornariam os sete pecados capitais:

> A gula é a mãe da luxúria, o alimento de maus pensamentos, a preguiça de jejuar, o obstáculo ao asceticismo, o temor do propósito moral, a imaginação da comida, o delineador dos temperos, a inexperiência desenfreada, frenesi descontrolado, receptáculo da moléstia, inveja da saúde, obstrução das passagens corporais, gemido das vísceras, o extremo dos ultrajes, aliada da luxúria, poluição do intelecto, fraqueza do corpo, sono difícil, morte sombria.[26]

De forma semelhante, para Gregório Magno, a gula nos tenta de cinco modos, levando-nos a: "antecipar a hora devida de comer, a exigir alimentos caros, a reclamar requintes no preparo da comida, a comer mais do que o razoável e a desejar os manjares com ímpeto de um desejo desmedido", podendo ser resumido como um desejo alimentar "inoportuno, luxuoso, requintado, demasiado e ardente". [27]

Existe uma desconexão no modo como interpretamos a gula agora e o modo como os antigos cristãos a interpretavam. A gula era tratada como companheira de muitos outros pecados, coirmã de muitos males. Como desenfreio das vontades, está ao lado da luxúria, da ganância, do descontrole e do vício. É a inabilidade de controlar o desejo, e por isso está associada a tantos pecados. O guloso não come para sustentar a vida, mas sustenta a vida sob a sombra da próxima refeição. A gula é aquela ânsia por comida que domina você. Está relacionada a um desejo insaciável como a morte

(Provérbios 27.20). É comer pensando no próximo prato, é comer pensando no prato do outro, é sempre escolher os maiores pedaços da pizza e sempre pôr no próprio copo o finalzinho do refrigerante. Essa é a gula, o demônio que possui você pela boca, desce pela garganta e habita nas artérias entupidas do coração.

Em *Sandman*, *graphic novel* britânica escrita por Neil Gaiman, há um personagem chamado Desejo que habita em uma fortaleza chamada Limiar. A ideia é que o desejo sempre habita no limite. A gula está relacionada ao abuso, ao exagero. Existe uma inscrição no templo de Apolo, em Delfos, que diz *Meden Agan* (μηδὲν ἄγαν), que, em grego, significa: "Nada em excesso". A gula é o extremo, a transformação da bênção e do presente de Deus em algo que vai além dos nossos limites biológicos. Com a gula, você despreza os efeitos da comida a ponto de comer demais (diferente do seu oposto, a anorexia, em que você teme os efeitos da comida a ponto de comer de menos), sofrendo prejuízos até mesmo físicos por seu pecado — como o homem que sofre de gastrite sempre que ingere algo ácido, mas não consegue largar a Coca-Cola. Até lutando contra a gula, somos disfuncionais. Numa semana, picanha, pizza e hambúrguer; na outra, dieta Dukan, Atkins, dos Pontos, da Sopa, da Lua etc. Vamos do rodízio à dieta em dez segundos, e vice-versa.

EXCESSO NO TIPO, NÃO NA QUANTIDADE

Existe um tipo de gula, no entanto, que vai além do excesso de comida. É a gula que focada não na profundidade do prato, mas na *finesse* do alimento. É uma gula com classe. O glutão típico é exagerado na quantidade, enquanto o glutão delicado é exagerado na qualidade.

Em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, C. S. Lewis encarna o demônio veterano Fitafuso, que escreve ao Vermebile, um diabinho mais novato no ramo de tentar as pessoas contra a fé. Na carta 17, Fitafuso responde a questões relacionadas à gula,

repreendendo Vermebile pela “maneira desdenhosa com que [ele] se referiu à gula como meio para capturar mais almas”,[28] como se a gula não fosse, de fato, algo grave e que valesse a pena tentar as pessoas nessa área. Para o diabo experiente, “[u]ma das grandes realizações dos últimos cem anos foi solapar a consciência dos homens”, “de tal forma que agora você raramente encontra um sermão ou uma consciência atribulada com esse assunto em toda a Europa”.[29] Como se deu esse processo satânico de embotamento das consciências? Através de tentar os homens à gula da delicadeza, e não à gula do excesso.[30]

Como se dá essa gula educada? É aquela que, mesmo comendo pouco, é viciada nas mais raras iguarias. É a carne num ponto inalcançável para qualquer churrasqueiro, um suco que nunca está adoçado da forma certa, o café que nunca está forte ou fraco o suficiente. Não importa quanto trabalho você dê para o anfitrião ou para o garçom, você sempre devolve o prato à cozinha, para alguma modificação. É o dinheiro gasto numa versão imperceptivelmente superior ao que poderia ser comprado por metade do valor. É educado. É grã-fino. É pecaminoso.

Claro que não é pecado comer bem. Levar sua esposa a um restaurante caro é um ato de cavalheirismo gratificante. Comer o que há de melhor na sua cidade pode ser uma experiência de êxtase místico, um avivamento gastronômico. Quem não gostaria de anjos dançando em suas papilas gustativas? O problema é quando transformamos a festa em rotina. Rodízios semanais representam uso desnorteado do paladar, tanto quanto caras iguarias não são apropriadas para o dia a dia. Lewis descreve esse tipo de gula como um estômago que domina a vida, ainda que seja um estômago pequeno.[31] Grandes quantias e muito trabalho são empregados para agradar paladares cada vez mais rebuscados:

> A mulher está naquilo que pode ser chamado de estado de espírito “tudo-o-que-eu-quero”. Tudo o que ela quer é uma xícara de chá feito do jeito certo, ou um ovo cozido no ponto

> certo ou uma fatia de pão torrada da maneira certa. Mas ela nunca encontra um empregado ou um amigo que consiga fazer essas coisas da maneira “certa” — porque o “certo” dela esconde uma exigência insaciável quanto aos prazeres do paladar [...]. É mais fácil transformar os homens em glutões com a ajuda da vaidade. Eles devem pensar em si mesmos como grandes conhecedores de gastronomia, devem ficar alegres por terem achado o único restaurante na cidade onde a carne é preparada do jeito “certo”. O que começa como vaidade pode ser gradualmente transformado em hábito.[32]

Lewis, na voz do diabo, é muito sagaz. Ele sabe que o excesso de alimentação é um pecado visualmente mais óbvio. Pratos, contas e barrigas enormes evidenciam essa prática. Mas o apreço exagerado pelas mais finas iguarias pode ser disfarçado num manto de espiritualidade. A alma humana é especialista em chamar pecado de “bom gosto”.

ADÃO E EVA PECARAM PELA BOCA

Você já parou para pensar que o pecado entrou no mundo através da comida? Foi porque o fruto proibido foi agradável aos olhos e pareceu bom ao paladar, e porque Adão e Eva não controlaram o desejo por tal alimento, é que houve a Queda. É icônico que o pecado tenha entrado no mundo por meio da alimentação, do ato de ingerir uma fruta que fora proibida por Deus. Deus diz que Adão e Eva poderiam comer de tudo o mais que houvesse no Jardim (Gn 2.8, 9, 16) e, mesmo assim, eles desejaram o único prato proibido do menu. É interessante como essa é uma perfeita analogia para o pecado da gula. Já temos aquilo que poderia nos satisfazer, mas queremos ainda mais, queremos ir além, até mesmo aonde não é possível ir. Quantos “frutos” do pecado não comemos em nossas refeições?

Adão e Eva perderam o jardim por irem além do que podiam comer. Ao desejarem mais, tiveram menos. Na sabedoria das ruas,

o guloso sempre se dá mal e acaba visto como tolo. Quando duas pessoas precisam dividir um pedaço de comida, um é o que faz a divisão, o outro é quem escolhe primeiro com qual pedaço vai ficar. Assim, se cresce o olho daquele que faz a divisão e ele deseja ter um pedaço desproporcional, o outro terá a chance de escolher o pedaço maior, deixando o guloso com a migalha do outro pedaço. O guloso acaba ficando com mais fome. Não é à toa que, na fome de ser igual a Deus, Adão e Eva se tornaram subnutridos da imagem divina.

Isso é tão sério que, na tradição judaica do Antigo Testamento, os filhos rebeldes que se entregavam à comilança seriam punidos com apedrejamento público. Os pais que tivessem um filho rebelde e desobediente deveriam levá-lo aos anciãos de sua cidade e dizer: “Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz; é um comilão e um beberrão”. Então, a lei cobrava que todos os homens de sua cidade o apedrejassem, até que ele morresse, a fim de que o mal fosse retirado do meio de Israel (Dt 21.18-21, ACF). Aqui, além de a gravidade da gula ser atestada, existem características que são associadas ao glutão, como rebeldia, obstinação, bebedeira e vergonha causada aos pais. A gula nunca está só; ela sempre traz consigo suas amigas. É interessante que a gula e a embriaguez surjam em paralelo nesse texto e em outros lugares da Escritura. A gula parece ser um tipo de embriaguez alimentar, em que o homem se embebeda com a comida, enchendo a cara de picanha, bolo e refrigerante. O glutão tem mais semelhanças com o cachaceiro do que imagina. Gula e embriaguez não surtem o mesmo efeito físico, mas têm o mesmo efeito moral diante de Deus.

Em Números, Jeová trouxe sua ira contra aqueles que se entregaram à gulodice. Certa feita, o povo de Israel passou um dia e meio colhendo codornizes, e só parou quando o que pegou menos tinha dez barris inteiros para si. O texto diz que, “enquanto a carne ainda estava entre os seus dentes e antes que a ingerissem, a ira do Senhor acendeu-se contra o povo, e ele o feriu com uma praga

terrível". Dessa forma, o lugar foi chamado Quibrote-Hataavá, que significa algo como tumba dos gulosos, "porque ali foram enterrados os que tinham sido dominados pela gula" (Nm 11.32-34). Pegaram mais comida do que conseguiriam comer — tudo aquilo estragaria antes de virar almoço. O versículo 31 diz que Deus é quem havia enviado aquele alimento, mas eles transformaram a bênção de Deus em substituto de Deus.

O livro de Provérbios, que traz a sabedoria de Deus aos homens, é o texto que mais trata do comilão. Provérbios 23.1 ordena ao homem glutão, quando ele estiver sentado com uma autoridade para comer, que "encoste a faca à sua própria garganta, se estiver com grande apetite" (Pv 23.1-2). Em vez de cortar o bife, usa os talheres para ameaçar a si mesmo contra a desordem alimentar. Isso porque a comida das autoridades está muitas vezes envenenada, e o homem guloso pode acabar tomando do veneno que destinado ao outro: "Não deseje as iguarias que lhe oferece, pois podem ser enganosas" (Pv 23.3). O guloso morre pela boca. Por isso o mesmo livro diz: "Não ande com os que se encharcam de vinho, nem com os que se empanturram de carne. Pois os bêbados e os glutões se empobrecerão, e a sonolência os vestirá de trapos" (Pv 23.20-21). Comer e beber demais são falhas morais que levam até mesmo à preguiça, à falta de obras diante de Deus. É um problema relacional e espiritual.

Já no Novo Testamento, a gula se manifesta como uma obra da carne, contrária ao fruto do Espírito Santo. Em Gálatas 5, a partir do verso 19, lemos que

> as obras da carne são manifestas: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. (Gl 5.19-21)

Essa é uma lista bem séria. A prática da gula é uma obra da carne, em contraposição ao que o Espírito Santo opera na sua vida. Isso significa que a quantidade de comida do seu prato pode evidenciar o pecado do seu coração. Que pedaço a mais você vai pegar, quanto entra no seu copo e quantas vezes você vai repetir, tudo isso está relacionado ao agir do Espírito em seu coração. Isso significa que apenas pelo poder do Espírito Santo conseguiremos vencer a gula, e não pelo poder humano. Apenas através da atuação do Espírito podemos pegar pratos mais rasos no *self service* da empresa. Se vivemos no Espírito, então andemos também no Espírito de Deus. O "domínio próprio" é justamente uma das manifestações da obra do Espírito na vida daquele que encontrou Cristo. Os que pertencem a Cristo Jesus já crucificaram as paixões e os desejos da carne (Gl 5.24). Por isso Colossenses 3.5-6 e 2Timóteo 3.2-4 trazem sérias advertências contra o apetite e a vida desordenados. Ter domínio sobre o pecado não é legalismo, mas comunhão com Deus.

Existem dois tipos de relacionamento com a eternidade que afetam nossa alimentação. O homem que olha para os céus sabe que dará conta, diante de Deus, daquilo que comeu. Em 2Coríntios 5.10, lemos que "todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal". Entender que há um relacionamento com o eterno em tudo o que fazemos deve afetar até mesmo nossa alimentação. De forma semelhante, o homem que descrê no futuro eterno escreve no fundo do prato: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (1Co 15.32). Não é à toa que, no Ceará, quando você come desesperadamente, quase sem mastigar, nossas mães perguntam se vamos morrer no dia seguinte. A descrença na ressurreição dos mortos nos leva a viver apegados, de forma exagerada, aos prazeres alimentares desta vida.

IDOLATRIAS À MESA

Às vezes, transformamos a refeição num sacrifício a Belial. A mesa se torna um altar de propiciação em oferenda a falsos deuses. Com a gula, indicamos uma idolatria. Paulo escreve o seguinte a respeito dos falsos mestres que viviam em função da própria pança:

> Pois, como já lhes disse repetidas vezes, e agora repito com lágrimas, há muitos que vivem como inimigos da cruz de Cristo. Quanto a estes, o seu destino é a perdição, o seu deus é o estômago e eles têm orgulho do que é vergonhoso; eles só pensam nas coisas terrenas. (Fp 3.18-19)

Esses inimigos da cruz adoravam o próprio estômago e se orgulhavam do que é vergonhoso, pensando apenas naquilo que é terreno. Essa não é a descrição perfeita do glutão? Só pensamos em comida e temos orgulho disso. Divulgamos nossos recordes nos rodízios como verdadeiros troféus, e não como motivo de vergonha, louvando nossa gula. É por causa de homens cujo deus era o próprio estômago que Agostinho falava que temia não a impureza da comida, mas a do apetite.[33] Ele tinha medo das idolatrias que poderiam aparecer quando ele comia. A idolatria reside justamente em transformar os presentes de Deus em deuses. Não existem mais alimentos impuros, mas existe alimentação impura. Em vez de recebermos a comida como presente divino, comendo em sujeição ao Senhor, idolatramos os sabores e adoramos o alimento. Ao adorarmos o estômago, estamos dizendo que amamos muito mais o prazer proporcionado pelo alimento do que amamos louvar a Deus por comer da forma correta. Glorificamo-nos com o pão terreno.

Ao escrever à igreja de Corinto, Paulo denuncia um problema de gula que estava atrelado à falta de amor ao próximo. Por causa das divisões durante as reuniões da igreja (1Co 11.18), uns comiam “sua[s] própria[s] ceia[s] sem esperar pelos outros. Assim, enquanto um fica com fome, outro se embriaga” (1Co 11.21). Uns estavam comendo, enquanto outros ficavam com fome. Eles tinham comida em casa, mas não faziam uso de seus recursos alimentares da melhor maneira, justamente por desprezarem os outros. Por isso,

eles “desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm” (1Co 11.22). Era uma gula baseada na falta de interesse pelo próximo. Eles não percebiam ou apenas ignoravam que o outro tinha menos condições financeiras e que, por isso, tinha mais necessidade da comida servida na ceia da igreja — que, ao contrário das ceias atuais, era uma refeição.

Paulo não tenta solucionar o problema de forma comportamental: “Comam menos, bando de esgalamidos!”. Ele lida com a questão do outro e da falta de amor cristão. A idolatria alimentar se manifesta também no desinteresse pelo outro. É a tentativa de sempre pegar o último pedaço, mesmo quando o mais pobre está à mesa. É quando você escolhe a maior porção já tendo comido algo em casa, enquanto o trabalhador que só teve o almoço pelo dia inteiro terá de se contentar com meia porção. O guloso come olhando para o prato, enquanto devíamos comer olhando para o outro, pensando em suas necessidades e abrindo mão de nossa parte em prol de quem precisa. Em Lucas 16, temos uma parábola sobre um que come enquanto o outro passa fome: o faminto vai para os céus, enquanto o rico satisfeito encontra o inferno. Será que nos importamos com a fome do outro também nos pequenos momentos de refeição comunitária?

É triste constatar que os cristãos são famosos por sua gula. Sabe que “crente não bebe, mas come que é uma beleza”? Quando tentei pechinchar no bufê do meu casamento, argumentando que eu não queria bebidas alcoólicas, argumentaram que festa de crente sempre precisa de mais salgadinho. Sempre tem de haver alguém para servir o almoço do retiro; caso contrário, não sobra frango para os outros — você sabe que, se não for logo para a fila, nem arroz sobra. Certa vez, um parente me confidenciou que, em determinado aniversário, seus amigos descrentes ficaram chocados com o comportamento dos colegas da igreja na hora de partir o bolo — pareciam urubus sobrevoando a carniça. Somos um grupo que os bufês sabem que precisam completar o salgadinho. Jesus disse que deveríamos ser conhecidos por nosso amor, mas nós somos

famosos por nossa desordem alimentar. Será que esse é um bom testemunho para o mundo?

Sempre há um pecado por trás do pecado, e há idolatrias que se manifestam no coração que levam o homem a comer demais. A gula não é sobre fome. Ela não está relacionada a um desejo do estômago, mas a uma inclinação do coração. Trata-se de um vício da alma que exalta o excesso. O guloso não quer apenas mais comida; ele quer mais daquilo que lhe será dado através da comida: realização, prazer, valor ou felicidade. O problema dos coríntios era falta de amor. Qual é a disfunção espiritual que faz você comer tanto? Às vezes, nossa ânsia por comida é uma tentativa de satisfazer os prazeres físicos que não estamos satisfazendo de outras formas. Um meio de compensar a ausência de prazeres proibidos no alimento. “Eu como para esquecer” é uma expressão amiga de “Eu como para comemorar”. O homem glutão não consegue negar prazeres ao corpo. Ele manifesta um problema que leva a outros pecados. Às vezes, a comida é só mais uma das maneiras de se glorificar. Será que nossa batalha contra a gula não deveria passar por completar o copo do outro antes do seu, por oferecer o lugar na fila ou por escolher a menor porção e deixar para o outro o pedaço da pizza com mais calabresa?

Em vez de sermos como Daniel, que rejeitou os manjares do rei por sua própria santificação (Dn 1.8), assemelhamo-nos a Esaú, que vendeu sua primogenitura por um prato de lentilhas (Gn 25.34). Este desprezou um relacionamento especial com seu pai simplesmente porque estava com fome. Ele, literalmente, trocou sua bênção por comida: “Morro de fome, que me importa o meu direito de primogenitura?” (Gn 25.32). A gula nos leva a fazer escolhas desonrosas a Deus e modifica nosso senso de valor. Faz com que usemos nosso dinheiro de modo despropositado, nosso tempo de forma errada e nossa saúde de maneira irresponsável, além de representar um desejo diminuto pelo divino. Nosso relacionamento com Deus acaba afetado com tudo isso.

Em João 6, lemos a história da multidão que participou da multiplicação dos pães voltando ao mesmo lugar onde o milagre acontecera, a fim de comer um pouco mais. Ao encontrarem Jesus em outro lugar, eles ouviram a repreensão do mestre: “A verdade é que vocês estão me procurando [...] porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará” (Jo 6.23-27). Eles argumentaram dizendo que Jeová enviara o maná dos céus para alimentar o povo no deserto, mas Jesus replicou novamente: “É meu Pai quem lhes dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo”. Eles disseram, então, animados: “Senhor, dá-nos sempre desse pão!”, e Jesus arremata: “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede” (Jo 6.31-35). Os homens encontraram o pão vivo, mas preferiram pão francês. Judas traiu por trinta moedas de prata. Pedro negou para salvar a própria vida. Enquanto isso, muitos não precisam de tanto. Eu, por exemplo, por minha própria natureza, trocaria Cristo por um sanduíche.

O pregador americano John Piper nos indica quatro testes bem interessantes para nos ajudar a perceber se a comida se tornou um ídolo em nosso coração.[34] Ainda que não exaustivo, traz muita sabedoria em nos questionarmos nesse sentido. Ele diz, em primeiro lugar, que nos tornamos indiferentes aos efeitos prejudiciais que a comida tem sobre o templo do Espírito Santo, nosso corpo. Não estou dizendo que precisamos ser bitolados da geração saúde que não come mais comida, mas apenas pontos, ou calorias, ou quantidades específicas de proteína, fiscalizando o prato alheio o tempo todo. Mesmo assim, falamos tanto de mandato cultural e da importância de cuidar bem da cultura, mas desconsideramos o cuidado com a habitação do Espírito de Deus, o local em que Deus mantém o reflexo de sua imagem desde a Criação. Você tem intolerância a lactose mas enche o açaí de leite em pó, tem gastrite e ataca o refrigerante ou sofre de labirintite e arrebenta no café.

Em segundo lugar, nós nos tornamos indiferentes à forma como estamos gastando nosso dinheiro de forma imprudente com alimentos cada vez mais caros e saídas cada vez mais frequentes. O que você gasta por mês jantando fora é quase o que você gasta na feira. Você compra mais do que pode e almoça em lugares que estão acima do seu orçamento. Você deixa quase um dízimo no Outback todo mês. Com uma alimentação mais barata, sua vida financeira seria mais saudável, mas você sempre precisa do combo, do trio, do grande, do melhor.

Em terceiro lugar, começamos a usar comida como uma fuga de nossos problemas e uma medicação para nossa tristeza, como um antidepressivo barato. Trocamos o culto de oração pelo rodízio de massas, e achamos que preencheremos nosso vazio interior através do esôfago. Será que a comida se tornou um substituto demoníaco da alegria? A comida vira uma droga, uma fuga para os problemas da vida.

Em quarto lugar, paramos de apreciar o alimento como uma maneira de desfrutar Deus, deixando de degustar a bondade de Deus na bondade dos alimentos, passando a substituir a bondade de Deus pela bondade dos alimentos. Em vez de sentirmos Deus no que comemos, comemos contra Deus. Todo sabor é um presente do divino, e cada sensação gustativa vem do céu. Em vez de recebermos tudo como um presente, esquecemos Deus e não agradecemos a ele de forma apropriada. Como está nosso relacionamento com o alimento?

JESUS VEIO COMENDO E BEBENDO

Não devemos achar, no entanto, que comer é algo ruim, ou mesmo que se fartar regaladamente sempre seja uma falha moral. Há espaço para o festejo, para o banquete e para pratos fundos. Em nossas meditações sobre gula, podemos acabar pensando que a comida é necessariamente algo ruim, mas a Bíblia não fala negativamente da comida em si. Há uma frase latina famosa que

diz: *abusus non tollit usum* [o abuso não impede o uso]. Deus incentiva o uso correto da sexualidade, e condena o desejo sexual desenfreado. Cristo ingeriu bebidas alcoólicas, como na Ceia, transformou água em vinho em uma festa, mas condenou veementemente a embriaguez. Deus ordena o descanso e condena a preguiça. O abuso não condena o uso, mas é comum abusarmos idolatricamente dos presentes que Deus nos dá para que usemos em glória de seu nome.

Por isso “veio o Filho do homem, comendo e bebendo”, a ponto de o acusarem falsamente de ser comilão e beberrão (Mt 11.19). As pessoas associaram o Cristo com alguém que comia demais — não é porque acusam você de guloso que isso é verdade. Jesus rejeita esse tipo de incriminação. Ele não era glutão, mas, de fato, comia bem. Ele participava de festas, de modo que seu primeiro milagre se deu em um casamento e envolveu provisão alimentar (Jo 2.1-11). Ele não era um monge num mosteiro, mas comia em festas, de modo que os fariseus o acusaram de ser comilão. Uma acusação falsa, mas baseada no fato de que Cristo deveria ser pelo menos bom de prato. Ele se coloca em contraposição a João Batista, que comia gafanhoto e mel silvestre (Mt 11.18). Isso nos dá uma perspectiva positiva e uma perspectiva negativa. Positiva, porque temos um Jesus que comeu e se fartou, mas que também rejeitou a acusação de comilança. O abuso não impede o uso.

A comida não é má ou negativa. Deus não a criou para que tivéssemos vergonha de comê-la. A alimentação era liberada no mundo sem pecado (Gn 2.8, 9, 16). Deus quer que a gente coma, e coma feliz. O problema da gula não é um problema com a comida em si. Deus disse que comamos de tudo. Nem animais impuros existem mais, como existiam na lei mosaica (Mc 7.19). Por isso Paulo orienta: “Comam de tudo o que se vende no mercado” (1Co 10.25), sem entrar em conflito de consciência. Falando novamente de comida, o apóstolo diz que “tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é

santificado pela palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4.4-5). Deus santificou o alimento para nós, e isso se consuma através da oração. “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber” (Cl 2.16-17). Comer é algo tão divino que Jesus quis que relembrássemos sua morte e ressurreição através de um ato alimentar (1Co 11.25). Deveríamos encontrar na Ceia um paradigma maravilhoso para cada refeição, sentindo a boa mão de Deus em cada sabor.

Há um louvor à comida em Eclesiastes, em uma passagem em que alegrar-se em Deus pela alimentação é visto como algo bom, e não ruim:

> Por isso recomendo que se desfrute a vida, porque debaixo do sol não há nada melhor para o homem do que comer, beber e alegrar-se. Sejam esses os seus companheiros no seu duro trabalho durante todos os dias da vida que Deus lhe der debaixo do sol! (Ec 8.15)

Comer é ótimo. Você não deve ter vergonha de gostar de uma boa picanha.

RODÍZIO: A BOCA É MESMO LIVRE?

A questão ética que surge mais comumente nas conversas sobre gula sempre evoca a questão do rodízio, o *coma quanto puder por R$27,50*. Se a gula é pecado, o rodízio também é? A verdade é que a chamada “boca livre” nem sempre está associada à glutonaria. O rodízio é uma maneira de comer variados cortes de carne ou tipos diferentes de pizza sem ter de pedir várias porções *à la carte*. Se você é uma pessoa grande ou simplesmente faminta, é uma boa oportunidade de celebrar e comer com fartura.

No entanto, o modo como muitos se relacionam com os rodízios mostra que suas bocas não estão livres do pecado da glutonaria. Competições acirradas de quem consegue comer mais,

esforços para deixar o gerente chorando ou para dar prejuízo na casa representam um uso desrespeitoso da alimentação. Meu pai me dizia para não brincar com a comida. Ainda que haja espaço para refeições festivas, não devemos celebrar o empanturramento como se fosse algo moralmente neutro. Não devemos deixar que o tamanho do prato ofusque a glória de Deus.

QUATRO REMÉDIOS CONTRA O VERME DA GULA

Sempre que eu comia demais, minha mãe perguntava se eu estava com verme. Caso fosse verdade, uma dose única de Albendazol poderia solucionar meu problema. Contra o verme da gula, no entanto, algumas porções constantes se fazem necessárias. Indico quatro remédios que nos ajudam contra a glutonaria.

NEM SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM

Uma das receitas contra a idolatria alimentar está em valorizar Deus e sua Palavra acima do alimento. Lemos, em Mateus 6.31-33, que não devemos nos preocupar dizendo: “O que vamos comer?” ou “O que vamos beber?”. A ansiedade pela próxima refeição não convém ao santo que confia na soberania de Deus. Se é verdade que “nem só de pão viverá o homem” (Mt 4.4), precisamos encontrar outros objetivos mais elevados em nossa vida. Mateus 4 diz que viveremos da palavra que sai da boca do Senhor. Para Jesus, precisamos de alimento espiritual tanto quanto de alimento para o corpo. Amar a Palavra de Deus é um instrumento para devolver o valor que damos às coisas ao lugar certo.

Paulo diz que há grande ganho na piedade com contentamento (1Tm 6.6). Ele vivia satisfeito e contente com o que tinha. Isso significa que não havia ansiedade por comida em seu coração, mas uma satisfação divina por valorizar coisas mais

elevadas. Ele diz isso em termos muito fortes ao escrever aos filipenses:

> Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece. (Fp 4.11-13)

O guloso nunca viveria contente em Cristo em meio a uma situação de fome. Em verdade, costumamos ficar mais irritadiços e iracundos quando estamos famintos, mas Paulo se encontrava adaptado a circunstâncias tais. Ele sabia que podia tudo em Jesus. Quando Cristo é valorizado acima de toda e qualquer circunstância, não sentir o estômago estufado deixa de ser o fim do mundo. Será possível encontrarmos alegria sem estarmos comendo?

A CANECA DA REDENÇÃO: O REFIL *FREE* DA GRAÇA

Em segundo lugar, nossa participação na Ceia do Senhor é um meio de redirecionarmos nossa alimentação para Deus. O ato de comermos o pão e bebermos o vinho de forma solene nos dá a chance de nos alimentar em teorreferência, diante da face de Deus. Mastigamos o pão imaginando as pisaduras no corpo de Cristo e bebemos o vinho visualizando o sangue que foi derramado por nós. É uma maneira santa e elevada de se alimentar que deve servir de paradigma para nossas refeições comuns.

Relembramos aquilo que há de maior em toda a história do universo por meio de uma refeição, comendo e bebendo na Mesa do Senhor. Deus quis que nos lembrássemos da redenção comendo. “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto, sempre que o beberem, em memória de mim” (1Co 11.25). Comemos e bebemos justamente por sermos salvos da glutonaria.

A Ceia nos permite comer de forma redimida porque, nela, lembramos que Jesus levou nossa gula na cruz.

O BANQUETE DIVINO

Em terceiro lugar, somos motivados em um relacionamento mais modesto com a comida quando lembramos que seremos fartos nos novos céus e na nova terra. Quando eu comia apressadamente, meu pai me perguntava se a comida ia fugir ou se era minha última refeição. Às vezes comemos como se não fôssemos comer nunca mais. A promessa para os santos é que para sempre teremos banquetes fartos ao lado de Deus. Jeová promete no Antigo Testamento que seria o garçom de uma festança celeste regada a muita comida: “Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho” (Is 25.6). É por isso que a volta de Cristo é descrita como as Bodas do Cordeiro, a festa judaica que às vezes durava uma semana de banquetes (Ap 19.7-10).

Imaginamos que seremos fantasminhas tocando harpa nos céus, mas, em verdade, nós teremos um corpo físico que se gloriará na comida. Para o terror dos vegetarianos, o próprio Cristo saboreou um bom peixe após sua ressurreição (Lc 24.44-42), e ainda prometeu aos discípulos: “Beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai” (Mt 26.29). Podemos comer de forma mais cristã aqui, sabendo que seremos recompensados lá. Imagine a qualidade da maminha que será servida na festa de Deus!

FOME DE DEUS

Em quarto lugar, a melhor receita contra a gula é estar faminto pelo Senhor. Davi nos convida para comer de Deus e sentir seu gosto: “Provem, e vejam como o Senhor é bom” (Sl 34.8). No hebraico, a palavra para “provem” (*ṭa‘ămū*, טַעֲמוּ) está relacionada a paladar, alimentação. Somos convidados a ter fome do divino. Não é

à toa que o livro de John Piper sobre oração e jejum se chama *Fome por Deus.* Quem prova de Deus tem seu paladar transformado pelo Espírito. A prática do jejum pode ser uma ótima maneira de manifestar fome pelo divino. Abster-se de alimento por algum tempo e dedicar-se à oração consistem em maneiras de nos deixar menos dominados pelo estômago. Jason Todd diz que o "desejo por mais não é inerentemente mau, mas muitas vezes é maldirecionado. O que precisamos é de um apetite incansável pelo divino. Precisamos de uma voracidade santa".[35] Você tem fome de quê?

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O que é a gula? Como a descrevemos modernamente e como os antigos a descreviam? A comida não mudou muito, mas nossa visão acerca da gravidade da gula tem-se transformado. O que motiva esse processo?
2. Como a gula, para C. S. Lewis, pode estar envolvida não com a quantidade, mas com a qualidade da comida? Como podemos disfarçar nossos pecados sob o manto da discrição pessoal?
3. Como a Ceia cristã afeta nossa visão da alimentação?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Como a gula se manifesta em sua vida? O que você ama quando ama a comida? Qual pecado está por trás do seu pecado?

2. Como o amor cristão deve manifestar-se à mesa do jantar? Em alimentações comunitárias, como você pode portar-se de modo a amar o outro mais do que ama a comida?
3. Quais remédios a Bíblia nos oferece contra a glutonaria? Como você pode aplicar cada um deles em sua vida a partir de agora?

#6 TOLICE

VENDO O MUNDO COM OS PRÓPRIOS OLHOS

> “Eu recomendo aos jovens: envelheçam depressa, deixem de ser jovens o mais depressa possível, isto é um azar, uma infelicidade. [...] Na adolescência eu me considero um pobre diabo, uma paródia, uma falsificação de mim mesmo. [...] Por isto, digo aos jovens: não permaneçam muito tempo na juventude que isto compromete.” [36]
>
> (Nelson Rodrigues, em *Entrevista*)

Vivemos num tempo que louva a juventude. Ser jovem é sempre uma coisa boa, enquanto ser velho é sempre uma coisa ruim, ponto-final. Nenhum produto se vende como tradicional, como antigo, mas como novidade, como lançamento. Há um frenesi contra os cabelos brancos, contra as rugas nos cantos dos olhos, contra a calvície. Muitos acham que é um xingamento serem chamados de “senhor” ou “senhora”. Todo mundo quer parecer jovial, novo em folha, o último modelo. Ser velho não está na moda. Bom mesmo é ter vinte e poucos anos.

O livro de Provérbios, porém, começa com uma ofensa. O autor diz que o livro foi escrito para “dar prudência aos inexperientes e conhecimento e bom senso aos jovens” (Pv 1.4). Por meio de uma estrutura literária chamada “paralelismo”, o autor está usando os termos “inexperientes” e “jovens” de forma intercambiável. Ele está dizendo a mesma coisa com duas palavras distintas. Ele quer dar prudência ao inexperiente, e conhecimento e bom senso ao jovem. Aqui, “jovem” e “inexperiente” são tratados como a mesma coisa. Para Salomão, ser jovem é ser inexperiente, ser simples ou, no

popular, ser tolo. O autor de Provérbios está comparando a juventude à tolice. Se fosse cearense, Salomão certamente chamaria, como nós, “juventude” de “jumentude”.

A Bíblia nunca foi politicamente correta e não teme desagradar grupos de mocidade. Para o autor de Provérbios, o jovem é um tolo. E Salomão já começa o livro tratando o jovem como simples, como uma pessoa que não é dotada de vivência, de sabedoria, de experiência e de conhecimento.

O TOLO CONFIA NA PRÓPRIA VISTA

Quais características da juventude tanto a assemelham à tolice? O livro de Provérbios vai definir o jovem como um tolo, no sentido de alguém carente de instrução, disciplina e conselho. Salomão diz que “os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina” (Pv 1.7). O jovem tolo é aquele que despreza a sabedoria e a disciplina. O tolo não vê valor em ser disciplinado, instruído e ensinado. Ele não vê valor em ter suas compreensões transformadas por outra pessoa.

A disciplina e a instrução sempre acontecem passivamente. No contexto de Provérbios 1, a sabedoria é algo que você recebe, é algo que alguém lhe dá. O inexperiente é aquele que rejeita o ensino do outro e despreza a sabedoria que vem através do conselho. Dessa forma, o tolo é alguém que só consegue ver o mundo pela própria visão. Ele confia nas próprias ideias, confia nas próprias percepções, confia em suas análises do mundo. Ele presume estar certo até que alguém lhe prove o contrário, em vez de presumir a própria incapacidade e buscar sempre ajuda nas decisões, ciente da própria inexperiência. Essa é uma das principais características da inexperiência, da tolice, da juventude e da simplicidade de vida que nos leva a desprezar a instrução e o conhecimento. O tolo é aquele que confia no modo como vê tudo à sua volta.

Nelson Rodrigues condenava, no fim do século XX, a “razão da idade”, a ideia de que os jovens geralmente devem ser tratados como justificados em suas tolices por causa da idade: “É uma razão que não lhe custa um esforço, um mérito, um sacrifício, uma conquista. Tem razão porque é jovem”.[37] Nas almas menos nobres, diz ele, a razão sobe à cabeça como uma espécie de embriaguez. Inebriados com os piores sentimentos e com as crueldades mais secretas e inconfessas, todos os demônios pessoais são liberados.[38] Ele diz:

> Nem importa o que faça “o jovem”. Incendeia a França. Tem 17, 18, 22 anos. E basta. Arranca os paralelepípedos e vira os carros. Pode fazê-lo porque tem no bolso a triunfal certidão de idade. Se nasceu no ano X, tudo lhe é permitido. Estão aí o jornal, o rádio e a TV para justificá-lo, para absolvê-lo. Há uma “Moral da Idade”, assim como há uma “Igreja da Idade”. Conheço sacerdotes que só confessam “o jovem”. Todos põem na mão do jovem, como uma bomba, a razão absoluta. O mundo deixou de ser dos “mais velhos”. Mas eu pergunto: O que fará “o jovem” com sua onipotência? A razão da idade pode destruir o mundo.[39]

Infelizmente, muitos ignoram o seguinte conselho: “Não seja sábio aos seus próprios olhos” (Pv 3.7). Assumimos a “razão da idade” e cremos já termos a sabedoria necessária para a vida. É um perigo confiar em si mesmo, e achar que está justificado na juventude. É na juventude que fazemos as piores presepadas, que trocamos os pés pelas mãos com maior frequência, que os outros precisam relevar com maior frequência nossas burradas. Enquanto somos jovens é que fazemos o maior número de besteiras. Isso justamente porque carecemos de interesse pela sabedoria e sequer tivemos tempo ainda de recebê-la.

Aquele rejeita a instrução é aquele que presume a própria sabedoria. É aquele que acha que sabe. E, quanto menos você sabe, mais presume que sabe; quanto mais tolo você é, mais se

considera sábio; quanto menos instrução você tem, mais acha que conhece; e, quanto menos você ama a sabedoria, mais julga que não precisa dela. E é por isso que você não a ama, pois você acha que já tem o bastante e que ela não está fazendo tanta diferença assim na sua vida. O tolo é aquele que acha que é sábio e faz suas escolhas achando que é a fonte do conhecimento, dotado de sabedoria.

O texto está dizendo que você deve ser tolo aos seus próprios olhos. Ser sábio é ver a si mesmo como incapaz. Aquele que olha para si mesmo e se considera sábio é tolo. Mas aquele que olha para si e se julga tolo é sábio. Aquele que encontrou a sabedoria sabe o que não sabe, e reconhece a própria incapacidade, percebe o cuidado que os outros podem dispensar a ele. É nisso que encontramos a verdadeira instrução. Quando você não busca a sabedoria alheia, está se considerando sábio e, com isso, sendo um tolo, um simples, um jovem. A maturidade e o crescimento provêm de você reconhecer a própria incapacidade e buscar a sabedoria que está fora de você.

Ninguém anda no caminho que julga errado. Ninguém anda no caminho que julga que vai levá-lo a algo ruim. Se eu acho que meu caminho vai me conduzir ao erro, saio desse caminho. Se eu acho que minha opinião é errada, mudo de opinião. Sabe quando você está argumentando e diz “é só a minha opinião”? Ora, se é a minha opinião, então eu julgo isso certo do meu ponto de vista. Ninguém diz: “Isso está profundamente errado, mas essa é a minha opinião”. Costumamos assumir opiniões que consideramos corretas, andamos em caminhos que julgamos corretos e nos damos mal. “O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio ouve os conselhos” (Pv 12.15). O tolo é aquele que julga seu caminho correto. O sábio, por outro lado, é aquele que sempre busca conselhos para seus caminhos. Ou seja, o tolo já pressupõe sabedoria em suas próprias escolhas, enquanto o sábio procura conselho para saber se seu caminho é correto e justo.

Você tem buscado ajuda para tomar suas decisões? Antes de tomar decisões relevantes na sua vida, você busca ouvir os outros, ou já parte do pressuposto de que é capaz de tomar boas decisões? Andar no caminho que você considera certo não é grande coisa. Às vezes, a gente pensa: “Tem o caminho que estou julgando errado e o caminho que estou julgando certo”. Nós escolhemos o certo e já queremos uma medalha por isso. O que o texto está dizendo é que o caminho que a gente julga certo nem sempre é. E pressupomos que o caminho é certo porque nos julgamos sábios. Quando não nos julgamos sábios aos nossos próprios olhos e reconhecemos que ainda estamos trilhando o caminho da sabedoria, fugindo do caminho da tolice, buscamos conselhos para saber o que fazer da vida. Você procura seus pastores, o líder dos jovens, seus pais, pessoas mais velhas e mais instruídas? Você tenta buscar sabedoria ao seu redor para tomar suas decisões, ouve e anda nesse caminho? Ou você é autossuficiente e confia na própria visão das coisas?

A insensatez consiste em acreditar em si mesmo. “Quem confia em si mesmo é insensato, mas quem anda segundo a sabedoria não corre perigo”(Pv 28.26). Aquele que é sábio não confia em si mesmo, portanto não corre perigo. Aquele que é insensato confia em si mesmo, portanto corre perigo. Ser tolo é perigoso! Presumir sabedoria em si é algo ameaçador, e pode levá-lo à catástrofe, a cometer falhas morais terríveis e a acabar com a sua vida. Quando, diante de um conselho, você bate no peito e diz “Eu sei o que estou fazendo”, está sendo sábio aos próprios olhos e caminhando a passos largos para a ruína. Não é simplesmente uma questão de humildade. É uma questão de fugir da morte social, moral, ética e espiritual. E isso serve para tudo, não só para os fatos religiosos. As decisões comuns da vida, como emprego, estudo, ministério, relacionamento, trabalho, vida financeira e igreja, dependem que de buscarmos instrução e conselho.

É vergonhoso quando os pastores e irmãos mais velhos de uma igreja não são muito procurados para tirar dúvidas e fazer

aconselhamento. Pastores precisam tomar a iniciativa nos aconselhamentos com base em coisas que ouvem de outras pessoas, poucas vezes com base em pessoas que desejam ter sabedoria para si, mas que vivem à revelia de bons conselhos. Julgamo-nos sábios aos próprios olhos, suficientes para nossas decisões, e escrevemos a palavra “tolice” na testa. Ver só através dos próprios olhos conduz à ruína.

O SÁBIO VÊ POR MUITOS OLHOS

Só podemos fugir da tolice, da simplicidade, dessa característica tão intrínseca da juventude, quando passamos a ouvir os outros. Provérbios diz que “a sabedoria está com os que tomam conselho” (Pv 13.10). Charles Spurgeon diz que “parece estranho que certos homens que falam tanto do que o Espírito Santo revelou a eles pensem tão pouco no que o Espírito revelou aos outros”.[40] Costumamos dizer que Deus falou conosco, que Deus nos guia, que Deus deu paz ao nosso coração, mas ignoramos, sumariamente, o que Deus pode estar falando ao coração dos outros. Somos orgulhosos demais para ouvir o que Deus quer nos dizer por intermédio dos mais velhos e mais sábios? A sabedoria de Deus está com aqueles que tomam conselho.

É terrível estarmos aprisionados a ser apenas quem somos. Estarmos aprisionados às nossas próprias histórias, às nossas próprias experiências, às nossas próprias vivências, aos nossos próprios pressupostos, às próprias cores que compõem nossos olhos. É terrível estarmos aprisionados à nossa percepção única da realidade. Mas Deus nos dá, através do conselho, a capacidade de vermos o mundo com vários olhos e de percebermos as coisas por vários ângulos. Temos percepções distintas da realidade que nos ajudam a adquirir mais sabedoria e inteligência para a vida. O famoso autor C. S. Lewis, autor das *Crônicas de Nárnia*, diz que quem está contente em ser apenas a pessoa que é, é menos que uma pessoa. Por isso, diz ele, devemos “ver por meio de outros olhos, imaginar por meio de outras imaginações, sentir por meio de

outros corações". É quando conseguimos ver através dos olhos do outro, sentir pelo coração do outro e interpretar pela mente do outro que encontramos sabedoria real para nossas vidas.

Lewis está falando sobre literatura, mas isso é verdadeiro também em relação a conselhos. Na multidão de conselhos, "eu me torno mil homens e continuo eu mesmo", "eu vejo com uma miríade de olhos, mas sou eu quem continua vendo". É isso que a igreja representa em nossas decisões. Somos capazes de ver por uma miríade de olhos, de interpretar com uma miríade de mentes. Podemos aproveitar sabedorias que nem são nossas ainda, inteligências que nem temos ainda. A partir do momento em que sentamos aos pés dos outros para ouvir, a partir do momento em que pedimos ajuda, não nos consideramos sábios, mas interpretamos nossa própria tolice à luz da sabedoria que Deus pode nos dar através dos outros.

"Apegue-se à instrução, não a abandone; guarde-a bem, pois dela depende a sua vida" (Pv 4.13). Sua vida depende de boa instrução. Você consegue ver as coisas com essa urgência? Você consegue ver as coisas com essa gravidade? Sua vida depende de você ser bem-instruído, de abandonar a tolice e encontrar conselho à sua volta. "Sem diretrizes, a nação cai; o que a salva é ter muitos conselheiros" (Pv 11.14). Essa é uma verdade nacional — e, mais ainda, uma verdade a respeito de nossa vida. "Os planos fracassam por falta de conselho, mas são bem-sucedidos quando há muitos conselheiros" (Pv 15.22). Seus planos muitas vezes podem dar errado na sua vida porque você deixa de ouvir os outros, porque você abandona a instrução alheia. Quando você abandona a sabedoria da igreja, das pessoas mais velhas e das pessoas que estão à sua volta. Quantos planos já fracassaram na sua vida simplesmente porque você não recebeu o conselho correto? Talvez você nem saiba, mas certamente alguns.

Às vezes, a gente acha que a sabedoria só vem através da leitura de livros, de participar de conferências e fazer um doutorado,

mas ela vem de pedir conselho às pessoas à sua volta: “Ouça conselhos e aceite instruções, e acabará sendo sábio” (Pv 19.20). T. S. Eliot diz que você não precisa ler os livros das pessoas com quem conversa, porque muitas vezes o livro é uma representação daquilo que a gente já fala. Então, conversar com alguém é ter acesso àquilo que seria literatura para você. A gente dá atenção aos livros, mas não dá atenção aos papos. Alguns amigos meus, quando leram meu primeiro livro, acharam engraçado já terem ouvido tudo o que escrevi na mesa da cantina. Quando você conversa com alguém, frequentemente tem acesso a um conteúdo que nunca estará em um livro, mas que é, igualmente, sabedoria.

Você tem planos para sua vida, não tem? “Os conselhos são importantes para quem quiser fazer planos, e quem sai à guerra precisa de orientação” (Pv 20.18). Sente-se com alguém para conversar, pergunte, exponha, ouça, acate. Se só você no mundo está vendo as coisas de determinado jeito, há uma grande chance de você estar vendo com olhos turvos. Se todas as outras compreensões são distintas das suas, talvez você tenha de tomar uma decisão confiando nos olhos dos outros. Às vezes você diz: “Não consigo ver assim, mas, como as pessoas mais velhas e mais sábias que estão à minha volta estão todas vendo de um jeito unânime e dissonante do meu jeito, então não vou tomar essa decisão; simplesmente vou confiar na sabedoria dos outros”. E muitas vezes, mais adiante, quando a gente amadurece, percebe toda a sabedoria que não estava vendo antes. Você precisa confiar naqueles que são sábios, nos mais velhos, nos que têm mais experiência de vida, naqueles que conseguiram fugir da tolice e da inexperiência, e encontraram sabedoria. Essa é uma realidade para todo mundo, em todas as faixas etárias. Essa é uma caminhada na qual nunca estamos livres da necessidade de contar com a sabedoria alheia.

O CONVITE DA SABEDORIA

Há um convite no fim do capitulo 1 de Provérbios, em que a própria sabedoria toma a voz. “A sabedoria clama em voz alta nas ruas, ergue a voz nas praças públicas; nas esquinas das ruas barulhentas, ela clama, nas portas da cidade, faz o seu discurso” (Pv 1.20-21). A sabedoria está implorando que você largue a tolice. A sabedoria está na esquina gritando. A sabedoria é um pregador num terminal de ônibus. Você tenta não ouvir e não consegue. Ela está fazendo barulho. Ela é como o bar que fica na frente da sua casa. Às vezes, você não quer ouvir, mas o som da sabedoria não para de ressoar. A sabedoria berra e clama. O que o texto está dizendo é que rejeitar a sabedoria é ter de colocar a mão no ouvido. A gente não precisa se esforçar para encontrá-la; ela já está lá à nossa volta, o tempo todo. O único jeito de rejeitar a sabedoria é sendo como uma criança em quem o pai deu uma bronca: ela coloca a mão no ouvido e cantarola qualquer coisa. Quando abraçamos a tolice, é isso o que estamos fazendo. Encontrar a sabedoria não é necessariamente ter de se esforçar em busca de algo; é simplesmente tirar os livros da sua estante. É simplesmente puxar uma conversa um pouquinho melhor com pessoas que já fazem parte de sua rotina. Você não tem de ir para a Índia encontrar um guru; basta falar com seu pastor no fim do culto. É só fazer um telefonema, ou enviar um áudio no WhatsApp. A sabedoria está clamando à sua volta e você continua rejeitando o conhecimento.

O convite da sabedoria é o seguinte: “Até quando vocês, inexperientes, irão contentar-se com a sua inexperiência? Vocês, zombadores, até quando terão prazer na zombaria? E vocês, tolos, até quando desprezarão o conhecimento?” (Pv 1.22). Até quando vocês se satisfazer com a tolice? Até quando você será tolo e isso não vai incomodá-lo? Até quando você vai viver sem conselho, e isso não vai deixá-lo triste e chateado? Até quando você vai se satisfazer com a mediocridade? “Até quando?”, essa é a pergunta da sabedoria. É a sabedoria que está às portas, que está clamando, que está batendo no seu coração e pedindo para entrar na sua cabeça, e que você rejeita porque está satisfeito como uma pessoa no fim do rodízio. Sabe quando não entra mais nada? Quando você

já comeu tudo, já bebeu o refrigerante até não aguentar mais e não consegue respirar porque o pulmão não consegue inflar de tanto que o estômago inchou? Nós inflamos nossas cabeças com uma sabedoria que acreditamos ter. Mal entrou um nutriente dentro de nós e já achamos o bastante. Então, vamos definhando e definhando... Mergulhados na tolice, mas satisfeitos, contentes na ausência da sabedoria. E este é o convite da sabedoria: “Até quando vocês vão desprezar o conhecimento que vem através do conselho?”.

“Se acatarem a minha repreensão...” (Pv 1.23). A sabedoria repreende. A sabedoria não vai passar a mão na sua cabeça. Um conselho sábio não será cócegas nos ouvidos. O conselho sábio às vezes será uma repreensão, o oposto do que você quer. Às vezes, o conselho sábio será um “não”. Às vezes, o conselho sábio será um “não vai”. Às vezes, um conselho sábio será o oposto daquilo que você estava ansiando no seu coração, e é por isso que a gente rejeita os conselhos. Minha mãe sempre brigava comigo, em minha adolescência, porque eu nunca pedia, eu só avisava. Eu chegava e dizia: “Ei, mãe. Vou lá na casa do Benjamim”, e ela me perguntava: “Você está avisando ou está pedindo?”. Aí eu tinha de pensar bem no que ia responder, para não apanhar. Eu voltava e dizia: “Mãe, posso ir lá na casa do Benjamim?”, e ela dizia: “Não, vá fazer o dever de casa”. Às vezes, a resposta da sabedoria é nos repreender, é nos entristecer, é nos fazer andar por outro caminho, é nos fazer ficar chateados. Mas, se fosse para confirmar tudo que a gente quer, então não seria sabedoria; seria uma tolice igual à nossa. É que Narciso acha feio tudo aquilo que não é espelho. Vocês se lembram da história de Narciso? Era um cara que, pela lenda, era muito bonito e viu o próprio reflexo no oceano. Então, amou tanto o próprio reflexo que caiu e morreu afogado. O tolo acha chato tudo aquilo que não está de acordo com sua tolice. O tolo considera exagerado, o tolo acha que é uma escolha ruim, que é besteira, que é coisa de gente velha, coisa de gente que não sabe. Acha que ninguém o entende. E o tolo rejeita o conselho que vai contra sua própria tolice, e permanece no caminho da ruína.

“Se acatarem a minha repreensão, eu lhes darei um espírito de sabedoria e lhes revelarei os meus pensamentos” (Pv 1.23). É ouvindo constantemente uma sabedoria que não é sua que ela se torna sua. É ouvindo constantemente conselhos que você vai adquirindo sabedoria para tomar as próprias decisões e para ter pensamentos também sábios. E a sabedoria diz: “Vocês, porém, rejeitaram o meu convite; ninguém se importou quando estendi minha mão!” (Pv 1.24). A sabedoria está estendendo a mão para tirá-los do buraco e, com frequência, vocês continuam rejeitando o caminho da sabedoria e abraçando as tolices das próprias decisões. E aqui há uma maldição terrível que a sabedoria lança sobre aqueles que a desprezam:

> Visto que desprezaram totalmente o meu conselho e não quiseram aceitar a minha repreensão, eu, de minha parte, vou rir-me da sua desgraça; zombarei quando o que temem se abater sobre vocês, quando aquilo que temem abater-se sobre vocês como uma tempestade, quando a desgraça os atingir como um vendaval, quando a angústia e a dor os dominarem. (Pv 1.25-27)

Desprezar a sabedoria é encontrar um caminho de angústia e de dor. É tudo aquilo que você teme que venha a se abater sobre você. Você vai tomar uma decisão, você percebe que tem alguma coisa que pode dar de errado, você percebe que realmente tem uma coisa a ser considerada, mas o que o tolo faz? Minimiza as possibilidades de dar errado. Ele minimiza aquilo que deveria levá-lo a ter cuidado, ele maximiza a certeza de que vai dar certo. Isso é comumente associado aos homens. Achamos que, se ignorarmos o problema, ele irá embora. O homem acha que a luz de alerta do motor vai se apagar se ele não fizer nada por tempo suficiente. Ele acha que a goteira vai acabar e que a infiltração não vai aparecer de novo, ou que o problema do relacionamento vai embora se ele não falar muito a respeito. A gente acha que, se ignorar bastante o problema, ele vai sumir. Mas esse é o caminho claro da tolice, de ambos os sexos,

e aquilo que tememos abate-se sobre nós como uma tempestade, como um vendaval vindo para destruir quem rejeitou o caminho da sabedoria.

A sabedoria vai rir de você na hora da desgraça. Você não vai contar com pessoas condoídas; haverá pessoas zombando de você. É o que está sendo dito aqui. A sabedoria vai zombar de você. Existem erros que são tão idiotas que as pessoas não conseguem nem sentir pena. Vão rir por dentro do tamanho da nossa presepada. Às vezes elas não conseguem nem ter pena. Então, vão rir e fazer galhofa de tanta burrice que a gente faz.

O texto fala da hora em que a desgraça se abater sobre aquele que rejeitou a sabedoria: “Então vocês me chamarão, mas não responderei” (Pv 1.28). Quando tudo dá errado é que a gente vai pedir conselho; quando tudo dá errado é que a gente vai procurar ajuda. É quando a gente se lasca, mas se lasca bonito, é que vai ligar pro pastor. Nunca é quando acontece a primeira briga; é sempre quando a mulher está fazendo as malas. Nunca é quando a coisa está começando a dar errado, nunca é antes de tomar uma decisão; é sempre quando o estrago está feito. Aí a gente busca a sabedoria, mas a sabedoria não responde. A sabedoria só funciona de forma preventiva, não corretiva. A sabedoria é algo que você precisa ter antes de a coisa dar errado, para você poder sair do erro. Quando você busca a sabedoria como busca uma pílula do dia seguinte, não encontra resposta para seu problema. Não dá para voltar atrás, não dá para corrigir o que já aconteceu. E a sabedoria não vai responder se você só procurá-la quando tudo já estiver na bancarrota.

“Então vocês me chamarão, mas não responderei; procurarão por mim, mas não me encontrarão” (Pv 1.28). Podemos até pedir conselhos, mas, dificilmente, vamos encontrar a sabedoria que poderia ter nos levado a corrigir aquele problema, porque não procuramos antes da catástrofe. “Visto que desprezaram o conhecimento e recusaram o temor do Senhor, não quiseram aceitar

o meu conselho e fizeram pouco-caso da minha advertência” (Pv 1.29-30). Às vezes, a tolice zomba da sabedoria; muitas vezes, a tolice ri daquilo que é sábio, a tolice ri do bom conselho, zomba da boa instrução, tira onda daquele que traz o conselho que realmente tem fundamento na vivência. “[...] comerão do fruto da sua conduta e se fartarão de suas próprias maquinações” (Pv 1.31). Você vai ter exatamente aquilo que procurou. Você procurou desgraça, vai achar sua desgraça. Você procurou andar de acordo com seus próprios caminhos, vai se emaranhar em seus próprios caminhos. A promessa da falta de sabedoria é ter exatamente o que você quer: desgraça e morte: “Pois a inconstância dos inexperientes os matará, e a falsa segurança dos tolos os destruirá; mas quem me ouvir viverá em segurança e estará tranquilo, sem temer mal algum” (Pv 1.32-33). É encontrando a sabedoria que a gente encontra segurança e vence a inconstância da vida.

CONSELHOS RUINS E O TEATRO DA TOLICE

Muitas vezes, em nossa busca por sabedoria, até damos o primeiro passo na busca por conselhos, mas acabamos como Roboão. Ele era um príncipe que se tornou rei após a morte do pai. Seu pai havia aumentado os impostos, colocando dura carga sobre os ombros do povo. Quando se tornou rei, o povo foi até ele questioná-lo a esse respeito: “Seu pai nos açoitou, ele aumentou muito os impostos, por favor diminua nossos impostos”. E ele disse: “Me deem três dias para pensar”. Opa, vejo aqui algo de sabedoria. Ele não tomou uma decisão apressada, ele não concordou com o povo de forma abrupta. Ele pediu três dias para pensar, o que parece uma atitude sábia.

Então, ele foi às autoridades de Israel e perguntou o que deveria fazer. As autoridades disseram para ele diminuir os impostos, pois o povo não estava aguentando mais. Mas, depois de ouvir as autoridades, ele rejeita seus conselhos e vai procurar os amigos de infância. Eram jovens da mesma idade que ele. E os amigos o aconselharam a impor a força e dizer: “No meu dedo

mínimo, tem mais peso que no corpo todo do meu pai. E, se meu pai os afligiu com chicotes, eu vou afligi-los com chicotes pontudos", para que, assim, demonstrasse força e poder. Diz o texto que "Roboão, contudo, rejeitou o conselho que as autoridades de Israel lhe tinham dito e consultou os jovens que haviam crescido com ele e o estavam servindo [...]. Rejeitando o conselho das autoridades de Israel, seguiu o conselho dos jovens" (1Rs 12.8, 13-14). Sabem o que aconteceu? Ele dividiu o reino de Israel. Ele aumentou tanto os impostos que houve uma rebelião em seu governo. Às vezes, a gente procura conselho, mas se rebela contra o bom conselho dos mais velhos e abraça os maus conselhos daqueles que dizem as palavras que a gente quer ouvir. A gente faz o teatro da tolice.

A rebelião do jovem contra a sabedoria é um teatro. Ele se rebela contra a sabedoria porque sabe que receberá uma reação sábia. O tolo não se rebela contra a tolice, porque a tolice lhe devolverá mais tolice ainda. O homem bêbado que bate na esposa não é o mesmo que bate no traficante, porque o bêbado não é necessariamente louco. Quando chegava alguma notícia de que alguém cometera um assassinato porque estava bêbado, meu pai sempre perguntava por que as pessoas bêbadas não se deitavam nos trilhos do trem . O cara sempre mata ou rouba, sempre faz alguma coisa para se dar bem, nunca algo em que vai se dar mal, porque está bêbado. Olavo de Carvalho chama as rebeliões do tolo contra os pais, os professores e os mais velhos da igreja de "jogo de cartas marcadas", porque nunca haverá um revide com força total. Os amigos da escola, por outro lado, poderão excluir você do grupo, espalhar bobagens a seu respeito ou humilhá-lo publicamente. Sempre escolhemos a rebelião que atende melhor aos nossos interesses. Preferimos ouvir a tolice à sabedoria porque tememos a vingança dos tolos e desprezamos a candura dos sábios. Isso revela que, com frequência, a tolice é algo psicopático, quase planejado. A gente praticamente planeja ser tolo porque planeja o caminho que dói menos no curto prazo.

A Bíblia fala de Absalão como alguém que abandonou um conselho correto, que foi o conselho de Aitofel, para abraçar o conselho de Husai, o mau conselho, e Deus o pune por isso: “Absalão e todos os homens de Israel consideraram o conselho de Husai, o arquita, melhor do que o de Aitofel; pois o Senhor tinha decidido frustrar o eficiente conselho de Aitofel, a fim de trazer ruína sobre Absalão” (2Sm 17.14). Por isso a Bíblia diz: “Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios” (Sl 1.1). Não basta procurar conselhos bons; também precisamos andar longe do caminho de Roboão, não andar segundo o conselho de gente que não conhece a sabedoria de Deus. “Não se deixem enganar: ‘as más companhias corrompem os bons costumes’” (1Co 15.33). As más conversações corrompem os bons costumes, e aqui ele está falando de doutrina. Maus conselhos de más amizades levam você à doutrina errada, quanto mais a decisões ruins!

Às vezes, compramos colares, bonés, fazemos escova progressiva, pintamos e fazemos todo tipo de macumba para tentarmos ficar um pouquinho menos feios, gastamos dinheiro para comprar todo tipo de enfeites. Será que nos dedicamos igualmente a obedecer ao pai e ouvir o conselho da mãe? “Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe. Eles serão um enfeite para a sua cabeça, um adorno para o seu pescoço” (Pv 1.8-9). Tem coisa mais careta do que falar de ouvir os pais, coisa mais século XVII do que falar desse tipo de coisa? Mas o caminho da sabedoria é esse. É ouvir seu pai, ouvir sua mãe, ouvir as autoridades que Deus colocou sobre sua vida, ouvir os mais velhos, ouvir aqueles que são mais sábios, mais instruídos e mais inteligentes. É não se considerar sábio aos próprios olhos para tomar decisões precipitadas; é preciso reconhecer a própria incapacidade e procurar uma sabedoria que está fora de você, buscando o outro antes de tomar as decisões importantes da sua vida.

VEJA PELOS OLHOS DE DEUS

No fim das contas, se temos de rejeitar ver apenas com nossos próprios olhos para vermos também pelos olhos de outros, devemos, acima de tudo, buscar ver pelos olhos de Deus: “Peço-te que busques primeiro o conselho do Senhor” (2Cr 18.4). Não faz sentido buscarmos as pessoas à nossa volta e nunca buscarmos o conselho de Deus, nunca tentarmos ouvir o Senhor, nunca tentarmos aprender de Deus. Devemos pedir o conselho dele em oração e ouvir sua resposta através do texto bíblico. Provérbios é um livro para tirar o jovem da tolice, da simplicidade e da loucura que conduzem à ruína, a fim de entregar o caminho da sabedoria. Devemos fugir da loucura, da ruína, da tolice e da juventude. O caminho da sabedoria é o caminho do crescimento.

Precisamos ser contraculturais e abandonar a tolice típica da juventude. Tem gente que tem tanto talento para ser jovem que, se envelhecer, vai se sentir deslocado. Se encontrar sabedoria, não vai saber o que fazer com ela. Muitos sentem que nasceram jovens e vão morrer jovens aos 70 anos. “Jovem” deveria ser um xingamento. Precisamos buscar as pessoas mais velhas, os homens mais sábios, as pessoas mais experimentadas. Ouvir até mesmo quando estiverem dizendo o oposto do que você queria para sua vida, porque elas sabem muito mais do que você. Existem homens de cabelos brancos cujas cãs devem ser honradas. Homens de instrução, estudados, que são extremamente vividos e a quem muitas vezes desprezamos porque não falam o português correto. Busque conselho e encontre sabedoria. Contente-se com sua própria capacidade de tomar decisões e encontre ruína.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. A tolice parece ser a condição natural do ser humano. Quais ferramentas Deus dá para que o homem saia dessa situação e encontre sabedoria?
2. Como se manifesta o teatro da tolice, em que fingimos buscar sabedoria, mas estamos apenas atrás de autoconfirmação?
3. Louvamos constantemente a juventude como uma marca positiva, mas ser jovem traz uma série de dificuldades para a vida. Como envelhecer pode ser algo vantajoso?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Se você não é tolo, certamente já foi. Como a tolice se manifesta na sua vida hoje e como já se manifestou no passado?
2. A sabedoria profetiza angústia e dor para quem a abandona. Por quais maus bocados você já passou por ter desprezado a sabedoria e amado a tolice?
3. Paulo diz, nos primeiros capítulos de 1Coríntios, que a sabedoria de Deus é loucura para o mundo. Quais resoluções pessoais você deve tomar para encontrar sabedoria mesmo quando o mundo achar que você está louco?

#7 IMPACIÊNCIA

PRESSA PELO PECADO

“Deus é paciência. O contrário é o diabo.”[41]

(Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*)

Eu creio em salvação pela graça. Eu creio que ninguém é perfeito em sua manifestação pública da salvação. Esperar a perfeição de si mesmo ou dos outros porque tivemos um encontro com Jesus é nunca ter lido a primeira epístola de João apropriadamente. Mesmo assim, não são poucas as vezes que Deus cobra de nós um padrão de vida elevado, e em termos que chegam a ser devastadores. Uma das passagens mais difíceis para mim foi escrita pela pena do apóstolo Paulo: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5.22-23).

Muitas vezes me referi a essa passagem falando dos “frutos do Espírito”, mas essa é uma leitura bem errada do que está escrito. Aqui não diz que o Espírito tem *frutos*, no plural, mas, sim, *fruto,* no singular. Há somente um fruto do Espírito que se manifesta em oposição às obras da carne, que é “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”. A paciência está inserida no bolo de qualidades que são chamadas de fruto do Espírito. Qual é a diferença entre singular e plural, aqui? A partir do momento em que Paulo usa o singular, deixa claro que não temos como escolher entre os frutos. Não podemos ter amabilidade, domínio próprio, bondade, mas faltar os outros atributos. Não é possível que tenhamos somente *algo* da árvore. Não escolhemos frutos da lavoura de Deus, mas é *o fruto, um fruto* que se manifesta dessas mais variadas formas.

O que Paulo está dizendo é que, se você não possui o todo, não possui o fruto. Se você não tem o pacote completo, então falta o Espírito que dá aquele conjunto de qualidades como seu fruto. Se a paciência não é algo característico da sua vida, talvez falte o fruto por completo, logo toda a árvore que frutificaria, que é o Espírito. O que o texto nos diz é que aquele que tem o Espírito Santo precisa ter paciência. O impaciente não tem o Espírito.

PEDAGOGIA DA IMPACIÊNCIA

Muitas vezes, porém, o crente salvo, dotado da transformação que provém de Deus, falha na perfeita manifestação do fruto do Espírito. O pecado nos afeta e nossos frutos nascem meio tortos. Isso se dá, em parte, porque vivemos na época da pedagogia da impaciência. Somos ensinados diariamente a não esperar por nada. Temos expectativas sobre a velocidade com que as coisas vão se manifestar diante de nós. E, quando essas expectativas não são cumpridas, manifestamos a obra da carne. Muitas vezes, a impaciência é fruto de uma cosmovisão ruim e de expectativas que são irreais. Achamos que as coisas acontecerão mais rápido e que a vida vai se descortinar diante de nós com uma velocidade que não é real.

Deus espera que nossas expectativas para com a vida sejam muito mais pacientes. Não devemos achar que as coisas acontecerão agora ou que serão recebidas hoje. Muitas das coisas da vida só são entregues com o tempo, de forma demorada e através do exercício da paciência. Acaba que nossas expectativas para com o mundo têm uma função modeladora em nosso caráter e em nossa personalidade. Queremos que as pessoas nos obedeçam rapidamente, queremos que as pessoas nos respondam na hora, queremos que as pessoas se comportem de acordo com o modo que criamos em nossa própria cabeça. Porém, quando essas expectativas não são cumpridas, elas já nos modelaram tanto que não conseguimos dar outra resposta senão a resposta da impaciência: “Eu não gosto de esperar” — mas ser crente é esperar. Se você escolheu Jesus, escolheu esperar.

Isso muitas vezes está relacionado aos nossos eletrônicos. Se o celular demora três segundos a mais para carregar uma página de internet, você já quer jogá-lo contra a parede. Você liga o computador e o Windows começa a atualizar, e você tem vontade de se matar. Assim, você vai sendo condicionado pelas expectativas que tem para com as coisas que estão fora de você. A tecnologia se vende como algo que deve funcionar rapidamente, como algo pelo qual não se deve esperar durante o uso. E é essa expectativa que depositamos sobre a tecnologia, então ficamos irados e frustrados quando essa expectativa não é satisfeita. Essa ira é o fruto da impaciência de esperar o que não queremos esperar. Não é um problema o fato de não gostarmos de equipamentos lentos, já que presumimos que eles devem ser rápidos. Mas não podemos ser ensinados na escola da impaciência. Nossos entretenimentos têm uma função modeladora em nossa vida. Tudo deve ser breve, curto e direto. Os filmes, cada vez mais cheios de explosões. Os comerciais, cada vez mais breves. A comida, com o preparo mais rápido possível. Até as músicas precisam começar pelo refrão, e os *trailers* dos filmes têm um pequeno *trailer* do *trailer* de três ou quatro segundos para já prender nossa atenção. Isso nos molda.

Essa é a diferença entre escrever um blog e um livro. Se você posta um texto no *Facebook*, na mesma hora as pessoas estão lendo e compartilhando, mas, se você vai escrever um livro, passa anos fazendo um arquivo de *Word* que as pessoas não estão lendo. A ansiedade fará você entrar em parafuso. É uma coisa que ninguém está vendo, e o resultado público daquilo não aparece de imediato. Eu brinco dizendo que nunca terminei um só livro; apenas desisti deles, porque não aguentava mais ficar em cima daqueles textos, queria que eles saíssem de mim. Sem paciência, esses trabalhos que levam tempo — e um tempo de clausura solitária — nunca existirão.

Se só nos relacionamos com o que deve ser rápido, seremos moldados por uma cultura de velocidade que nem sempre combina com as características da fé. Rimos daqueles que passam vários minutos parados em um museu apreciando a mesma e imóvel obra de arte, enquanto saímos do cinema no meio de um filme por não

aguentar assistir a toda a película. Se somos criados na escola da pressa, devemos também treinar na academia da paciência. Precisamos de entretenimentos mais lentos, de conversas mais longas, de leituras mais vagarosas. Se somos viciados em não esperar por nada, devemos nos matricular na clínica de reabilitação da calma. A Bíblia é um livro que demanda tempo para ser lido. Relacionamentos reais cobram passos lentos. A criação de filhos, a produção do belo e o contemplar do pôr do sol não podem ser apressados pela agenda do homem moderno.

Deus não vai mudar nosso ser de forma mágica. Muitas vezes, a paciência vem através do treinamento das qualidades morais nas situações que nos levariam à impaciência. Ninguém aprende a nadar por correspondência. Se fomos modelados para a impaciência, também devemos ser modelados para a paz interior. Temos de aprender a usar as coisas que tiram nossa paciência a nosso favor. Se o celular demora a ligar, devemos controlar o coração. Se o livro é demorado, não devemos ficar pulando parágrafos, mas, sim, lê-lo com cuidado. Se o computador está lento e não há como comprar um mais potente, não devemos defenestrar o coitado, mas usar o computador lento e deixar que ele molde nosso coração. Ler mais devagar, comer mais devagar. Curtir as jornadas, e não só os destinos, porque ignorar o processo faz parte da impaciência. É você não aguentar a transformação e o processo.

Somos impacientes até mesmo na luta contra a impaciência. Queremos ser transformados magicamente por alguma força mística que nos deixe mais calmos, como se o Espírito fosse um remédio. Deus é mais um professor que uma injeção. Ao lidarmos com os outros, o mesmo acontece. Você quer que as pessoas sejam o que você espera delas agora, ou o relacionamento não perdura. Não queremos trabalhar o caráter e a personalidade de ninguém por anos a fio, mas o casamento sempre será isto: o afiamento mútuo do homem e da mulher. O mesmo acontece com o pastoreado. Não posso transformar ninguém em quem eu quero, à minha imagem e semelhança. Com frequência, precisamos aconselhar e servir aqui e ali por anos a fio. O mesmo acontece no nível da amizade, com o ferro afiando o ferro. A vida humana se torna uma desgraça se você

não for uma pessoa paciente. Você será inútil às outras pessoas porque as outras pessoas só serão edificadas por gente paciente. Você será um mau cônjuge, porque um cônjuge deve ser paciente com o outro, ter tato para lidar com as dificuldades e ir trabalhando lentamente, pois há falhas morais que levam anos até serem vencidas. Sem paciência, não vencemos a personalidade impaciente.

APRESSADOS EM SE IRAR

Uma personalidade calma não está necessariamente relacionada a um caráter paciente, mas um caráter paciente pode gerar uma personalidade calma. Você pode ser um impaciente que nunca fala alto, mas também pode ser um paciente expansivo que ri alto e move muito as mãos. Agora, algo muito próximo da impaciência que se manifesta na personalidade está nas manifestações de raiva. A impaciência é uma desgraça que não afeta só sua vida, mas também a vida das outras pessoas que o rodeiam, justamente porque a impaciência tem como seu principal fruto a ira. Quando não temos paciência com as coisas, ficamos irados com isso.

Por isso gosto de Tiago 1.19, que diz: “Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus”. Temos de ser tardios em nos irar, e essa linguagem de “tardio” está ligada à paciência. Você tem de demorar para se irar. Você não pode ser uma pessoa que se ira com facilidade, uma pessoa que grita ou se embrutece com qualquer coisa. Você precisa ser paciente na ira.

Em geral, a impaciência se manifesta numa ira que surge logo. Se o produto está ruim, você o quebra contra a parede. O computador trava e você o atira no chão. A criança apronta alguma e já leva um bofetão. O marido age de alguma forma inconveniente e você já berra na frente de todo mundo. A resposta irada é impaciente: ela se manifesta assim que surge no coração. As explosões emocionais nem sempre são fruto de um coração raivoso, mas de um coração impaciente que não consegue esperar o tempo

de Deus para as coisas. O tempo dos outros precisa adaptar-se a você. O fato de querermos tudo no nosso tempo é um pecado contra o tempo de Deus para as coisas e sobre como Deus está organizando seu tempo à nossa volta. Há uma espécie de egocentrismo na impaciência. Em tentar fazer o mundo girar sempre de acordo com as nossas expectativas. Isso é um tipo de idolatria, em que queremos criar o mundo à nossa imagem e semelhança.

PACIÊNCIA COMO PERSEVERANÇA

É interessante perceber que, tanto no Novo como no Antigo Testamento, a linguagem para paciência muito se assemelha à linguagem para perseverança, sendo quase sinônimos. Aquele que é perseverante é fundamentalmente paciente, aquele que não desiste quando as coisas demoram. Por exemplo, quando vemos Jó, enxergamos nele um paradigma de perseverança, um paradigma de alguém resignado. Jó certamente não se enxergava como alguém que é paciente. Segundo ele próprio: “Qual é a minha força, para que eu aguarde? Qual é o meu fim, para que eu tenha paciência?” (Jó 6.11). Ele está dizendo “Eu não aguento mais!”. Ele via sua paciência no limite. No entanto, Tiago diz o seguinte sobre ele:

> Irmãos, tenham os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência diante do sofrimento. Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar sobre a paciência de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia. (Tg 5.10-11)

Quando estava enfrentando dificuldades e desafios, Jó julgou que não estava sendo paciente, que estava sem forças, sem saber qual seria seu fim. A Palavra de Deus testemunha, no entanto, que, mesmo nesse estado confuso, Jó teve uma paciência que se manifestou como perseverança em meio à dificuldade. Jó foi paciente mesmo quando achava que não estava sendo. Interiormente, ele não estava em um estado de transe meditativo. Ele sofria, gemia e, provavelmente, queria externar sua dor, mas

aguentou firme. Talvez um dos segredos da paciência esteja em suspeitar da própria capacidade de ser paciente.

Para Tiago, a paciência está relacionada à capacidade de lidar com as provações e dificuldades. Se não aguentamos esperar na fila do banco, como vamos suportar as catástrofes da existência comum? Não sabemos passar pelas intempéries da vida porque não temos paciência sequer para as coisas menores. Quando o sofrimento vem, queremos que ele termine de imediato. A falta de perseverança está relacionada à falta de paciência, a não saber esperar que Deus aja à sua maneira. Queremos que a agenda de Deus seja a nossa, e não nos sujeitamos à sua boa, agradável e perfeita vontade. Desistimos dos caminhos de Deus porque não estamos preparados para esperar aquilo que Deus está preparando em nossas vidas. Temos de encontrar, naqueles profetas e santos que foram pacientes e perseverantes no Antigo Testamento, um padrão de imitação.

Se Jó esperou com fé que Deus lhe restituísse a saúde, os filhos e os bens, por que não posso esperar com calma as menores coisas da vida? Imaginamos que permaneceremos firmes na fé em caso de contrairmos um câncer, mas, se o computador quebra, chutamos o cachorro, gritamos com a esposa e bradamos com os braços erguidos: “Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?”. Queremos teologia para as grandes coisas da vida, mas, em relação às pequenas, pensamos que temos aval para ser murmuradores, blasfemos e reclamões.

A impaciência nos leva a não aguentar aquilo da vida que cobra perseverança. Alguns pulam de curso em curso da faculdade porque não têm paciência de esperar quatro ou cinco anos pela formatura. Às vezes, não estamos preparados, espiritual e emocionalmente, para nos casar e já queremos namorar muito cedo. Às vezes, queremos começar a trabalhar logo sem ter terminado os estudos, para que possamos sair com os amigos e, assim, adiantar aquilo que seria uma bênção no futuro. A impaciência nos leva a tomar péssimas decisões na vida.

O mesmo se dá em nosso relacionamento com a igreja. Se os irmãos não reparam rapidamente em nossa capacidade

intelectual, teológica ou evangelística, ficamos revoltados e mudamos de congregação. Queremos ser reconhecidos de imediato; não queremos esperar. Passei seis anos sem nenhuma função na igreja local até que me permitissem ajudar a pregar para crianças por um mês a cada três meses, e mais dois anos sem nenhum outro ministério, até ser convidado para exercer o pastorado. Meus amigos me questionavam sobre minha espera por uma oportunidade ministerial, mas eu preferi esperar que as coisas andassem no ritmo de Deus.

LUTA PELA IMAGEM

Dessa forma, a luta contra a impaciência é uma luta pela imagem de Deus. Fomos criados à semelhança de nosso criador, mas o pecado corrompeu essa afinidade. Lutamos todo dia na santidade, e essa luta por santidade é uma luta para ser mais parecido com Jesus. O salmista diz: “Mas tu, Senhor, és Deus compassivo e misericordioso, muito paciente, rico em amor e em fidelidade” (Sl 86.15). Temos um Deus paciente, e lutar pela paciência é lutar para ser mais parecido com Deus. É lutar pela restauração da imagem divina dentro de nós.

Quando você é paciente, reflete mais de Cristo para si, para os outros, para a igreja e para o mundo. Ao agir com impaciência, você corrompe cada vez mais aquilo para o qual você foi criado, que é refletir a imagem de Jesus. Apenas na paciência compreendemos melhor quem é o Deus a quem seguimos e seus atos no mundo. Dessa forma, nossa paciência é fruto da paciência divina. A paciência de Deus que se manifesta em termos de misericórdia no Salmo 86 traz esperança ao que vive em tormento, porque o motiva a ter paciência na aflição por Deus, a ter compaixão em sua paciência.

PACIÊNCIA ESCATOLÓGICA

O cristianismo é, por definição, uma religião de espera. Hebreus 6.15 diz: “E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa”. Só alcançaremos o que Deus tem para nos dar se

formos pacientes, esperando com perseverança o que vem da parte de Deus. Todos nós estamos aguardando a vinda daquele que é nosso Senhor, pacientemente. Nossa paciência se manifesta também de forma escatológica:

> Portanto, irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o agricultor aguarda que a terra produza a preciosa colheita e como espera com paciência até virem as chuvas do outono e da primavera. Sejam também pacientes e fortaleçam o coração, pois a vinda do Senhor está próxima. (Tg 5.7-8)

Há um mandamento pela paciência em aguardar a vinda de Jesus. Muitas vezes, abandonamos a fé ou nos tornamos fracos na vida da igreja porque não conseguimos esperar. Perdemos a paciência de aguardar aquele que está vindo. Jó perguntou: “Qual é a minha força, para que eu aguarde? Qual é o meu fim, para que eu tenha paciência?” (Jó 6.11). Ele questionava a própria paciência porque não tinha força e não tinha noção de qual seria seu fim. Tiago parece estar respondendo a Jó quando diz que encontramos força interior justamente na descoberta de que nosso fim é o retorno de Cristo: “Sejam também pacientes e fortaleçam o coração, pois a vinda do Senhor está próxima”. A linguagem para o coração no contexto greco-romano não era uma linguagem para sentimento, mas de quem você é por dentro. O coração fala de uma interioridade. A paciência está relacionada a um interior fortalecido pela certeza da vinda de Jesus.

Se ser paciente está relacionado a um interior fortalecido, ser impaciente implica ser fraco por dentro. Se desejamos ser pacientes, precisamos ser fortes em nosso interior. E essa força interior é construída e retroalimentada nessa espera por Jesus. Ser cristão é ser formado na escola da paciência por essa espera pela vinda do Messias. O impaciente não tem o fruto fundamental do Espírito, que o deixa preparado para um dos aspectos centrais da vivência da fé. A impaciência é um distúrbio na escatologia privada. Ela não apenas o deixa mais propenso ao infarto; ela o deixa mais propenso à apostasia. É apenas aos nos fortalecemos na espera

pela volta de Jesus que somos exercitados no caminho da paciência.

A vinda do Senhor está próxima e, se precisamos esperar por isso com paciência, encontramos força para esperar outras coisas menores. Se ser cristão é esperar o fim da história, como podemos ser impacientes em relação às coisas simples da vida? Seja com eletrônicos, seja com o modo como nos portamos com o próximo, a forma como lidamos com nossos estudos etc., ser impaciente é pecar contra um dos sentimentos centrais da vida cristã: a expectação. Lamentações 3.25 diz: “Bom é o Senhor para os que esperam por ele, para a alma que o busca”. Deus é bom para quem espera. Ele é bom para quem é paciente. Na paciência e na perseverança, você encontra a bondade de Deus. Nossa fé é definida pela espera.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Como somos criados para ser impacientes? Quais são as características da cultura moderna que fazem com que odiemos a espera?
2. Como a perseverança precisa fazer parte de nossa vida para que sejamos úteis para Deus e para o mundo, inclusive para que permaneçamos firmes na fé?
3. Uma vez que a luta pela imagem de Deus deve levar-nos à paciência, como a paciência de Deus mais se manifesta na Escritura e serve de padrão para nosso comportamento?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Como você tem sido modelado para odiar a resiliência e a perseverança? Como seus entretenimentos refletem seu relacionamento com a paciência?
2. Como os momentos em que você precisa enfrentar a ira pecaminosa estão relacionados especificamente com a impaciência?
3. O retorno de Cristo está sempre próximo, mas ainda cobra um coração paciente. Como você pretende passar a usar mais as verdades do Apocalipse como instrumento para a transformação de seu caráter?

#8 ZOEIRA

OS LIMITES BÍBLICOS DO HUMOR

> “Diga-me se você ri, como ri, por que ri, de quem e do que ri, ao lado de quem e contra quem e eu te direi quem você é.”[42]
>
> (Jacques Le Goff, em *O riso na Idade Média*)

Depois que me casei, praticamente deixei de ver televisão. Não por eu ser um humano superior, mas porque a Netflix é muito mais legal. Nem antena temos em casa. O televisor só serve para ligar no notebook. Confesso, porém, que, antes de me casar, eu não perdia muitos episódios do *Na Moral*, programa apresentado pelo Pedro Bial que teve alguma projeção na Rede Globo entre 2013 e 2014. Por isso, não foi estranho quando parei um pouco o exercício de grego do seminário ao ver, na chamada do programa, que o tema seria sobre os limites do humor. Fiquei interessado pelo fato de que Renato Aragão, meu conterrâneo, e Gregório Duvivier, ator cujo trabalho teatral eu acompanhava na época, estariam participando do debate.

Então, lá estava eu, de pijama, ao lado do meu pai, em frente à TV. Um prato de feijão numa mão e um exercício de grego na outra. Como é de se esperar de um programa televisivo, foi um debate bem raso. Minha geração foi criada com debates de três horas no YouTube, em que até o moderador tem Ph.D. É normal qualquer coisa na TV soar raso. Não foi isso que me chateou. O que me incomodou foi uma frase meio solta, que não era central a nenhum argumento e saiu da boca do Gregório: “Não existe religião que aceite o riso”.

Então, parei por um instante, contrariado. Tentei não perder o fio da meada do debate, que seguiu outro rumo, mas continuei pensando naquela frase. Anotei no verso do meu exercício de grego bíblico, que era o papel mais próximo, e esqueci a frase, a fim de me concentrar no programa (por puro respeito — a coisa era tão básica que dava para estudar declinação de verbos gregos e não perder argumento algum). Ao fim das palavrinhas de costume do Bial, encerrando o programa, voltei a olhar para o papel. Estava lá, em garranchos que evidenciam minha péssima educação primária: “Não existe religião que aceite o riso”.

CRISTIANISMO E RISO

Olhando para aquela frase no papel, comecei a me lembrar de C.S. Lewis, o cristão escritor de *Crônicas de Nárnia*, que também escreveu em 1955 sua autobiografia, intitulada *Surpreendido pela alegria*, narrando seu processo de conversão do ateísmo para o cristianismo. Lembrei-me de Jonathan Edwards, que se referia ao céu como a alegria eternamente crescente, quando escreveu em suas *Resoluções*: “Resolvi não apenas me refrear de um ar de antipatia, mau humor e ira nas conversas, mas também exibir um ar de amor, alegria e benignidade”. Não pude deixar de me recordar de John Piper e sua *magnum opus*, *Em busca de Deus*, livro publicado anteriormente como *Teologia da alegria*, no qual ele lança as bases filosóficas e teológicas de seu “hedonismo cristão”, resumindo a busca por Deus como uma busca pela alegria e asseverando, com toda base teórica que se faz necessária, que não ser feliz é um pecado.

Lembrei-me do que escreveu William Williams, um dos biógrafos do famoso pastor batista Charles Spurgeon:

> Que efervescente fonte de humor o Sr. Spurgeon tinha! Eu ri mais, realmente acredito, enquanto estive em sua companhia do que por todo o resto de minha vida. Ele tinha o mais fascinante dom do riso... e ele também tinha uma habilidade

> ainda maior de fazer todos os seus ouvintes rirem com ele. Quando alguém o condenava por dizer coisas engraçadas em seus sermões, ele dizia “ele não me condenaria se apenas soubesse quantas delas escondi”.[43]

Lembrei-me de Mark Driscoll, pastor americano de muito sucesso. Driscoll decidiu usar o humor como recurso didático principal em seu ministério, de tal forma que chega a passar dos limites comuns para outros pastores, sendo até alvo de críticas terríveis por seu bom humor ao proclamar as verdades de Deus. Ele mesmo escreveu um capítulo inteiro sobre humor no livro *Religion Saves*. Lembrei-me dos cristãos de forma geral. Costumamos brincar com nossa fé, rir de nossas vicissitudes e idiossincrasias religiosas, encontramos piadas com elementos comuns da vida cristã. Lembrei-me também de mim. Vi que estou rindo o dia todo. Lembrei que costumam me pedir para ser mais sério em alguns momentos, que faço piada sempre que prego (ainda que sem graça) e que não conseguiria viver sem louvar a Deus todos os dias através do riso. Todos os vídeos que gravo para a internet têm uma boa dose de bom humor, pois não consigo ser diferente.

Então, como não poderia deixar de ser, lembrei-me da Escritura. Lembrei-me de que uma das bênçãos prometidas por Deus a seu povo é que ele “haveria de rir” (Lc 6.21), que o sábio pregador Salomão nos alerta que existe um “tempo de rir” (Ec 3.4), que Jó, mesmo em meio à miséria, tinha Deus como “a alegria do seu caminho” (Jó 8.19) e que o Senhor faria com que “de riso te encha a boca, e os teus lábios de júbilo” (Jó 8.21), que “Deus enche de alegria o seu coração” (Ec 5.20), que “a nossa boca se encheu de riso” (Sl 126.2), que a oração deve ser algo alegre (Fp 1.4), que o nascimento de Jesus traz alegria (Lc 1.14), que Deus nos cinge de alegria (Sl 30.11), que há alegria para os retos de coração (Sl 97.11), que sermos alegres é uma ordem de Deus (Sl 100.2) e que o Evangelho são boas-novas de alegria (Lc 2.10). Lembrei-me de que o próprio Deus ri (Sl 2.4; 59.8). Nós adoramos um Deus sorridente.

Então, por um momento, fiquei triste. Um bom ator, um comediante famoso, mas que se presta ao papel de ir a uma TV aberta dizer uma das maiores asneiras que já foram ditas contra a religião. É terrível falar contra a existência de Deus, contra a exclusividade da salvação em Cristo e fazer um vídeo no qual Jesus aparece em uma vagina — isso são só ofensas naturais que já nem abalam mais os cristãos maduros. Agora, alegar que somos contra a alegria, essa é uma das maiores aberrações intelectuais que eu já ouvi na televisão. Minha teologia diria justamente o contrário: não existe alegria verdadeira que seja contra a religião.

JESUS, O PIADISTA

Você consegue imaginar Jesus rindo? Consegue imaginar Jesus contando uma piada? Antes de alguma Ceia, ele pergunta: “Sabem a última do galileu e do publicano que entraram no templo?”. É difícil imaginarmos Jesus como um homem brincalhão. Nos filmes sobre Jesus, ele sempre tem uma aura mágica e um espírito grave. Como conceber o Rei dos reis fazendo um trocadilho? Costumamos retirar Jesus da vida comum. Imaginamos que a encarnação significa que ele era físico, mas não que era humano como nós.

Mas isso não seria fruto de nosso problema em acreditar verdadeiramente que Jesus se fez homem? Costumamos imaginar o Cristo como alguém acima da verdadeira humanidade. Se hoje lutamos para provar que o homem Cristo é Deus, a luta do primeiro século era provar que o Deus Cristo é homem, uma vez que todos puderam contemplar provas miraculosas de sua divindade, mas nem todos tocaram em seu corpo físico (isso guia quase toda a argumentação da primeira epístola de João). Podemos crer que Deus encarnou, mas é quase blasfemo imaginá-lo indo ao banheiro. Se Cristo era realmente homem, e não apenas uma figura fantasmagórica, ele participou de uma existência comum: defecou, urinou e suou. Quando criança, pode ter feito xixi na cama. Na adolescência, teve espinha na cara. Teve sovaqueira e mau hálito quando acordava de manhã. Mais velho, acordou todo entrevado

porque dormiu em cima do braço. Adoeceu e ficou de cama, talvez. Engasgou-se com pão seco. Pode ter pisado em cocô do camelo. Tropeçou na pedra e caiu. Ficou rouco. Abraçou a mãe e beijou o rosto do pai. Brincou com os irmãos e primos. O fato de imaginarmos Deus sendo homem é escandaloso, mas não deixa de ser verdadeiro. A. W. Tozer escreveu:

> Quando Deus nos fez, incluiu o senso de humor como um traço característico embutido em nossa estrutura, e o ser humano normal possui este dom, pelo menos em algum grau, a fonte do humorismo e a capacidade de perceber o incôngruo. As coisas que estão fora de foco nos parecem engraçadas, e podem despertar em nós um sentimento de diversão que irromperá em risada.[44]

E o riso faz parte das características da vida comum. Se o bom humor realmente não é pecado, mas algo que faz bem à saúde e à sociabilidade, é certo que o Cristo participou de conversas cômicas. Riu e fez rir. Seu primeiro milagre foi em um casamento (Jo 2.1-11), e ele estava lá como convidado. Era uma festa, uma celebração, e Jesus não parecia estar fazendo um sermão sobre a vinda do Reino, mas comendo e bebendo com seus familiares. Você imagina o Cristo no seu casamento comendo bolinha de queijo e bebendo guaraná, rodeado de amigos na mesa? Seu primeiro milagre teve como objetivo trazer alegria a um casal, e não apresentar o caminho dos céus. Seus críticos o acusavam injustamente de ser guloso e pinguço porque ele se sentava para comer e beber com gente que não prestava, mas que estava arrependida (Lc 15.1-2). Ele sentava em ambientes sociais e participava de banquetes, e esses momentos sempre foram regados de alguma alegria e bom humor.

Podemos achar tudo isso um tanto esquisito, mas devemos realmente estranhar que Deus tenha se sujeitado à humanidade. Nunca podemos ficar confortáveis com a doutrina da encarnação. O infinito tocou a finitude quando Jesus foi concebido, e há mistério e

paradoxo nessa realidade. Mesmo assim, é inescapável o fato de que adoramos um Cristo que riu.

RIR É COISA SÉRIA

Se Cristo riu, é certo que riu de forma santa. Tratamos o riso como se fosse um pequeno escape da seriedade da vida, mas a Bíblia trata a brincadeira também com ares de seriedade. O riso é matéria importante para o cristianismo. Tão importante que tem até seus limites santos. Rir também pode levar-nos à condenação. 2Reis traz a seguinte história:

> De Jericó, Eliseu foi para Betel. No caminho, alguns meninos que vinham da cidade começaram a caçoar dele, gritando: “Suma daqui, careca!”. Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos. (2Rs 2.23-24)

Eliseu estava na capital da idolatria de seu tempo (1Rs 13.2), e encontrou um grupo de jovens adultos (cf. 1Rs 12.8-14; 2Cr 10.8-14), talvez um grupo de delinquentes, uma gangue reunida. Eles começam a tirar onda com Eliseu, chamando-o de careca. Essa zombaria é interessante, porque os viajantes sempre andavam com a cabeça coberta. Talvez a zombaria estivesse associada ao fato de os cabelos serem valorizados como sinal de beleza no Antigo Testamento (cf. Ct 5.11), além de força e vigor (cf. Jz 16.13, 17, 19-20; 2Sm 14.26). Em Isaías 3.17 e 24, percebe-se que a ausência de cabelo indicava um estado de humilhação e vergonha. Eliseu parecia estar sendo menosprezado como um profeta fraco e desprezível, sem qualquer poder sobrenatural, por isso o Deus a quem representava também era carente de força.[45]

Quando tiraram onda com Eliseu, o profeta faz um julgamento contra eles, tecendo uma maldição em nome do Senhor, de modo que Deus enviou uma ursa faminta que devorou aqueles

jovens. Era uma brincadeira, e eles pagaram com a morte. Não foi uma morte tranquila. Eles foram despedaçados por conta de seu pecado de zoar sem limites. A brincadeira errada com a pessoa errada, e Deus mandou uma morte terrível. É uma imagem pesada, mas uma imagem real. Deus pode nos punir por nosso riso desmedido. Aqueles que brincavam talvez só quisessem arrancar algumas gargalhadas, mas aquele que recebeu a brincadeira ficou ofendido — e não foi o profeta; foi Deus. É o Senhor a quem ofendemos quando passamos dos limites. Rir é coisa séria.

Devemos ser mais cuidadosos com nossas brincadeiras. Zombar dos servos de Deus é perigoso. No Ceará, não brincamos pouco. O sarcasmo é a linguagem natural das conversas, a ponto de espantar os visitantes de outros estados. Precisamos de uma trava entre a mente e a boca, impedindo que pequemos rindo. Apenas o tolo brinca com o pecado (Pv 14.9). Em Gênesis 18, é a primeira vez que o riso aparece na Escritura. Deus promete a Sara e Abraão que eles teriam um filho, mesmo já muito idosos (ela já havia chegado à menopausa). Sara ouve isso e ri pecaminosamente:

> Por isso riu consigo mesma, quando pensou: “Depois de já estar velha e meu senhor já idoso, ainda terei esse prazer?”. Mas o Senhor disse a Abraão: “Por que Sara riu e disse: ‘Poderei realmente dar à luz, agora que sou idosa?’? Existe alguma coisa impossível para o Senhor? Na primavera voltarei a você, e Sara terá um filho”. Sara teve medo, e por isso mentiu: “Eu não ri”. Mas ele disse: “Não negue, você riu”. (Gn 18.12-15)

Deus traz uma linguagem negativa contra Sara por causa de seu riso. Nunca podemos rir das coisas santas, nunca devemos zombar do que é sagrado. Nem tudo deve ser objeto de riso. Devemos respeitar aqueles que não foram colocados por Deus como objeto de zombaria: “Esse povo zomba dos reis, os príncipes são o objeto de seus gracejos; ele se ri de todas as fortalezas: levanta montões

de terra e toma-as” (Hc 1.10). Não ria do que Deus não ri. Não chame de bem o mal, nem de mal o bem, através do riso. O riso errado não só prejudica o relacionamento com os outros, como também nosso relacionamento com Deus.

PRIMEIRO DE ABRIL

Nenhuma questão ética chama mais a atenção no mundo das brincadeiras do que o famoso “Dia da Mentira”. Diz-se que, até 1564, antes de o então rei da França, Carlos IX, ordenar que se usasse o calendário gregoriano, o Ano Novo era comemorado no dia 1º de abril. Quando alguns não aceitaram a mudança e continuaram a viver de acordo com o calendário antigo, começaram a ser achincalhados por enviar presentes de Ano Novo e convidar os outros para as celebrações de fim de ano na data errada. Daí surgiu a tradição de fazer pegadinhas nessa data.

Sempre morro de rir com o 1º de abril. Meu ano favorito foi 2016. A Netflix divulgou que haveria o seriado GoT (*Game of Thrones*) disponível no site, causando a maior comoção nas redes sociais, mas, em verdade, era uma série de três episódios de um minuto chamada “Glauber, o Tijolo”. O Habib’s inventou uma Bib’sfiha de Feijoada. O governo do Canadá publicou documentos sobre Wolverine, o personagem dos X-Men. A Adobe divulgou um chip subcutâneo (olha a marca da besta!) que ensinaria a usar todos os aplicativos da empresa. O YouTube criou um sistema em que todos os vídeos ficam automaticamente em 3D e com a participação do Snoop Dogg. O Rock in Rio divulgou, como sua primeira atração, o Trenzinho Carreta Furacão (um grupo de... bem, melhor você pesquisar) para o Palco Mundo.

O *fool’s day* é como uma peça. Quando você entra no teatro, tudo o que vê é mentira. As pessoas se declaram sem se amar, assassinatos são encenados, histórias se constroem sem estar acontecendo de verdade. Por isso chamamos de *suspensão de descrença* o pacto entre a plateia e o artista, em que você se deixa

enganar voluntariamente. Naquele contexto, há uma mentira que não é pecaminosa, porque não é uma enganação de fato e está dentro de um contexto no qual aquilo é aceito entre todos. O 1º de abril é semelhante. É um dia no qual todos esperam o absurdo; teólogos dizem que mudaram de linha; empresas lançam produtos cômicos; e jornais publicam notícias falsas com a intenção de fazer rir. Todos estão esperando o absurdo. Isso não significa, claro, que o 1º de abril seja um dia em que a mentira está liberada de forma indiscriminada. Ninguém levaria a sério se você adulterasse uma nota fiscal ou mentisse sua renda para a imobiliária porque é “Dia da Mentira”. Usar o 1º de abril como desculpa para dizer que mães morreram atropeladas na esquina ou para falar verdades inconvenientes de forma zombeteira não é participar de um momento de pegadinha; é produzir mal e desamor. É importante saber diferir entre a mentira e a pegadinha, a enganação e a brincadeira, a desonestidade e o joguete.

POR TRÁS DO RISO

Pode haver muita coisa por trás de uma gargalhada e, com frequência, ignoramos o que Deus pode estar nos dizendo ou o que os outros estão revelando com suas brincadeiras.

O RISO PODE ESCONDER O CAOS DO IMAGINÁRIO

Muitas vezes, nosso relacionamento com o humor manifesta nosso relacionamento com uma cultura que já está degradada. O humor representa os limites de uma cultura, já que é sempre o exagero de uma realidade. Uma vez que o humor é “culturalmente estabelecido, confirma-se que o riso traduz valores, revela padrões de comportamento, expressa convenções aceitas e estabelece o interdito de ações socialmente desaprovadas”[46]. Assim, a mídia e o humor são termômetros do espírito de um tempo.

George Orwell, no ensaio de 1946 *The Decline of the English Murder* [O declínio do assassinato inglês], diz que o declínio da Grã-Bretanha como uma sociedade cumpridora da lei, passando a ser

uma das mais propensas ao crime do mundo ocidental, transformou o assassinato em algo comum e desinteressante. Dessa forma, as obras de ficção deixaram de focar no gênero policial, já que ninguém mais se chocava com a morte. Quando um povo se acostuma com algo, suas representações artísticas acabam tendo de se transformar para ainda produzir algum efeito no público.

Se o humor trabalha com o exagero da realidade, o humor extremo revela que já vivemos em tempos tão *nonsense* que o humor precisa exagerar para além do concebível, a fim de continuar existindo. O palavrão, antes, era recurso para um humor chinfrim; agora, ambienta todo *stand-up*. A sexualidade era o último recurso na zombaria; hoje faz parte de qualquer piadinha. Há algum tempo, Rafinha Bastos, em um show intitulado “A arte do insulto” (2011), fez uma piada sobre as aparições de Jesus, e falou jocosamente de uma imagem de Cristo surgindo em um bolor de pão. Na época, foi possível ouvir risos na plateia. Hoje, é um fato até comum, se não banal. Dois anos depois, o grupo de humor Porta dos Fundos fez um vídeo em que uma imagem de Jesus aparece no órgão genital feminino durante uma consulta ao ginecologista. Em apenas dois anos, a realidade precisou ser esticada para níveis cada vez mais imorais, para conseguir gerar algum riso. Nem quero imaginar como vão conseguir extremar a realidade quando mulheres começarem a aparecer alegando ter imagens de Jesus em seus órgãos genitais, a ponto de isso ficar sem graça. Se grupos como Porta dos Fundos precisam escrachar as coisas em alguns vídeos, isso é reflexo não apenas da falta de valores deles, mas também de nossa falta de sanidade.

> Não permitamos que um senso de humor pervertido nos arruíne. Algumas coisas são engraçadas, e podemos muito bem rir algumas vezes. Mas o pecado não é divertido; a morte não é divertida. Não há nada de engraçado num mundo cambaleando à beira da destruição; nada de engraçado na guerra e na visão de rapazes esvaindo-se em sangue nos campos de batalha; nada de engraçado nos milhões que

perecem a cada ano sem jamais terem ouvido o Evangelho de amor.[47]

O que o riso dos cristãos evidencia sobre nossa cultura religiosa? Compartilhamos piadas que envolvem Deus e sua Palavra, achamos graça de imoralidades e de linguagem chula. Se aceitamos passos largos da santidade e da moral, a fim de achar graça daquilo que é santo e sagrado, temos o retrato de uma cultura que se acostumou com a irreverência em relação ao divino. Por isso Clemente de Alexandria dizia que o riso comedido é atitude do sábio, tanto quanto o desmensurado é coisa de prostituta,[48] e Tozer diz que "poucas coisas são tão benéficas na vida cristã quanto um agradável senso de humor, e poucas são tão mortais quanto um senso de humor descontrolado".[49]

O RISO PODE ESCONDER A OFENSA

Infelizmente, achamos que a ética do "eu perco o amigo, mas não perco a piada" é compatível com um coração amoroso e pacificador. O riso se transforma em mal quando rimos à custa de causar lágrimas. O terrorismo do riso é fortemente condenável: "Um louco furioso que lança chamas, flechas e morte: tal é o homem que engana seu próximo e diz em seguida: mas era para brincar" (Pv 26.18-19). Há quem destrua relacionamentos com zoeira.

Às vezes, somos tão brincalhões que perdemos o sentimento de empatia. Alguém compartilha uma conquista e, em vez de nos alegrarmos com quem se alegra (Rm 12.15), jogamos um balde de água fria. Um irmão contou a um amigo: "Finalmente comprei uma moto!". Era o primeiro meio de transporte da vida dele, que nunca pensou ter condições para outra coisa além de andar de ônibus. O irmão estava exultante. A primeira resposta do amigo foi: "Eita, vai morrer logo". Era brincadeira, mas deu para ver que o rapaz ficou profundamente triste por estar compartilhando o que ele julgava ser uma das maiores conquistas da sua vida até aquele momento. O cearense tem o dom de ser profundamente sarcástico a toda hora. "Nasceu meu filho!", diz o irmão, e o amigo retruca: "Já viu se é teu

mesmo?”. Esses são exemplos bem específicos do que já vi pessoalmente, mas que geraram maus momentos quando deveria haver apenas alegria compartilhada. Podemos causar riso algumas vezes, mas, com o tempo, ninguém conta mais nada a você. Mais uma vez, Tozer:

> Bom humor é uma coisa, mas frivolidade é outra bem diferente. O cultivo de um espírito que não pode levar nada a sério é uma das grandes maldições da sociedade e, dentro da igreja, tem servido para impedir muita bênção espiritual que, doutro modo, teria descido sobre nós. Todos temos encontrado aqueles que não são sérios nunca. Reagem a tudo com uma risada e com uma observação engraçada. Isso já é bastante ruim no mundo, mas positivamente intolerável entre os cristãos. [50]

Um humor saudável tem hora e lugar, ainda que isso seja um tanto subjetivo. Quantas vezes não ferimos os outros tentando provocar o riso? Existe uma zoeira que toca em questões delicadas, mexem com problemas pessoais ou com coisas que são conflitos reais entre as pessoas. Uma coisa é um grupo de amigos que se zoa por casa da altura, do peso, da cor, dos vícios, dos hábitos etc., quando nada disso é um problema realmente para qualquer um deles, mas isso pode ser um problema quando alguém se ofende com alguma dessas questões. Mais sensível ainda quando amigos se zoam pela tendência política, pelas preferências filosóficas, pelo modo de criar os filhos, pelo modelo de casamento e pelos valores. Esse tipo de relacionamento tende a ruir, por misturar humor com depreciação real.

O RISO PODE ESCONDER A TRISTEZA

Há quem use o riso para disfarçar a miséria emocional: “Mesmo no sorrir, o coração pode estar triste; a alegria pode findar na aflição” (Pv 14.13). Nem sempre é feliz aquele que brinca o tempo todo. A pessoa mais brincalhona de sua turma pode também ser a

mais deprimida. Aquele que ri na igreja pode ser o que chora no quarto. Confundimos riso com felicidade, e nos esquecemos da quantidade de humoristas que já deram cabo da própria vida ou que são dependentes de remédios. Há quem conte a piada planejando suicídio. Precisamos dar atenção aos nossos irmãos que sempre sorriem, preocupados também com sua vida interior. Batalhas terríveis podem estar sendo travadas no coração de quem estampa no rosto um sorriso.

O RISO PODE ESCONDER A VERDADE

Às vezes, não temos coragem de falar sério com alguém que faz algo de errado, e brincamos para dizer a verdade. Muitas vezes, aquilo que é dito por meio do riso tem mais que um fundo de verdade. Há quem se faça de palhaço sem desconsiderar a seriedade do público que ri. Devemos aprender a perceber as verdades que são ditas através da chacota. Coisas sérias costumam ser tratadas em conversas graves, mas pequenos deslizes e falhas morais leves costumam ser alvo de comentários jocosos. Se isso é certo ou errado, essa é outra conversa que depende muito do imaginário cultural, mas é um fato. Há bons conselhos que sempre nos chegam pela mesma ferramenta linguística. Se não aprendermos isso, perderemos meios para a correção de nosso caráter. Precisamos beber as vitaminas de seriedade que se escondem no algodão-doce da zoeira.

REDENÇÃO DO RISO

Precisamos ver o riso como um presente divino, adicionando graça à graça. Falando sobre humildade, C. J. Mahaney cita o livro *Surprised by Laughter*: The Comic World of C. S. Lewis [Surpreendido pelo riso: o mundo cômico de C. S. Lewis], no qual Terry Lindvall fala sobre como Lewis apreciava dar risadas. Lindvall diz como podemos encontrar no riso uma fuga do ego:

> O riso é um dom divino para a pessoa humilde. Um homem orgulhoso não pode rir porque precisa zelar pela sua dignidade;

> ele não pode se dar ao luxo de morrer de rir. Entretanto, um homem pobre e feliz ri com sinceridade porque não precisa prestar atenção ao seu ego.[51]

O riso pode nos acompanhar diariamente como uma bênção de Deus. Contudo, no fim das contas, o homem usa o humor como um meio de escapar de sua tristeza cósmica. “O que importa é ser feliz”, dizem. O que importa é nos sentirmos bem, encontrarmos alegria, pularmos de festa em festa. Tentamos nos anestesiar de nossa rebelião, e esquecemos que há como ir para o inferno rindo e passar a eternidade chorando longe de Deus. Nossa redenção não se deu por meio de alguém que estava rindo. Cristo passou pelo jardim das aflições, foi homem de dores, soube o que era sofrer, gritou de dor e foi moído pela mão do Pai a fim de nos dar a salvação. O Cristo que riu precisou chorar para “transformar nosso pranto em riso” (Sl 30.11). Jesus ficou sério para que pudéssemos rir ao seu lado, eternamente.

Nossa felicidade é fruto do Calvário. Sem o outro lado, sem outra vida, sem céu eterno, todo riso é passageiro, toda graça é por enquanto. Sabendo da eternidade conquistada pela cruz, somos os únicos que têm motivos para rir. Só o cristianismo justifica o riso.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O cristianismo é uma religião carrancuda e contrária ao humor? Como a Bíblia e a história nos ensinam a esse respeito?
2. Imaginamos Jesus como alguém sempre grave, sério, até mesmo brabo e iracundo. Como a doutrina da humanidade de Jesus nos mostra sobre seu humor? Quais momentos nos evangelhos corroboram isso?
3. Rir também é coisa séria. Como podemos atestar o caráter de um tempo e de uma cultura com base em seu senso de humor?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. O que você tem escondido por trás do seu riso?
2. Como o riso se tornou um dos deuses de nosso século? Como falar de um evangelho muitas vezes doloroso para uma geração que diviniza o riso?
3. Como o evangelho motiva um humor santo e saudável?

#9 PALAVRÕES (E GESTOS OBSCENOS)

OS TÚMULOS DA GARGANTA

“A linguagem revela. Por vezes, alguém procura esconder a verdade
por meio da linguagem. Mas a linguagem não mente.” [52]

(Victor Klemperer, em *Os diários de Victor Klemperer*)

O que é um palavrão? Não, não estou me referindo a exemplos práticos, não precisa responder com aqueles que você conhece. Estou mais preocupado com a definição. Quando dizemos às crianças que elas não devem falar palavrão, a que estamos nos referindo, de verdade? Todos sabemos que uma palavra ou outra são impróprias, mas como definir o que é um palavrão de fato?

Se olharmos nos dicionários, encontraremos três definições: (1) palavrão é uma palavra grande que se pronuncia com dificuldade — o que é meio ridículo, mas não é esse sentido que estamos tratando; (2) palavrão, por mais estranho que pareça, é uma linguagem empolada, pomposa — o que nunca imaginei que fosse uma definição possível. A definição que vamos usar aqui e a que mais conhecemos é a seguinte: (3) palavrão é uma linguagem obscena, rude e descortês que está relacionada a formas socialmente impróprias de usarmos as palavras, uma linguagem considerada rasteira, baixa.

Tenho conhecido muitos cristãos que usam confortavelmente esse tipo de linguagem ou até mesmo gesticulações relacionadas a alguns palavrões. Comecei a observar isso em viagens pelo país, descobrindo culturas diferentes da minha. Pessoas finíssimas, bem-

vestidas, rebuscadas, com doutorado nos Estados Unidos, chamavam-nos para conversar e, mais cedo ou mais tarde, começavam a usar uma linguagem que nos fazia — a mim e minha esposa —trocar olhares de constrangimento, enquanto, para quem falava, aquilo era absolutamente normal. Conheci músicos e pastores que usavam linguagens que levariam minha mãe a me dar um tapa na boca se eu as usasse.

PAULO E O @#$&¨$@!!

Sempre que eu tentava falar sobre o assunto, lidava com um argumento coringa, teologicamente rebuscado e complexo, chamado “nadavê”. Eu questionava, e recebia nada mais que um “nada a vê isso aí que tu falou” como resposta, como se tudo fosse uma questão de preferência pessoal. Por isso, decidi deixar Deus falar através da pena de Paulo, em uma teologia paulina do palavrão.

OBSCENIDADE E TORPEZA NO FALAR

A primeira epístola em que Paulo fala de nossa linguagem é Efésios. No capítulo 4, versículos 29-30, ele diz: “Não saia da vossa boca nenhuma *palavra torpe*, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem. E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”. A palavra grega para “torpe” é *saprós* (*σαπρὸς*), e transmite a ideia de algo prejudicial, que faz mal, que resulta de corrupção, e também algo que tem má qualidade, pouco valor, algo que é adoecido.[53] Paulo está preocupado com as palavras que você escolhe para seu vocabulário. Ao contrário das palavras que fedem, devemos escolher palavras que sejam boas, que edifiquem e que transmitam graça.

Em Efésios 5.3-4, Paulo define melhor o que são essas palavras torpes: “Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem

conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças". Paulo acabou de falar sobre linguagem torpe e volta a falar que não deve sequer ser *mencionado* em nosso discurso aquilo que é prostituição, impureza e imoralidade. Em Efésios 4, ele fala "que não haja palavras torpes, ao contrário, que haja palavras que transmitam graça" e, em Efésios 5, diz: "não haja falas relacionadas à imoralidade, pelo contrário ações de graças". Parece que ele está falando da mesma coisa, ou seja, que essas palavras torpes são justamente as que fazem referência à imoralidade.

Norma Braga, falando de sua experiência de largar a fala de palavrões, diz que começou a se dar conta "do óbvio-mais-que-óbvio, algo de uma obviedade tão grande que passa despercebido da maioria dos simpatizantes de palavrões", a saber, "que todos os palavrões, dos menores aos maiores, têm algo em comum: remetem invariavelmente a sexo. São menções aos genitais, a coitos indesejados e/ou ilícitos, prostitutas e filhos de prostitutas". Ela continua:

> Palavrões, portanto, em suas formas mais pesadas, associam o sexo a explosões de raiva, a punições, ao descontrole entre pessoas que não se amam. E a conclusão é inevitável e aterradora: palavrões são formas de perversão. Se Deus criou o sexo como a expressão máxima do amor perpétuo, compromissado, entre um homem e uma mulher, é de um profundo desamor que nascem as aberrações sexuais — a masturbação, o "sexo casual", o aviltamento de partes do corpo até que se estraguem. Palavrões são cristalizações, no idioma, da alienação total de si e do outro pela busca de um prazer sempre deslocado, desgarrado, fora da alma: um prazer masoquista, misturado a ódio e desespero. Por que essas expressões tão opostas ao amor de Deus deveriam povoar a linguagem de um cristão?[54]

De fato, o palavrão sempre faz uma referência à sexualidade ilícita, à obscenidade. É uma forma dura e feia de se referir àquilo que é pecado sexual. Ninguém xinga dizendo “só transe dentro do casamento” ou “sua mãe é fiel ao seu pai”. O palavrão é associado a algum tipo de imoralidade, e isso é torpe. Nenhum cristão deve usar esse tipo de linguagem imoral, portanto não deve usar palavrões em sua linguagem. O palavrão não é o problema, mas, sim, a obscenidade — parte constituinte de cada palavrão.

O problema da linguagem obscena é que não transmite graça, não edifica nem abençoa aquele que ouve. O problema da linguagem não está relacionado apenas a quem fala, mas também a quem ouve. Não está relacionado àquilo que você acha que é melhor, mas àquilo que é bom e edifica o outro. Devemos fazer escolhas de palavras que transmitam graça e edificação aos outros, e isso significa não escolher palavras de baixa qualidade. Além do outro que é nosso irmão, nossa linguagem obscena ofende o outro que é Deus. Quando usamos palavrões, entristecemos o Espírito Santo de Deus: “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30). Se somos selados pelo Espírito, não falamos o que ofende sua vontade.

NOVAS CRIATURAS TEMPERADAS COM SAL

A segunda epístola paulina sobre a questão do palavrão é Colossenses, em que ele diz o seguinte em 3.8-10:

> Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.

A linguagem obscena está associada ao velho homem, ou seja, a uma vida oposta àquela que encontrou um novo nascimento. O

contato que tivemos com Jesus nos transformou por completo e transformou nossa língua e o modo como escolhemos o vocabulário. Agora, porque encontramos Jesus, escolhemos um vocabulário livre de indecência e de obscenidades, livres daquilo que nos remete a uma vida longe de Deus. Se somos revestidos da imagem de Deus, nossa linguagem reflete a imagem de Deus. O cristianismo afeta cada detalhe de nossa vida e transforma até mesmo nossas escolhas de palavras, a fim de que nossa linguagem reflita graça e uma vida que foi transformada por Cristo.

É reconfortante que alguém reconheça seu cristianismo pelo modo como você fala — não porque você usa muito *evangeliquês*, mas porque você tem uma linguagem tal que as pessoas notam algo diferente, às vezes além daquilo que elas consideram possível. Um cristão que usa uma linguagem correta evidencia que é um novo homem e está dizendo algo para o mundo, ainda que involuntariamente. Evocando novamente Efésios, se há graça em nosso coração, deve haver graça em nossa linguagem, e isso trará graça a outras pessoas. Se somos uma nova criatura, nossa linguagem será nova e haverá transmissão dessa linguagem a outras pessoas. Haverá a transmissão de algo positivo, por causa da forma como falamos e escolhemos as palavras.

Lembro-me quando o Kaká, creio que, na penúltima Copa do Mundo, falou um palavrão depois de ter levado uma falta no último jogo antes de o Brasil ser eliminado. O curioso foi que, no dia seguinte, estavam todos brincando com o Kaká, porque ele era muito certinho, tão certinho que a maior falha moral que tinham contra ele era um palavrão depois de uma falta. Quando um crente peca assim, isso deveria ser visto como um ponto fora da curva, de tal forma que somente confirma ainda mais a curva da linguagem santa.

Em Colossenses 4.6, Paulo diz: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um”. A ideia de ser temperado com sal vem em

direta oposição àquilo que é torpe, que é de má qualidade, que faz mal. Ao contrário de uma linguagem adoecida e prejudicial, colocamos sal em nossa linguagem. Lembre-se de que, naquela época, o sal tinha a função de evitar que a carne apodrecesse. Portanto, uma linguagem temperada com sal é justamente o modo de falar para fugir da torpeza, da imoralidade e da indecência, sendo preservado para evitar o apodrecimento de nossa linguagem.

Por isso ele diz para “saberdes como deveis responder a cada um”. A ideia de ter uma linguagem temperada com sal está associada a um comportamento em relação aos de fora. Isso é interessantíssimo. Ele não está dizendo para não falarmos palavrão somente quando estivermos perto do pastor, mas “comportai-vos com sabedoria para com os de fora” — aqueles que não são crentes —, “aproveitando as oportunidades”. Ou seja, a ideia aqui é “missional”, evangelística. Muitas vezes achamos que o palavrão pode ser evangelístico, gerando uma aproximação com o descrente, mas, em verdade, afasta as pessoas do verdadeiro cristianismo. Às vezes, a pessoa se comporta bem na igreja porque não quer escandalizar nenhum irmão idoso, mas, quando está no trabalho ou na faculdade, é como se a porta do inferno fosse aberta quando ela abre a boca. Com os de fora, nossa linguagem também deve ser temperada, não transmitindo a torpeza, mas a graça e a evidência de que somos nova criatura.

Seria muito bom se bastasse colocar uma pitada de sal na boca, como que em um ato profético, para que nossa linguagem se torne conveniente. Entretanto, há um processo de luta interna e de crescimento no Espírito Santo para que vençamos o pecado. Infelizmente, não basta uma imposição de mãos e oração de outros para que vençamos o pecado. Há um processo de tempero na luta contra a obscenidade.

DIANTE DOS INIMIGOS

A terceira epístola é a que Paulo escreve a Tito. Em Tito 2.7-8, ainda que a fala se dirija a um pastor, traz lição para todos nós: “Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito”. Aqui ele está falando que Tito, como um homem de Deus, deve ser irrepreensível em sua linguagem e ensino. E como essa irrepreensibilidade se manifesta? De forma que o adversário seja envergonhado, não tendo como criticar. Se, por um lado, nossa linguagem deve transmitir graça, por outro deve envergonhar os inimigos. O modo como escolhemos nossas palavras deve fazer com que nosso adversário — não nosso amigo — não tenha como nos acusar da forma como falamos.

Quando você escolhe palavras em seu diálogo, estaria em bons ou maus lençóis se seu inimigo o ouvisse? Se seu inimigo puder usar isso contra você de alguma forma, há algo errado em sua linguagem. A ideia é que nossos *inimigos* não devem ter como usar nossa linguagem contra nós e nos acusar da forma como escolhemos falar. Como uma sociedade inimiga de Deus se comporta diante de seu uso da linguagem?

PENSANDO NO QUE É PURO

A quarta e última epístola é Filipenses. Aqui, não temos nada sobre falar palavrão, mas algo importante sobre nossos pensamentos. Em 4.8, o texto diz: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. O palavrão não entra em nosso vocabulário sem antes entrar em nossa mente, sem fazer parte das palavras que pensamos. Costumo receber perguntas desse tipo pela internet: “Yago, eu não falo palavrão, mas penso. É pecado?”, e o que o texto diz? Se algo não é puro e não tem boa fama, não deveria sequer ser pensado. Mais do que isso. Se não pode sequer ser pensado, não

deveria ser falado nem mesmo na vida privada ou entre amigos íntimos. Somos restritos às obscenidades até quando ninguém além de nós e Deus estão ouvindo.

PALAVRÃO NÃO É PROBLEMA (OBSCENIDADE, SIM)

Qual lição aprendemos dessas passagens? Primeiro, que, para alguns, o conceito de palavrão pode ser bastante amplo, e nada na Bíblia abarca isso. De fato, o problema é a obscenidade, e essa é a melhor maneira de definir o que é palavrão. Ou seja, às vezes, o que se julga palavrão é apenas linguagem informal e popular, uma gíria. Palavras como “caramba”, “poxa”, “putzgrila”, “caraca” etc. não são necessariamente palavrões, mas uma linguagem informal, ainda que um ou outro de ouvido mais sensível julguem uma linguagem baixa. Ainda que inapropriada a algumas situações — afinal, não devemos usar linguagem informal a todo momento —, não devemos nos ofender com isso.

Em segundo lugar, aprendemos que, às vezes, o que alguns julgam palavrão não é nada mais que mera superstição adicionada na linguagem. Algumas palavras negativas são tratadas como palavrões em culturas bastante específicas. “Desgraça”, em Goiás, é *o nome da pelada* — uma doença que faz o cabelo e a pele cair. Referências ao diabo, tipo “que diabos é isso”, em certas localidades do interior do Ceará, são caso de excomunhão. “Misera”, corruptela de “miséria”, é um palavrão forte em João Pessoa. São casos claros de a linguagem acabar importando certas superstições. Falar de falta de graça, de miséria ou do diabo evoca sentimentos negativos, e isso foi importado para o significado de certas palavras. Não seria pecado falar essas palavras em ambientes nos quais não são consideradas pecaminosas, uma vez que a cultura menor não tem tanto poder sobre a maior, como acontece com o inverso. Ainda assim, em ambientes nos quais essas palavras são socialmente desagradáveis, respeitar o outro é sempre a melhor opção.

Em terceiro lugar, o que muitos julgam ser palavrão é apenas falta de educação. Modos informais para se referir a fezes não é necessariamente uma obscenidade, mas certamente falta de educação — e existe uma grande diferença entre pecado e ausência de bons modos. Se, em nossa sociedade, a falta de educação pode ser considerada palavrão, então entra naquele cuidado com o outro, de um inimigo ouvir o que seria uma linguagem inapropriada. Porém, por não ser uma obscenidade, talvez seja uma linguagem que pode não ser pecaminosa em momentos que você pode ser mal-educado — há momentos para isso. Porém, sempre temos de tomar cuidado com o outro que nos ouve.

Um exemplo disso vem no uso que Paulo faz da palavra grega *skúbalon* (Σκύβαλον) em Filipenses 3.8. Daniel Wallace faz um trabalho maravilhoso ao mostrar o significado dessa palavra, traduzida para o português, em geral, como “refugo”, que, no grego helenístico, estaria entre porcaria e m**da. Era uma linguagem usada apenas na literatura popular, não muito presente na escrita, geralmente associada a momentos emocionalmente carregados em que o autor deseja provocar repulsa em seu público. Havia outras palavras mais socialmente agradáveis que Paulo poderia ter usado, mas seu interesse era mostrar como tudo era lixo em comparação com a grandeza do conhecimento de Jesus. Não é uma obscenidade, mas é uma linguagem grosseira. Dessa forma, a melhor tradução dessa palavra precisa trazer algum valor de choque, que é o objetivo de Paulo aqui — e a única vez, em todas as epístolas, que esse tipo de linguagem aparece.[55]

Em último lugar, muitas vezes o que chamam de palavrão são apenas xingamentos, palavras ofensivas, mas que não são obscenas. Ao contrário do que muita gente pensa, a Escritura não condena o xingamento. Ela condena o xingamento injusto, o xingamento “sem motivo” (Mt 5.22). Por toda a Escritura, vemos santos xingamentos sendo proferidos. Termos como “insensato” (Gn

31.28), “imbecil” e “tolo” (Pv 17.21) estão em toda parte. O profeta Ezequiel se referia aos “maquinadores de perversidades”, “os difusores de maus conselhos” (Ez 11.2). Paulo, em 1Timóteo 4.2, refere-se aos “mentirosos hipócritas” e, em 5.13 da mesma carta, fala das “fofoqueiras e indiscretas”. O apóstolo ainda usa os xingamentos “servidores de Satanás” (2Co 11.13-15), “doidos” (2Co 11.19), “inimigos da cruz” (Fp 3.18), “descabeçados” (Gl 3.1) e “insensatos” (Romanos 2.20). Como alguém comentou, a palavra “idiota” é derivada da palavra grega *moros*. Paulo a emprega em Romanos 1.22. Ali, a palavra é traduzida por “loucos”, mas certamente significa a mesma coisa que “idiotas”, e poderia ter sido traduzida fácil e corretamente como tal. O próprio Senhor Jesus Cristo também chama o rei Herodes de raposa (Lc 13.32) e a Pedro, de Satanás (Mt 16.23). Em Mateus 23, Jesus xinga os fariseus dezesseis vezes: “hipócritas” (sete vezes), “filhos do inferno” (uma vez), “guias cegos” (duas vezes), “tolos e cegos” (três vezes), “sepulcros caiados” (uma vez), “serpentes” (uma vez) e “raça de víboras” (uma vez). Se Cristo era sem pecado, então ele não pecou ao xingar. Acontece que esses xingamentos não são obscenidades, mas uma linguagem de condenação usada apenas quando se revela apropriada.

AS ORIGENS DO PALAVRÃO

Com frequência, ocorre de falarmos palavrões ou gesticularmos de forma obscena porque não conhecemos o significado de algumas palavras ou de alguns gestos. No entanto, muitas vezes estamos cientes do que nossas palavras e acenos significam e, mesmo assim, usamos racionalizações para esse pecado. Muitas vezes, a origem do palavreado pecaminoso não vem de ignorância sobre o mal, mas de três camadas bem presentes em nossa cultura.

A primeira camada é a da *apropriação cultural*. Aprendemos a linguagem da cultura maligna e copiamos seu comportamento. Você vê um filme que tem palavrão e se apropria desse elemento. Palavrões fazem parte de toda conversa, de todo filme e de toda

piada. Até mesmo expressões populares e elogios comuns usam palavras baixas. Qualquer ouvido atento está recebendo, de alguma forma, a obscenidade da cultura. Mesmo assim, não temos de ser iguais ao mundo. Temos de atrair as pessoas pela diferença, não pela semelhança. Atraímos o mundo sendo diferentes dele. Afinal, se somos iguais ao mundo, para que os ímpios virão para a igreja? Se nos apropriarmos do que há na cultura mundana, não seremos novas criaturas. Precisamos estar no mundo sem nos tornarmos mundanos.

A segunda camada de justificativa está no cristianismo *freestyle*, ou seja, um tipo de cristianismo que justifica teologicamente o palavrão de forma quase evangelística, a fim de alcançar o *underground*. O maior representante desse tipo de pensamento é Ariovaldo Jr., criador da *Bíblia Freestyle*, uma versão da Escritura em que Jesus fala palavrões e obscenidades. Esse tipo de cristianismo não se justifica porque é uma tentativa de alcançar as pessoas por meio de uma linguagem que vai repelir muitas outras. É uma tentativa de fazer um cristianismo descolado, mas que abraça o pecado. Nesse mesmo caminho, seguem alguns representantes da igreja católica romana que defendem o uso do palavrão, desde que tenha a intenção de ênfase e não esteja sendo usado para degradar ninguém. Isso também desconsidera o que Paulo diz sobre obscenidades.

A terceira e última camada, talvez a mais perigosa, é a do conservadorismo desbocado, uma associação política que aprende, com grandes homens do movimento político brasileiro, que o palavrão pode servir como arma contra essa intelectualidade fria da política da esquerda brasileira. Muitas vezes, são homens associados a um movimento político mais conservador que justifica o uso desse tipo de linguagem como meio de se opor àqueles que representam o outro lado da esfera política. Isso também não faz sentido algum. A maioria dos cristãos que eu conheço que vêm desse tipo de movimento político mais conservador acredita que tem mesmo de falar palavrão contra “essa esquerda maldita, comunista

etc.”. Porém, não precisamos assumir o pecado como arma política, porque somos, acima de tudo, cidadãos do reino pautados pela ética de Cristo. Se é a ética da Bíblia que nos move, não devemos seguir nenhuma ética política do mundo.

Comecei a me interessar por política no começo do seminário, influenciado por amigos cristãos. Comecei a ler autores de linha reformada, passei para a escolástica tardia dos católicos hispânicos e, só então, adentrei em autores típicos da economia política. Sempre fui apresentado a um conservadorismo profundamente cristão, que se importava com a moral individual como força basilar para a moral pública. Foi então que comecei a conhecer mais de perto o movimento conservador brasileiro, passando das leituras ao relacionamento, e conheci uma nova espécie de conservadorismo. É o conservadorismo de quem defende a centralidade da família já no segundo casamento. É o conservadorismo de quem faz odes literárias à moral pública enquanto fala de forma indecente com mulheres casadas. É o conservadorismo de quem louva a razão em sessões frequentes de embriaguez. É o conservadorismo que acredita na igreja, mas rejeita Deus e a santidade prática. É o conservadorismo de quem lamenta a degradação da linguagem e a morte do belo enquanto destila, repetidas vezes, uma linguagem baixa e imoral. Acabei descrendo em me relacionar com esse tipo de movimento e voltei aos livros. Conservadorismo não salva, não transforma, não cura a alma. Mudou-se a casca, pintou-se o sepulcro, mas o revolucionário continua lá, rebelado contra Deus.

O DEUS QUE PURIFICA OS LÁBIOS

Muitos de nós já pecamos com a escolha de palavras. Uma briga familiar, uma raiva profunda ou um dedinho na quina da mesa são suficientes para ver obscenidades jorrando como rios de águas podres. Quando Isaías viu o Senhor assentado num trono alto e exaltado, gritou: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; e os

meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Is 6.5). Ele percebeu que sua boca era impura quando viu Deus, e julgou que era indigno de estar diante do Santo.

Diante do pecado e da culpa de Isaías, um dos serafins voou até ele levando uma brasa viva, que havia tirado do altar com uma tenaz. Com ela, tocou sua boca e disse: “Veja, isto tocou os seus lábios; por isso, a sua culpa será removida, e o seu pecado será perdoado” (Is 6.6-7). Nosso Deus é o Deus que purifica lábios impuros. Pecamos e erramos muitas vezes, mas apenas por meio da purificação que vem do Senhor é que podemos ser realmente puros.

Essa pureza que provém de Deus deve levar-nos a fugir cada vez mais do pecado. Provérbios 4.24 diz: “afasta de ti a perversidade dos lábios”. Que os nossos lábios nunca sejam perversos, nem manifestem maldade! Que nossa boca sempre possa ser fonte de bênção, evitando palavras que fedem e estando sempre temperada com sal, cuidando de quem nos ouve e pensando sempre no outro, transmitindo graça e mostrando que somos novas criaturas, sempre olhando para os outros e para o Espírito.

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O “palavrão” pode ser definido de muitas formas e, algumas vezes, confundimos gíria e linguagem informal com palavrão. Que tipo específico de linguagem a Escritura condena?
2. O que são as palavras torpes? Como Efésios 5.3-4 interpreta Efésios 4.29-30?
3. Quais são as justificativas mais comuns dos crentes para usar linguagem ou gestos obscenos?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Sua linguagem tem sido irrepreensível? Quando você fala, também pensa no que os outros vão sentir com suas palavras?
2. Se nossa linguagem é transformada pela santificação do coração, qual pecado interior você comete quando peca com as palavras? O que você está amando de forma errada quando usa palavrões?
3. Como a obra de Cristo purifica nossos lábios e nos motiva à santidade no falar?

#10 INFERTILIDADE

COMO PERDER A GUERRA CULTURAL

> “[...] fertilidade como recurso nacional e a reprodução como imperativo moral. É uma ideia muito interessante e seria um ótimo segundo livro.”[56]
>
> (Serena Joy, em *The Handmaid’s Tale*)

O estudo monumental de 245 páginas do *Pew Research Center* intitulado *The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050* [O futuro das religiões mundiais: projeções de crescimento populacional, 2010-2050], traz como subtítulo a intrigante assertiva: *Why Muslims Are Rising Fastest and the Unaffiliated Are Shrinking as a Share of the World’s Population* [Por que os muçulmanos estão crescendo mais rápido e por que os não afiliados a religiões estão diminuindo como uma parte da população mundial]. Esse estudo traz alguns dados um pouco alarmantes para qualquer cristão, ou para qualquer um que tema pelos fundamentos da civilização ocidental.

Segundo seus autores, os muçulmanos contam com a maior taxa de fertilidade entre todos os religiosos do mundo. Enquanto os islâmicos têm 3,1 filhos por mulher (além da menor idade média), os cristãos geram 2,7 filhos por mulher (os hindus, 2,4; os judeus, 2,3; os não afiliados a religiões, 1,7; e os budistas, 1,6). Com isso, os muçulmanos têm crescido duas vezes mais rapidamente que os cristãos. A previsão é que eles cheguem a 2,76 bilhões em 2050, representando 29,7% da população global. Segundo a mesma estimativa, os cristãos seriam 2,92 bilhões, 31,4% da população mundial. Isso significa que, de 2010 a 2050, os muçulmanos vão aumentar sua população em 73%, enquanto os cristãos, apenas

31%. Em 2070, então, os muçulmanos superariam os cristãos em número. As previsões dizem que, se havia 159 países de maioria cristã em 2010, vão se reduzir a oito até 2050, enquanto os muçulmanos serão maioria em 51 países.[57]

Existem muitos fatores que levam os muçulmanos a se propagar pelo mundo, e isso está associado a fatores gradativamente mais complexos. Mas um desses fatores é sua taxa de natalidade acima da de qualquer outro grupo religioso de expressão. A dominação islâmica começa na maternidade. E o modo como eles se propagam pelo mundo está associado à quantidade de filhos que colocam no mundo. É a religião que mais cresce, e faz isso passando pelo berço. O islamismo está vencendo, em parte, porque o islamismo é mais parideiro do que nós.

É interessante que, nesse contexto atual de guerra cultural entre civilizações em conflito, temos indivíduos oriundos de matizes religiosas diametralmente opostas às ocidentais adentrando costumes menos desenvolvidos em nossos países. Muitos muçulmanos tentam mudar as bases sociais de nossa cultura através da sharia, da opressão feminina, da violência e do terrorismo. Além disso, levam a alma de muitos homens ao inferno pela pregação de uma religião falsa, que nega Jesus como Deus. Estamos perdendo a batalha evangelística e a preservação cultural.

Diante disso, a questão da maternidade chama a atenção. Em geral, vivemos numa cultura que ama crianças, mas que odeia a ideia de trazê-las ao mundo. Um casal que deseja filhos cedo em seu casamento é tido como desvairado das ideias. O simples fato de casar já é visto como morte da alma em dias como os nossos. Quando eu estava prestes a casar, o proprietário da casa que eu alugaria perguntou por que eu ia me enforcar tão cedo. Os professores da Isa, minha esposa, comentavam: “Que pena, tão nova!”, como se estivessem no funeral de um adolescente. A Isa sempre respondia: “Vou casar, e não morrer”. Ainda pensamos que casar significa abrir mão da alegria, da felicidade, da liberdade e das

coisas boas que a vida tem para dar. Agora, veja só. Se casar já é visto como morte, tem algo pior que casar e ter filhos? Isso seria a consumação da miséria para muita gente. A fecundidade, no entanto, faz parte da natureza do homem e da mulher, uma vez que foram criados à imagem de um Deus fecundo.

A FERTILIDADE DOMINADORA DA *IMAGO DEI*

É interessante observar a existência de dois fatores bastante ignorados sobre fecundidade que se manifestam na criação da humanidade:

> Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. (Gn 1.26-28)

Há duas coisas interessantes aqui. Em primeiro lugar, o fato de que, depois de termos sido criados à imagem e à semelhança de Deus, somos ordenados à fecundidade. Às vezes, nós nos perguntamos o que significa alguém ser feito à imagem e à semelhança de Deus. Ser “imagem” é refletir algo. Se eu sou à imagem de alguém, é porque reflito algo de alguém. Se eu digo que seu filho é sua cara, é porque ele se parece muito com você. Se eu digo que alguém é a imagem de outra coisa, é porque há uma semelhança visível entre os dois. O ser humano é criado para refletir Deus, para ser semelhante a Deus em algum nível, para representar algo que Deus é. E, logo depois de dizer “façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança”, Deus diz: “sejam férteis e multipliquem-se”. Gênesis 1 não trata simplesmente da

procriação como o propósito principal da união conjugal, mas também diz que faz parte da imagem de Deus no homem o ato de ter filhos.

Existe um contexto familiar dentro da própria Trindade. Você adora o Pai. Você foi salvo pelo Filho. Em certas correntes da teologia oriental, fala-se de Deus ser o “pai de todos” no sentido de ter criado todos os homens — ninguém tem outra origem senão dele. Como cristãos, somos os verdadeiros filhos de Deus, parte de sua família. Se me permitem a referência, até o padre Marcelo Rossi já cantava: “O Senhor tem muitos filhos / Muitos filhos ele tem / Eu sou um deles / Vocês também / Louvemos ao senhor”. A questão é que Deus tem muitos filhos. Esse interesse pela filiação faz parte não só de quem Deus é, mas daquilo que ele coloca em nós ao nos criar. Somos imagem daquele que tem filhos, daquele que é pai. Sermos a imagem de Deus passa pela multiplicação e pela fecundidade, porque nós adoramos um Deus fecundo. Deus colocou muita gente no mundo. Se nós somos sua imagem, temos o interesse de imitá-lo em povoar a Criação. Para sermos à imagem do Pai, devemos ser como ele também.

Nós adoramos o Filho. Nós louvamos o Filho. O Filho morreu na cruz por nós. Somos salvos pelo trabalho do Filho, para que sejamos unidos ao Pai. Existe uma estrutura familiar muito forte na Trindade, a ponto de, em Isaías 49.15, o profeta dizer que o amor do Pai por nós é como o amor de uma mãe por seu filho. De alguma forma, ser pai e ser mãe consistem em sentir o que Deus sente, ou seja, participar do sentimento de Deus para com seus filhos. Participar da paternidade e da maternidade é participar daquilo que Deus nos dá, daquilo que Deus nos oferece, daquilo que encontramos no Senhor.

Em segundo lugar, há outra coisa interessante na criação do homem e da mulher. Podemos encontrar o Criador anunciando domínio sobre a coisa criada por meio da fecundidade. Dentro da teologia, fala-se sobre o mandato cultural. É a ideia de que o

homem não foi feito só para evangelizar e dormir, mas também para controlar e dominar a cultura. De alguma forma, nosso trabalho no mundo não é só pregar o evangelho e falar de coisas tidas como espirituais. É também fazer o bem à humanidade, coordenar bem a coisa criada, ser um bom médico, um bom advogado, um bom engenheiro, um bom dentista etc. Você está inserido na cultura ao fazer bem a ela. O texto diz: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, e mais adiante: “domine ele sobre...”. Há aqui um domínio: “encham e subjuguem a terra, dominem sobre ao peixes, as aves e todos os animais que se movem”. Esse domínio exercido sobre a criação é o que nos faz criar tecnologia, agricultura e engenharia. É o que nos faz organizar a vida para além daquilo que é mera naturalidade. Conseguimos nos organizar e criar coisas a partir daquilo que Deus nos deu, de pizza a catedrais, tudo isso é atuação do homem no mundo. Parte desse processo de domínio, então, passa pela fecundidade. O texto diz: “multipliquem-se e sejam férteis, encham e subjuguem a terra”. O modo como o homem gerencia, coordena e organiza a existência e o mundo à sua volta passa pela criação dos filhos.

Isso é uma coisa que os muçulmanos entenderam muito bem. Você não precisa ser especialista em teologia islâmica para saber que eles têm muitos filhos. É justamente através desse processo que eles dominam a cultura de onde se instalam. A fé islâmica é profundamente cultural, e está muito ligada à transformação da cultura, da política e dos valores da sociedade. Como eles conseguem poder para a instauração de suas crenças na esfera pública? A resposta é simples: tendo mais filhos que você. Quando um muçulmano tem filhos, ele se vê responsável por perpetuar sua fé no contexto familiar, ensinando valores, compreensões e ideias que vão se propagar para além daquele contexto familiar mundo afora. Infelizmente, os islâmicos estão dominando a cultura melhor que os cristãos.

O modo como dominamos a criação passa por colocar no mundo outras pessoas que entenderão seu papel como

organizadores da criação, como subcriadores cristãos, como médicos cristãos, como engenheiros cristãos, como artistas cristãos, como pais cristãos etc. Se não nos envolvermos nesse processo, não vamos conseguir organizar e gerenciar o mundo como Deus quer que façamos. O mandato cultural será apenas um termo teológico, e nada mais do que isso. Às vezes, quando falamos de mandato cultural, só imaginamos membros da igreja envolvidos com artes, política e universidade, mas se envolver com a cultura também está associado a fazer bebês para a glória de Deus. Isso faz parte de como os cristãos gerenciam, organizam, dominam e fazem bem à cultura.

AS DESCULPAS DO PECADO

O pecado não é muito inteligente em dar desculpas, mas certamente é muito ágil. Quando falamos de fecundidade, logo inventamos pretextos para a iniquidade. O motivo disso é apresentado dois capítulos após sermos criados à imagem do Deus fecundo, em Gênesis 3. Tudo é muito bonito antes de o pecado entrar no mundo.

Alguém me disse que, quando nos referimos à “Queda”, a linguagem teológica para a entrada do pecado no mundo, parece que estamos nos referindo a uma criança que saiu correndo e caiu no chão. Infelizmente, essa Queda cósmica e global do pecado não é o escorregão de uma criança. O homem estava em um status de santidade e se lançou no abismo do pecado. Com isso, Deus traz maldições tanto sobre o homem como sobre a mulher. A maldição que Deus traz sobre a mulher está inteiramente ligada à questão da fecundidade, enquanto a maldição que Deus traz sobre o homem está indiretamente ligada isso.

Em Gênesis 3, Deus declara à mulher: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos [...]” (Gn 3.16). Agora, o processo da maternidade será doloroso. Podemos imaginar que, antes do pecado, a dor do

parto era pequena. O texto diz “multiplicará a dor”. Talvez a estrutura biológica da mulher tenha sido modificada para que a coisa ficasse mais dolorosa. Não sabemos como era antes, pois a Bíblia não diz, então não dá para especular muito, mas o que sabemos é que agora há multiplicação da dor no processo de parto.

Ao homem, Deus disse: “[...] Maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. [...] Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão” (Gn 3.17-19). Agora, enquanto a mulher encontra sofrimento em ter filhos, o homem encontra sofrimento em sustentá-los. A mulher sofreria no processo de pôr crianças no mundo, enquanto o homem sofreria no processo de conseguir sustento para si e para sua casa. Ele iria sofrer para sustentar sua família. A família cresce com a dor da mulher. A família come com a dor do homem. As crianças doem em todo mundo.

SALVA PELA MISSÃO DE MÃE

Ao escrever a Timóteo, Paulo dá a entender que a mulher é tentada a largar a maternidade por uma questão de valor. Em vez de se crer valiosa por ser mãe, a mulher quer ser valiosa por outras coisas, a ponto de abandonar a maternidade. Ele diz:

> Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas, sim, a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora. Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso. (1Tm 2.12-15)

O texto cria algumas contraposições. Paulo contrapõe o ministério doméstico da mulher ao ministério público de pastorado. O apóstolo está se opondo ao ensino público e autoritativo da mulher sobre o povo de Deus — ou seja, o exercício do papel

pastoral. A ideia é que a mulher não tem o poder de exercer autoridade com seu ensino sobre os homens da igreja no papel de líder da comunidade. Isso seria por uma questão cultural? De forma alguma. Paulo está falando de algo relacionado à criação do homem e da mulher em Gênesis 1 e 2. Não tem nada a ver com a cultura judaica daquele tempo, não tem nada a ver com Paulo ser um machista preconceituoso, mas, sim, com a ordem que Deus deu à criação do homem e da mulher. Paulo diz que o motivo pelo qual a mulher não pode exercer autoridade de ensino é porque Deus primeiro formou Adão, depois Eva.

A ideia é que Eva se entregou à transgressão na inversão dos papéis na família, em uma distorção desse relacionamento de autoridade e submissão. Em vez de ela se submeter ao ensino bíblico de seu marido, tentou corromper isso ao se colocar como mestra de sua casa, levando Adão ao caminho do erro. Entretanto, a mulher vai encontrar sua salvação em um caminho oposto ao caminho de Eva. Em vez de se colocar sobre sua família por meio do ensino, ela se dedicará ao papel de mãe, como aquela que gera filhos. A maternidade é estabelecida por Paulo como instrumento para livrar a mulher da transgressão e do pecado.

Paulo cria uma contraposição entre o ministério de Eva e o da mulher. Ele diz que, porque Eva distorceu sua função, desejando exercer um cargo autoritativo sobre seu marido, ela pecou e levou o homem ao pecado. A mulher, então, será salva da condição de Eva ao se afastar do caminho daquela que comeu o fruto e andou no caminho da perdição e da condenação, aproximando-se do caminho de salvação que se manifesta em sua função na família, abraçando sua missão de mãe. Aqui, a ideia não é ganhar salvação — a salvação é somente pela fé —, mas permanecer na fé, no amor e na santidade. Então, uma mulher que permanece no amor, na fé e na santidade encontra essa expressão da salvação ao ter filhos, em vez de seguir o caminho de Eva, que abandonou sua missão como mãe e tentou colocar-se sobre seu marido. A maternidade, então, é

estabelecida por Paulo como um instrumento para livrar a mulher do pecado e da transgressão de Eva.

A ideia que temos ao tentar construir o perfil de quem recebe a carta de Paulo é que as mulheres a quem Paulo está escrevendo pareciam estar abandonando a maternidade para se dedicar a outras funções, inclusive eclesiásticas, a ponto de abandonar sua principal função dentro de casa, ou seja, de ter e criar filhos. Há interesse em se encontrar valor fora da maternidade, em vez de encontrar valor, paz e felicidade em ser mãe. As mulheres estavam abandonando esse valor e essa paz para abraçar outras atividades públicas. Paulo não está dizendo que a mulher não possa ter outras atividades, mas que ela não pode trocar sua missão por outras atividades que lhe são inferiores. Em vez de se dedicar àquilo que só elas poderiam fazer, elas estavam abandonando isso para fazer coisas que nem deveriam fazer, ou seja, a atividade de liderança eclesiástica.

Paulo está condenando mulheres que querem deixar a maternidade para se dedicar à vida religiosa. Muitas cantoras e missionárias acham que seus esforços públicos valem mais que fazer bebês para a glória de Deus. Em 1Coríntios, Paulo diz que quem deseja dedicar-se exclusivamente ao Reino não deveria casar. Uma vez casada, a mulher “está dividida” (1Co 7.34), devendo, assim como o homem, dar atenção às suas funções domésticas e religiosas: “a casada preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar seu marido” (1Co 7.34). O esforço missionário, o ministério musical ou outras atuações religiosas não deveriam tirar a mulher de sua atenção maternal. A função do casado, no Reino de Deus, é, em primeiro lugar, em sua casa e em suas obrigações domésticas. O resto precisa estar sujeito a isso. É melhor sacrificar a obra missionária por seu casamento e maternidade do que sacrificar a criação de filhos pela obra de Deus. É trocar o principal pelo que deveria vir depois. É cortar o tronco tentando salvar o fruto.

Mas nem sempre o sacrifício da maternidade é tão nobre. Nem toda mulher que rejeita os filhos o faz pelo ministério religioso, mas por interesse financeiro. Como não querem depender do marido, os filhos se tornam um entrave. Você quer poder ter seu dinheiro, sem depender do seu marido, e prefere adiar a maternidade por isso. Como você não tem como trabalhar e ter filhos ao mesmo tempo, o que complica a situação, você simplesmente não quer ter filhos *agora*. No entanto, se você escolheu casar, você escolheu abrir mão de sua vida privada para compartilhar toda a existência com alguém, de maneira que o dinheiro do seu marido é seu dinheiro e seu dinheiro é dinheiro do seu marido — tudo o que vocês fazem em termos de trabalho e serviço só é possível porque há uma justa cooperação entre ambos. Como vocês podem compartilhar os corpos, mas não as carteiras? Todos os frutos de minha força profissional também dependem do suporte que minha esposa me dá em casa, seja no cuidado da vida doméstica, seja no suporte emocional, intelectual e espiritual. Tudo que eu tenho, nós temos; tudo que eu compro, nós compramos. Tudo é nosso.

A questão, por outro lado, pode não ser o dinheiro. Muitas mulheres fogem da maternidade porque têm medo de não poder galgar a esfera pública, de poder envolver-se com outras coisas, de fazer coisas no mundo. A verdade é que você não vai abrir mão de existir em último nível ao parir filhos. A maternidade não é morte. Conheço muitas mães que não morreram em suas vidas públicas. Elas agem, têm suas funções no mundo e fazem o bem à nossa volta. Mesmo assim, podem existir níveis diferentes de sacrifício para cada mulher. A questão, no fim das contas, é onde a esposa deposita seu senso de valor e propósito. Segundo Paulo, não deve ser na obra missionária — ou no dinheiro ou nas realizações públicas —, mas em sua missão de mãe, em sua vida como esposa e mulher. A fuga da maternidade pode representar um desnorteamento do coração. Os filhos nascem quando nossa bússola moral volta a apontar para Cristo e para aquilo que ele cobra de nós.

É DEUS QUEM DÁ AS FLECHAS

Não são apenas as mulheres que rejeitam os filhos. O Salmo 127 inteiro fala sobre paternidade e sustento da família. O homem costuma fugir da paternidade porque imagina quanto vai precisar suar o rosto para sustentar a casa, e quer investir seu dinheiro em outras coisas. O Salmo diz:

> Se não for o Senhor o construtor da casa, será inútil trabalhar na construção. Se não é o Senhor que vigia a cidade, será inútil a sentinela montar guarda. Será inútil levantar cedo e dormir tarde, trabalhando arduamente por alimento. O Senhor concede o sono àqueles a quem ama. Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem cuja aljava está cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal. (Sl 127)

Geralmente, nós, homens, tentamos postergar a paternidade por motivo de bolso. Nunca estamos preparados financeiramente para ter filhos. Sempre falta alguma coisa: uma casa maior, trocar o carro, uma poupança maior etc. A possibilidade do que pode faltar é infinita. Você pode inventar o que quiser: o videogame, a televisão de 52 polegadas, a poupança de cinco dígitos... enfim, o mundo sempre tem algo para dar. Se você quiser impor barreiras para a paternidade, vai fazer isso infinitamente.

Porém, o texto diz que é Deus quem erige as casas. Ainda que eu trabalhe na construção, é Deus quem trabalha para que eu construa. A ideia é que, ainda que tenhamos sentinelas vigiando a cidade, é o Senhor quem vigia em última instância. É Deus quem protege, é Deus quem concede. É inútil, segundo o texto, acordar às quatro da manhã, dormir às duas e meia do dia seguinte, trabalhar de sol a sol, se Deus não for aquele que nos dá o sustento. É Deus quem paga seu salário. É Deus quem constrói sua casa. É Deus

quem lhe dá transporte. É Deus quem lhe dá pão. Às vezes, achamos que conquistamos as coisas. Eu tinha um amigo médico que não era cristão. Ele me disse: “Yago, nada é mais ofensivo para mim do que passar sete horas numa cirurgia e ouvir o familiar dizer: ‘Graças a Deus!’, depois de eu salvar a vida de alguém com meu esforço e conhecimento”. Para nós, que temos de ralar para sustentar a casa, a humilhação é igual. Você acorda cedo, trabalha, se esforça, tolera o patrão e os clientes chatos, chega em casa cansado, com a certeza de que quem lhe deu força, quem lhe deu o cliente, quem colocou a comida na mesa, quem fez tudo foi Deus.

É interessante que o Salmo parece mudar de assunto bem no meio. Se não soubéssemos que o Salmo é uma música, e que música sempre apresenta um senso de unidade, acharíamos que ele estava quebrando o tema ao meio. Mas é um salmo que fala de sustento, que Deus é quem sustenta, que Deus é quem dá, protege e fornece, e diz também que “os filhos são herança do Senhor, são uma recompensa que ele dá”. Deus é quem dá os filhos, e eles são dados como riqueza. Enquanto o mundo diz que filho é despesa, o salmista diz que é riqueza. Na economia de Deus, os filhos são lucro certo. Sabe a história de colocar mais água no feijão? Eu sempre imagino que Deus alarga as portas do celeiro quando chega mais gente para dormir. É Deus quem coloca mais água no feijão. É Deus quem aumenta o celeiro. É Deus quem constrói a casa e novos cômodos. É Deus quem vigia a cidade. É Deus quem dá o pão. É Deus quem dá sono à noite. Se Deus dá os filhos, Deus também dá os meios para que possamos sustentá-los. O próprio filho é uma herança do Senhor. Rejeitamos os filhos porque queremos carros melhores, casas maiores e viagens mais longas. Temos um problema de investimento. Estamos gastando nossos recursos em prazeres de curto prazo, em vez de investirmos na construção de uma sociedade centrada na Palavra de Deus, colocando no mundo crianças centradas na Escritura.

O filho é um instrumento de batalha, uma arma de combate. O texto diz que eles são flechas na mão do guerreiro. Os filhos são

usados como meio de propagar ideias e valores em uma civilização. Os filhos são instrumento de domínio sobre a criação. Precisamos ver nossa prole como instrumento divino para abençoar a terra e mudar o mundo. Sozinhos, temos o poder de influenciar nosso contexto social com o evangelho e uma cultura do reino, mas podemos muito mais quando nos multiplicamos para enviar balas de prata do Senhor nessa guerra cultural insana que vivenciamos.

É muito conhecida a história de que o famoso pregador Jonathan Edwards teve onze filhos com sua esposa Sarah. Apesar de uma vida difícil, com um horário extremamente rigoroso de trabalho (diariamente, ele levantava às quatro e meia da manhã) e com muitas e extensas viagens, ele dedicou boa parte de seu tempo à paternidade. B. B. Warfield encontrou 1.394 descendentes conhecidos do casal Edwards. Destes, pode-se contar 13 presidentes de faculdades, 65 professores de faculdades, 30 juízes, 100 advogados, 60 médicos, 75 oficiais do exército e da marinha, 100 pastores, 60 autores de destaque, 3 senadores dos Estados Unidos, 80 servidores públicos em outras funções, incluindo governadores e ministros a países estrangeiros, e um vice-presidente dos Estados Unidos.[58] Jonathan Edwards não foi só um pregador excelente e um filósofo de peso, mas também um homem muito bem armado de uma descendência poderosa. Nem todos podemos ser Jonathan Edwards, mas quase todos podemos ser mães e pais que abençoam o mundo.

Há algo no Salmo 127, no entanto, que costuma passar despercebido. Você pode dizer: “Tudo bem, eu quero ter filhos, só não posso agora”. O texto diz que os filhos são flechas na mão do guerreiro quando são nascidos na juventude dos pais. O salmista louva os filhos que nascem cedo na vida dos pais, não tendo sido postergados em demasia: “Como flechas nas mãos do guerreiro, são os filhos nascidos *na juventude*. Como é feliz o homem cuja aljava está cheia deles!”. Uma aljava cheia de flechas é uma casa cheia de muitos filhos tidos na juventude. Essa é uma das coisas mais contraculturais que leio no Salmo 127.

Somos ensinados a postergar a fecundidade até quando nos for conveniente. Enquanto você diz que não tem dinheiro, estrutura ou maturidade, o cara que vive na favela tem cinco filhos. Os mendigos estão criando seus filhos no meio da rua, dormindo em papelão, e estão vivendo. Como posso pensar que minha casa não está boa para receber bebês se, na África subsaariana, existem famílias com seis? Somos ensinados a chamar isso de irresponsabilidade, mas será que não estamos vivendo em uma cultura que despreza a maternidade e a paternidade a ponto de moldarmos nossa mente segundo padrões pecaminosos? Será que não vivemos em uma cultura que trata com desprezo aquilo para o qual fomos criados? Será que não estamos sendo enganados por Satanás para perder a guerra cultural, o domínio sobre a coisa criada e a força da juventude? Será que não estamos sendo enganados para perder a força de ter uma pequena igreja em casa com um lar centrado na Palavra? É feliz o homem que tem a aljava cheia de filhos. Estamos perdendo a promessa divina de felicidade e bem-aventurança.

Um casal recém-casado sempre escuta a mesma coisa: “Curtam bastante”, “Deixem os filhos para depois dos 30”, “A vida muda muito” e coisas do tipo. A ideia moderna é que, enquanto houver um restinho de útero, você pode adiar a fecundidade. As pessoas acreditam que a maternidade é algo a ser adiado infinitamente, como se não houvesse barreiras biológicas para isso e como se não estivéssemos perdendo o bem que podemos fazer ao mundo para a glória de Deus. Casais que escolhem ter filhos cedo são párias sociais em um tempo de individualismo hedonista.

Homens e mulheres de Deus não serão humilhados quando enfrentarem seus inimigos, porque seus filhos representarão honra. Há uma glória associada ao fato de, pura e simplesmente, alguém ser pai ou ser mãe. Há tanta responsabilidade e tanto sacrifício envolvidos na fecundidade que, até mesmo sem grandes realizações profissionais, acadêmicas ou culturais, um casal deve ser visto com grandeza por suas realizações familiares. Ser pai e

ser mãe desgastam tanto você que esse simples fato já deveria conceder-lhe honra pública.

TER FILHOS NO CATIVEIRO

“Mas, Yago, este mundo está tão terrível. É casamento homossexual, drogas, ideologia de gênero, aborto...” Sempre que penso em adiar ou rejeitar a paternidade porque o mundo está ruim, Jeremias 29 me chama bastante atenção, porque é um texto no qual Deus fala com o povo de Israel em um período de cativeiro. Eles estão presos, fora de sua terra, enfrentando dificuldades, e Deus olha para o povo de Israel através do profeta e diz:

> Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que deportei de Jerusalém para a Babilônia: “Construam casas e habitem nelas; plantem jardins e comam de seus frutos. Casem-se e tenham filhos e filhas; escolham mulheres para casar-se com seus filhos e deem as suas filhas em casamento, para que também tenham filhos e filhas. Multipliquem-se e não diminuam. Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela”. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: “Não deixem que os profetas e adivinhos que há no meio de vocês os enganem. Não deem atenção aos sonhos que vocês os encorajam a terem. Eles estão profetizando mentiras em meu nome. Eu não os enviei”, declara o Senhor. (Jr 29.4-9)

O povo de Israel estava exilado, vivendo em cativeiro na Babilônia — cidade que, até hoje, representa o abandono de Deus — e o conselho de Deus é que “tenham filhos”, “entreguem as filhas em casamento” e “multipliquem-se, não diminuam”, “batalhem para o crescimento e a prosperidade da cidade”. Deus está dizendo que, se o mundo está ruim, se a cultura está um caos, se está tudo pegando fogo, eles deveriam ter mais filhos. É justamente porque o mundo está ruim que precisamos de mais prole cristã, pois, só

assim, poderemos melhorá-lo. Se o mundo está caótico, a solução é justamente criar famílias centradas na Palavra, com filhos bem-criados, que serão uma referência e uma posição neste mundo caído. Em vez de diminuir nossas forças, precisamos ter mais instrumentos para dominar a cultura e servir a ela. Devemos batalhar pela prosperidade da cidade na qual estamos exilados multiplicando-nos. Estamos apenas passando por aqui, já que não somos deste mundo. Estamos aqui, mas não somos daqui. E, de forma semelhante ao povo de Israel, estamos em uma cidade que não é nossa. E em uma cidade que não é nossa, Deus diz: “Multipliquem-se, tenham mais filhos”.

A melhora deste mundo é boa para nós. Nós dependemos da prosperidade da cidade, dependemos de uma cultura que seja melhor. Às vezes, como cristãos, podemos pensar que tudo vai piorar mesmo, que o mundo está acabando, então deixamos tudo dar errado e o mundo ir para o inferno. Porém, o que Deus diz não é isso. O que Deus diz não é “entregue a cultura a Satanás”, porque nós dependemos da prosperidade da cidade. Nosso bem-estar depende da cultura na qual estamos inseridos. O ensino de nossos filhos depende da situação de nossas escolas. O bem-estar de nossa família depende da situação econômica. A segurança de nossa vida depende das medidas de segurança pública. Estamos inseridos em um mundo e nós dependemos do contexto no qual estamos inseridos. Se entregarmos a cultura ao diabo, ele tomará conta dela e nós sofreremos nas mãos do inimigo. Porém, o que Deus quer é que não deixemos isso acontecer. Ele deseja que sejamos uma força de Deus atuando na humanidade, dominando este mundo caído, servindo a este mundo derrubado através de mais filhos, criando boas famílias, colocando pessoas capazes no mundo, ensinando crianças a crescerem como homens e mulheres de Deus. Se este mundo está ruim, você tem a possibilidade de criar uma arma de transformação no quarto ao lado.

Os falsos profetas do nosso tempo nos desencorajam a isso. Depois de falar sobre ter filhos, Deus adverte o povo contra os

falsos profetas, dizendo que não os enviou. Existem muitos falsos profetas no nosso tempo nos desencorajando a isso. Às vezes, somos alguns deles quando tentamos desencorajar as pessoas a terem filhos, quando encorajamos que esses filhos sejam adiados até a eternidade. Muito da nossa cultura tenta nos convencer de que é um dinheiro mal investido, que é um tempo que não vale a pena, que é uma mudança de vida que não precisa acontecer e que é bom curtir uma vida um tanto jovial e até mesmo inconsequente agora, pois "filhos são só para quando você cansar". Eu conversava com um colega de ensino médio e ele disse que, quando o casamento cai no tédio, esse é o momento de ter filhos. E os falsos profetas sempre tentam nos ensinar que filho é um mal, quando a Escritura diz que filho é uma bênção.

Em tempos de separação absoluta entre sexo e fecundidade, precisamos retomar uma visão elevada do significado de sexo. Como disse Albert Mohler:

> Devemos começar por uma rejeição da mentalidade contraceptiva que considera a gravidez e os filhos incômodos a serem evitados, e não dádivas a serem recebidas, amadas e cuidadas. Essa mentalidade contraceptiva constitui um ataque insidioso à glória de Deus na criação e à dádiva da procriação que o Criador concede ao casal casado.[59]

Por que você não tem filhos? Porque adiamos a paternidade e a maternidade se os filhos da juventude são como flechas na mão de um guerreiro? Por que, em vez de termos filhos, queremos encontrar valor em outras coisas, se a Bíblia fala que a mulher é salva pela missão de ser mãe? Por que tememos por nossas finanças se o Salmo diz que o dinheiro vem de Deus e o filho é herança e lucro? Por que fugimos do que Deus nos oferece? Essas questões são sérias e precisamos lidar com cada uma delas em nossos próprios corações.

O DIABO NOS EXTREMOS

O problema de toda doutrina é que o diabo habita em suas pontas. Não é à toa que ele vive de “rodear a terra” (Jó 1.7; 2.2). Ele gosta das beiradas. Muitas heresias nascem quando transformamos ênfases em absolutos. Dessa forma, existem idolatrias que se manifestam nos extremos das questões sobre fecundidade.

Ainda que isso não seja uma prática comum em tempos de religião nominal, a doutrina oficial da igreja católico-romana proíbe o uso de métodos contraceptivos. De forma semelhante, muitos cristãos intimamente ligados à tradição reformada creem que é pecado o sexo sem fins de reprodução, assim como em certas camadas do neopentecostalismo. Porém, nada do que foi posto aqui é uma crítica ao uso de métodos de contracepção não abortivos. É claro que existem alguns bons motivos para adiar a maternidade, para se programar e organizar sua vida de forma madura. A Bíblia fala do casamento como uma bênção, mas isso não significa que você deve casar o mais rápido possível, passando por cima de todas as circunstâncias. Não estou falando de parir desenfreadamente sem levar em conta as questões de saúde, as circunstâncias, os recursos e tudo o mais. Há responsabilidade, compromisso e períodos específicos na vida de cada pessoa que um texto em um livro não tem como abordar. Ainda que filhos devam ser desejados e louvados, não devem ser tratados como condição sem a qual não há casamento santo e fiel.

Não há texto bíblico que indique que o sexo deve ter sempre como objetivo a reprodução, ou que todo ato sexual deve ser potencialmente reprodutor. O prazer mútuo no casamento é tratado como um dos grandes objetivos do sexo por Paulo em 1Coríntios 7. O ídolo do sexo fértil é tão pecaminoso quanto o ídolo da contracepção. Proibir o planejamento familiar é ir além do que Deus cobra dos crentes na Escritura, ainda que seja demandado por Deus que nosso planejamento familiar tenha os filhos em elevada conta. Ter filhos é algo urgente, mas não é algo apressado.

Dessa forma, pode acabar surgindo na vida de muitas pessoas o ídolo da fecundidade. Ter filhos transforma-se em algo tão necessário que vira um valor acima de todos os outros, tanto da saúde como da glória de Deus, como em um episódio do macabro *The Handmaid's Tale*, em que mulheres férteis são escravizadas para dar bebês a homens do alto escalão. A história de Raquel e Jacó sempre serve de exemplo a uma mulher disposta a tudo para ter filhos sob seus cuidados:

> Quando Raquel viu que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã. Por isso disse a Jacó: "Dê-me filhos ou morrerei!". Jacó ficou irritado e disse: "Por acaso estou no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?". Então, ela respondeu: "Aqui está Bila, minha serva. Deite-se com ela, para que tenha filhos em meu lugar e por meio dela eu também possa formar família". Por isso ela deu a Jacó sua serva Bila por mulher. Ele deitou-se com ela, Bila engravidou e deu-lhe um filho. (Gn 30.1-5)

Raquel achou certo pecar contra Deus, desde que isso lhe rendesse uma prole. Ela dizia que estava para morrer se permanecesse sem filhos, e acabou levando seu marido a se deitar com uma serva a fim de engravidá-la. Muitos casais seguem o mesmo caminho e, mesmo sendo contrários ao aborto, estão dispostos a usar métodos de inseminação artificial em que óvulos fecundados acabam sendo descartados, para tentar engravidar. Mulheres crentes acabam sem conseguir vencer a dor da infertilidade e levam vidas tristes por não achar consolo em Deus em suas infecundidades não escolhidas. Homens humilham suas mulheres e ameaçam encontrar amantes que lhes deem filhos, e pessoas psicologicamente abaladas chegam a roubar bebês em hospitais por conta do ídolo da fecundidade.

Cristo é melhor que filhos, e o evangelho é maior que a fecundidade. Não podemos achar que, se não temos como produzir bebês, somos pessoas menores ou amaldiçoadas. Deus nos põe nas mais diversas circunstâncias para provar nossa fé e nos deixar

mais parecidos com a pessoa de Cristo. Nenhuma dificuldade pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Se não há como o ventre ser frutífero, um casal pode optar pela adoção e trazer para sua casa crente uma criança que viveria sem um padrão de masculinidade e feminilidade cristã. Se isso também não for possível, Deus pode estar dando a um casal a oportunidade de se dedicar ao Reino com o vigor e a ênfase que um casal fecundo não poderia. Cada circunstância deve ser recebida como um presente de Deus e usada para a glória de seu nome.

CONCLUSÃO

Claro que ninguém deve ficar fiscalizando a fecundidade de seu casamento, mas nós temos de refletir sobre o porquê de os filhos serem algo tão adiado em nossas vidas. O evangelho nos convida ao sacrifício. O evangelho nos convida à entrega. O evangelho nos convida a colocar mais crianças no mundo. Talvez você deva conversar com seu cônjuge sobre essas questões. É importante que, na escolha de ter filhos, agora ou mais adiante, tudo isso passe pelo crivo da Palavra e da fé. Eu não tenho o poder de dizer quando você deve ter filhos, mas a Palavra tem. Então, essa é uma questão sobre a qual você deveria refletir com sua família. Ter a oportunidade de montar um centro de treinamento missionário em sua casa não é algo a se ignorar. Ter a oportunidade de plantar uma pequena igreja em sua casa também não é bobagem. Ter a oportunidade de ser o pastor de um lar é ainda mais incrível. O mundo está caído e perdido, e há uma guerra na qual nós estamos na linha de frente. Nossas famílias são os arsenais de Deus para lutarmos essa batalha. Será que estamos bem armados?

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. O islamismo é a religião que mais possui filhos por casal em todo o mundo. Quais desafios isso gera para a civilização ocidental e para os cristãos em especial?
2. Como ser a imagem de Deus é algo que está relacionado à fecundidade? Como a estrutura da Trindade aponta nessa mesma direção? E o aspecto de domínio e cuidado com a cultura?
3. Quais são as desculpas que homens e mulheres usam para evitar ou adiar a fecundidade?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Como você se vê no combate cultural contra as doutrinas opostas à Palavra de Deus? Você acredita que tem alguma participação nisso? Por quê?
2. Quais argumentos você tem usado para racionalizar a infecundidade? Esses argumentos resistem ao que é pregado na Palavra de Deus?
3. Se você tem motivos justos para não ter filhos ainda, como e quando pretende contornar esse momento da vida? Essa circunstância realmente impede a vinda de filhos? Se sim, vencer isso é uma prioridade?

#11 NUDEZ

BIQUÍNIS, ROUPAS CURTAS E OUTRAS INDECÊNCIAS

"[...] os estilistas usaram a moda para despir a sociedade."[60]

(Jeff Pollard, em *Deus, o estilista*)

Raramente concordamos em detalhes sobre qual é o padrão santo do uso de roupas. Em geral, três mulheres conversando representam sete opiniões distintas sobre o assunto. É um trabalho estranho tentar criar uma teologia bíblica da roupa, mas você não concorda que teríamos mais segurança no modo de vestir se pudéssemos contar com os croquis de Deus? Uma vez que as vestimentas são questões meramente culturais ou, muitas vezes, uma questão de gosto pessoal, seria incrível contar com um padrão menos subjetivo para definir o que é uma saia curta demais, ou uma roupa apertada demais.

Apesar dos desacordos, todos nós concordamos em dois pontos. Primeiro, que vivemos em uma cultura guiada por padrões de moda que não são moralmente neutros. Todos concordamos que há uma boa parcela de ódio a Deus no universo estilístico, já que os ímpios cada vez mais elaboram roupas que representam seu afastamento de Deus. Em segundo lugar, concordamos que a Escritura não nos deixa alheios a *algum* padrão sobre como devemos nos vestir. Há passagens bem conhecidas que mostram como encontrar Jesus afeta nosso vestuário. Concordamos, no mínimo, que Deus não aprova a exposição pública da nudez.

NUDEZ E VERGONHA

A roupa foi criada por causa do pecado. Ela aparece pela primeira vez não em Gênesis 1 ou 2, mas em Gênesis 3, no capítulo

da Queda do homem. No capítulo 2, lemos que Adão e Eva estavam nus, e que a falta de roupa não representava vergonha alguma (Gn 2.25). Deus criou homem e mulher sem necessidade de vestuário. É apenas por causa da Queda que o pesadelo de estar nu diante de uma plateia é tão aterrador. O pecado traz vergonha para a nudez. As partes íntimas outrora expostas agora exigem algo que as cubra: “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se” (Gn 3.7).

Existem condenações bíblicas que se manifestarão na forma de descobrir as vergonhas (Na 3.5; Ez 16.37; Is 47.3). O profeta Naum, por exemplo, escreve ao povo de Nínive dizendo que Deus iria levantar a saia deles. É uma linguagem esquisita, não? Mas é Deus dizendo: “Vocês vão passar vergonha, vocês serão envergonhados diante de todos. Vou colocar vocês nus diante da multidão”. É prometido aos santos que, nos céus, vamos cobrir a vergonha da nudez (Ap 3.18).

Nos evangelhos, lemos que a nudez descontrolada é uma obra típica de endemoniados. O relato do endemoniado gadareno é paradigmático. Diz o texto que ele estava possesso por vários demônios havia muitos anos, e que por isso vivia nu: “Fazia muito tempo que aquele homem não usava roupas”, escreve Lucas. Mais adiante, depois que os demônios são expulsos, Lucas faz questão de registrar que ele agora estava vestido: “Quando se aproximaram de Jesus, viram que o homem de quem haviam saído os demônios estava assentado aos pés de Jesus, vestido e em perfeito juízo” (Lc 8.27-35). Os mesmos espíritos que tomavam posse do gadareno influenciam os filhos da desobediência (Ef 2.1-3), levando muitos à nudez irrestrita. Cobrir a nudez representa o padrão de uma pessoa sã.

Ninguém deveria sentir-se tranquilo e confortável na nudez pública. O corpo não foi feito para ser mostrado extensivamente. Tanto que, em Levítico, “descobrir a nudez” é usado como sinônimo para sexo (Lv 18.6-7; 20.18) e é algo relacionado com a libidinosidade. Na atual conjuntura que vivemos, em um mundo pós-Éden, a nudez deve causar vergonha fora do ambiente conjugal. É o resultado natural e esperado de ter as vergonhas expostas. Apenas

quando imersos em uma cultura profundamente erotizada é que não nos envergonhamos da nudez — de nossa nudez e da nudez dos outros.

Não temos mais vergonha de olhar para corpos nus, seja nos filmes, seja na televisão, seja nos carnavais. Mas quanta nudez não contemplamos nas igrejas e em na nossa própria escolha de vestuário, onde nos mostrar com pouca roupa não nos envergonha mais? A questão é: será que estamos aprovando e usando roupas com as quais julgamos nos vestir, mas que a Bíblia chama de nudez? Isso evoca outras questões: quão específicas são as recomendações bíblicas sobre nossas roupas? A Bíblia diz muito ou pouco a esse respeito? E se nós realmente tivermos os croquis de Deus?

DEUS, O ESTILISTA

Já dissemos que o homem vivia em paz com a nudez (Gn 2.25) e apenas quando pecou é que a nudez se tornou objeto de vergonha. O texto diz que Adão e Eva, ao perceberem que estavam nus após o consumo do fruto proibido, fizeram roupas: “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se” (Gn 3.7). O texto diz literalmente que eles fizeram para si “cintas”, do hebraico *ḥăḡōrōṯ* (חֲגוֹר), algum tipo de vestuário que cobria basicamente a região dos quadris. Eles usaram folhas de figueira para cobrir quase exclusivamente as próprias vergonhas.

Mesmo assim, Adão e Eva ainda se consideram nus. Quando Deus aparece, eles se escondem. O motivo: “Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi” (Gn 3.10). Ainda que cobertos com uma cinta, Adão e Eva julgam que é como se não estivessem vestidos. Deus concorda com eles. Ao ouvir a argumentação de Adão, Deus não diz que as cintas de folhas bastavam, mas questiona: “Quem lhe disse que você estava nu?” (Gn 3.11), e então, mais à frente, Moisés descreve o novo vestuário que Deus entrega à humanidade como um ato de

finalmente vesti-los: “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher” (Gn 3.21).

As roupas que Deus fez para Adão e Eva são descritas pela palavra hebraica *kāṯənōwṯ* (כָּתְנוֹת), que significa túnica. É a mesma palavra usada para as roupas dos sacerdotes e se refere à veste comum usada por homens e mulheres no mundo antigo. Segundo o *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, essa veste era semelhante a uma camisa comprida, uma espécie de vestido que, em geral, tinha mangas longas e se estendia até o tornozelo, quando usada como veste formal, mas, com frequência, não tinha mangas e ia até os joelhos, quando usada por trabalhadores comuns.[61]

Esse vestuário se estabelece como um tipo de padrão ao longo de toda a Escritura. Quando Deus dá ordens a respeito de como devem ser as vestes sacerdotais, usa a mesma palavra usada para as vestes que fez para Adão e Eva (Êx 28.3-4). Quando Deus encarnou e se vestiu, usou roupas muito parecidas com isso, já que Jesus também usava a túnica judaica (Jo 19.23). O discípulo que tivesse “duas túnicas” deveria dar uma (Lc 3.11), considerando que esse era um vestuário comum. Até mesmo quando Deus entrega roupas aos santos nos céus, ele também dá túnicas, à semelhança do que faz com Adão e Eva, com os sacerdotes e em relação a si mesmo quando encarnado: “Então cada um deles recebeu uma veste branca” (Ap 6.11). A palavra grega fala de uma roupa folgada que ia até os pés.

Retirar essa túnica era considerado um ato de mostrar a nudez, mesmo que vestindo roupas íntimas. Quando Pedro volta a ser pescador, após a morte de Cristo, o texto diz que ele estava nu, pois usava apenas a roupa que ficava por baixo da túnica, como era comum durante a pesca: “E, quando Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar” (Jo 21.7, ACF). Para os judeus, qualquer um que retirasse a veste superior estava nu. Pedro estava longe da praia, no barco, rodeado de homens. Ele não estava pecaminosamente nu, mas em um contexto no qual vestir apenas suas vestes mais íntimas era

normal. Ao perceber a presença de Cristo e interessado em retornar à praia, ele vestiu novamente a túnica para cobrir a nudez. Pedro estava só com a roupa de baixo, em alto-mar, longe da praia, rodeado apenas de outros homens pescadores. A Escritura trata como nudez não apenas estar completamente sem roupa, como também estar com pouca roupa. É interessante porque a Escritura vai repetindo esse padrão muitas e muitas vezes.

Não podemos fazer isso parecer mais do que realmente é, mas Deus mantém um padrão de vestimenta que vem desde Gênesis, passando pelo Êxodo, indo pelos evangelhos e findando no Apocalipse. Isso não significa que é uma única forma santa de se vestir. A cultura muda, os padrões se movem, mas há algo instrutivo em Deus pouco adaptar-se à cultura dos tempos — e até mesmo manter um padrão nos momentos em que ele *cria* cultura. Deus parece ter algumas preocupações bem específicas naquilo que ele cobre.

DOS PILARES DE MÁRMORE AOS GÊMEOS DA GAZELA

Se você quer ofender um crente, chame-o de legalista e fariseu. Talvez nenhuma acusação infundada de pecado e licenciosidade ofenda tanto quanto acusações de santidade exagerada. Às vezes, temos medo de ser muito detalhistas nas conversas sobre roupas, para não soarmos legalistas. Deus, diferente de nós, não sofre esse tipo de receio. Ele não teme soar legalista quando fala sobre as roupas de seu povo. Podemos chamar atenção especificamente para a exposição da zona dos seios e das pernas.

Na Bíblia, os seios são tratados como áreas sexuais. Por exemplo, quando Deus está narrando a Ezequiel a história de duas irmãs por parte de mãe que se entregaram à prostituição nas terras egípcias, mesmo quando ainda eram jovens, o ponto principal que Deus ressalta sobre a prostituição daquelas moças é que “seus peitos foram acariciados e os seus seios virgens foram afagados” (Ez 23.2-3).

Por isso, a exposição dos seios está associada ao contexto conjugal. Em Provérbios 5.19, a região do tórax feminino é tratada como uma zona preparada para o prazer do marido: “Como corça amorosa, e gazela graciosa, os seus seios te saciem todo o tempo; e pelo seu amor sejas atraído perpetuamente”. Há uma atração pela região dos seios que é exclusiva da relação matrimonial, de modo que sua exposição pertence ao contexto sexual dentro do casamento.

O mesmo acontece com as pernas. Falando diretamente sobre Arão e suas descendência sacerdotal, ele instrui que as coxas dos sacerdotes não deveriam estar à mostra no serviço a Deus. Ele diz, em Êxodo 28.41-43, que Arão e seus filhos devem ser ungidos e consagrados como sacerdotes para que ministrem no lugar santo — porém, eles não poderiam entrar na Tenda do Encontro de qualquer jeito: “Faça-lhes calções de linho que vão da cintura até a coxa, para cobrirem a sua nudez”. Arão e seus filhos teriam de vestir esse calção de linho quando se aproximassem, “para que não incorressem em culpa e morressem”. Eles usariam uma veste relativamente comprida, mas, por baixo dessa veste, era preciso haver um calção que saísse da cintura e cobrisse as coxas, para que eles não incorressem em pecado diante de Deus. pelo modo como se vestiam.

Isso era tão sério que o simples fato de as pernas serem vistas por pessoas em um local mais baixo era considerado uma exposição da nudez: “Não subam por degraus ao meu altar, para que nele não seja exposta a sua nudez” (Êx 20.26). Deus está dizendo que o altar não deve ser alto, porque, se o sacerdote subisse, o povo o veria de baixo para cima, vendo mais do que deveria ver. O sacerdote, tendo suas pernas vistas no contexto de culto, representava a nudez sendo vista — e olha que a roupa do sacerdote era um vestido relativamente longo! Você não conseguiria ver sequer o joelho de um sacerdote, e Deus chama isso de nudez.

Isso se aplica de forma muito prática à vida das igrejas, em que pastores e músicos ficam em palcos elevados. Deve haver

especial cuidado no que vestimos quando nos colocamos em ambientes elevados. É o velho hábito de nunca subir as escadas atrás de mulheres que usam vestido. Deus se preocupa com esse tipo de detalhe.

Então, o que vemos nesses textos? Vemos Deus sendo absolutamente específico, com muita clareza sobre aquilo que ele imagina e espera de nós a respeito do uso de roupas. Quando faz roupa, Deus cobre a nudez do homem, porque o pecado transformou a nudez em vergonha. Deus trata por várias vezes a exposição das pernas e da região do busto como algo vergonhoso, como exposição de nudez, como algo sexual. Deus espera que a fé nos cubra.

AS ROUPAS DE BANHO

Vivemos em um tempo no qual você precisa argumentar longamente que não está tudo bem em andar seminu só porque você está perto da água — e ainda ser chamado de moralista por isso. O profeta diz algo importante:

> Desça, sente-se no pó, Virgem cidade de Babilônia; sente-se no chão sem um trono, Filha dos babilônios. Você não será mais chamada mimosa e delicada. Apanhe pedras de moinho e faça farinha; retire o seu véu. Levante a saia, desnude as suas pernas e atravesse os riachos. Sua nudez será exposta e sua vergonha será revelada. Eu me vingarei; não pouparei ninguém. (Is 47:1-3)

Aqui Deus está condenando a quem ele chama de Babilônia, criando um contexto de comparação com uma mulher que vai sofrer como a cidade da Babilônia sofreria. Ela não teria mais um trono, tomaria assento no pó, não seria mais chamada de nomes elogiosos, teria de trabalhar no roçado, ficaria sem véu e teria de levantar a saia — não muito, vai levantar a saia só o bastante para desnudar as pernas. Por que a cidade faria isso? Faria para atravessar o riacho, mas, mesmo assim, o texto diz que isso seria uma exposição da nudez e uma revelação da vergonha. A mulher

que representa a cidade estaria mostrando as pernas para atravessar o rio, e isso seria uma humilhação relacionada a mostrar nudez.

Hoje em dia, muitos cristãos acreditam que está tudo bem ficar quase despidos se estiverem perto da água. Você não tem coragem de andar quase desnuda pelo terreno da igreja ou para ir ao mercado, mas, se estiver na praia, se estiver numa piscina, não importa a roupa que você usa. A proximidade da água torna-se uma zona neutra. A cidade levantaria a saia só um pouco para passar pelo rio, e a presença de água não faria aquilo deixar de ser vergonha ou exposição da nudez.

Micheline Bernardini era uma dançarina de cassino que posava para revistas adultas e foi a primeira mulher a aceitar usar biquíni em um desfile, em 1946. Ela foi contratada porque o criador do biquíni, Louis Réard, não conseguiu encontrar nenhuma modelo que tivesse coragem de desfilar com aquelas roupas. Hoje, praticamente qualquer mulher se sente tranquila para usar essas mesmas roupas e até mesmo tornar isso público nas redes sociais. Mudança cultural ou degradação cultural? Deveria chamar a atenção o fato de que uma vestimenta que ninguém além de uma *stripper* teve coragem de usar no meio do século passado hoje seja visto com tanta naturalidade, como um vestuário comum para qualquer mulher distinta desfilar na praia. Eu adicionaria até que não existem meios possíveis para que a cultura se degrade mais que isso nesse ponto em especial sem chegar à nudez de fato — não há um caminho intermediário entre biquíni e praia de nudismo. Você se lembra de quando a prática do *topless* causava confusão nas praias por aí, virando até matéria de TV? A vida é muito complexa e cheia de nuances, mas não creio que o biquíni seja uma dessas nuances. Veja só, é impossível haver uma vestimenta muito menor que o biquíni. Menos que biquíni, só nudez. Onde está a nuance em uma vestimenta que é o mais próximo possível de estar pelada?

Talvez haja ambientes em que usar biquíni não seja algo tão problemático. A mulher sozinha no banheiro ou no quarto com o marido é um bom exemplo. Talvez dentro d’água, usando alguma

saída de banho ou se enrolando na toalha ao voltar para a areia da praia. Talvez na piscina do condomínio, em um horário pouco frequentado. Na sauna feminina. De resto (pelo menos não consigo pensar em outras situações), você está desfilando despida para a macharada por aí.

Eu vou tão pouco à praia e, em geral, tão bem acompanhado que ainda fico absolutamente constrangido de ver uma mulher de biquíni. Quando vou rolando a *timeline* do Instagram e vejo a foto de alguma conhecida com pequenos pedaços de tecido cobrindo apenas e exclusivamente suas zonas sexuais, pulo a imagem com velocidade e me esforço para não ver nada. Isso, em parte, é para me proteger do pecado. Não quero ficar sozinho com a foto de uma mulher desnuda. Sabe aquele reflexo de virar o rosto quando a toalha de alguém cai? É como se eu participasse de uma intimidade indevida, como se olhasse pela fechadura uma conhecida apenas de calcinha e sutiã, trocando de roupa. Não quero me pôr nesse tipo de situação. Eu não quero pôr outra mulher nesse tipo de situação. Em geral, meu caminho é o *unfollow.*

Mas, se meu sentimento inicial é sempre de quem se depara com algum *nude* que um ex-marido perverso vazou na internet, logo lembro que são as próprias moças que postam suas fotos de biquíni nas redes sociais. Então, passo rapidamente por essas fotos também por vergonha pela pessoa. É muito vexatório que alguém entregue seu corpo inteiro à mostra para a internet, para o acervo pessoal (seja no notebook ou na mente) de uma miríade de desconhecidos. Você pode achar que não, mas está produzindo pornografia.

Quando eu ainda fazia faculdade, antes do seminário, vivia espantado com o que os rapazes conversavam no banheiro. Sempre que o assunto era praia, ninguém falava de água, areia, sol ou coco. O interesse geral era “ver mulher”. Se a mulherada soubesse o que acontece por trás dos óculos escuros, usaria roupas diferentes perto dos “amigos”. O problema de um homem falar isso é que ele sempre vai parecer um tarado para quem não vê nada de mais em aparecer de biquíni na internet. Mas quem dos dois é o

verdadeiro tarado: eu, que rejeito o panfleto do seu corpo, ou você, que paga para que todos vejam seu *outdoor* de *lingerie*?

VESTINDO-SE DE SANTIDADE

O poeta Juvenal, contemporâneo de Pedro e Paulo, apresenta uma descrição vívida das tendências de seu tempo: “Não há nada que uma mulher não se permita fazer. Nada que ela julgue vergonhoso. E quando ela envolve o pescoço com esmeraldas verdes e prende enormes pérolas à orelhas alongadas, tão importante é o negócio do embelezamento. Tão numerosas são as camadas e as histórias empilhadas na cabeça que ela não presta atenção no próprio marido”. Da mesma forma, o filósofo Filo oferece a descrição de uma prostituta em seu escrito chamado *Os Sacrifícios de Caim e Abel*: “Uma prostituta é muitas vezes descrita como tendo o cabelo vestido com tranças elaboradas, seus olhos com linhas de lápis, as sobrancelhas sufocadas em tinta e suas roupas caras bordadas ricamente com flores, pulseiras e colares de ouro e joias pendurados nela inteira”.

Tanto Pedro como Paulo parecem dialogar com os problemas de seu tempo ao escreverem sobre a modéstia no vestir. Paulo diz em 1Timóteo 2.9-10: “Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)”. De modo semelhante, Pedro diz: “Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus” (1Pe 3.3-4). Ambos estão criando oposição em suas próprias culturas.

Paulo diz que as mulheres devem ataviar-se com modéstia e bom senso. A modéstia traz a ideia de se esforçar para se arrumar de forma recatada. Cobrir-se não é algo que acontece naturalmente;

é fruto do esforço de se arrumar corretamente. Não há proibição a que as mulheres se arrumem, mas, sim, uma melhor qualificação para o modo como se esforçam no ato de se vestir. A discrição fala de algo que não está diretamente relacionado ao orgulho, à necessidade de aparecer, à tentativa de estar sempre por cima. Ter discrição é passar despercebido. Não tem problema se você não deslumbrar o mundo inteiro.

A palavra que chama a atenção aqui é decência. Paulo dá alguns exemplos: não com tranças, com ouro ou pérolas, nem com vestidos caríssimos. Ele não está criticando diretamente que alguém se arrume. Tomás de Aquino escreveu que "não se proíbe às mulheres um ornato moderado, mas o excessivo, desavergonhado e impudico", e continua: "As mulheres podem adornar-se licitamente para conservar a elegância de seu estado, e inclusive acrescentar algo para agradar a seus maridos".[62] A linguagem que Paulo usa está muito próxima da que as pessoas usavam em seu tempo. Paulo não está necessariamente criticando a trança, como se entrelaçar o cabelo fosse coisa do diabo. Paulo está falando de um estilo de roupa que era muito comum no seu tempo, associado à impudicícia. Ele está falando do jeito de se vestir muito comum das prostitutas de seu tempo.

Os textos falam diretamente às mulheres, possivelmente porque a questão do vestuário e da sensualidade atinja mais as mulheres que os homens. É uma área comum que deve receber atenção especial das moças. Mesmo assim, os homens também podem pecar por falta de modéstia, como, por exemplo, usando sungas em praias, calças apertadas que marcam a genitália, camisetas cavadas que ostentam o corpo malhado. Você pode achar que não, mas as mulheres também têm olhos, e eu já ouvi várias delas comentando sobre algumas dificuldades nessa área. Achamos que, porque somos homens, está tudo bem ostentar o esforço diário na *Smart Fit*. O sacerdote era sempre homem, e era vergonha para o sacerdote mostrar suas pernas tanto quanto era vergonha para as mulheres ter o vestido levantado.

É importante perceber que Pedro e Paulo não agem de forma legalista. Eles não expõem um padrão de vestuário e ficam por isso mesmo. Eles oferecem um padrão positivo de ação diante da proibição negativa. Paulo diz que as mulheres deveriam esforçar-se por ataviar aquilo que é interior, com boas obras. O mesmo esforço que empregamos no salão para o cabelo e a maquiagem deve ser entregue em sermos pessoas boas, mais santas, com o caráter mais trabalhado e elevado a Deus. Pedro fala que a beleza da esposa não deve estar só na roupa, mas no interior do coração, unido a um traje de espírito manso e tranquilo, o que tem grande valor para Deus. O mesmo esforço que empregamos para nos vestir deveria ser empregado para transformar o coração. Deus ordena que se faça esse esforço. O livro de Provérbios diz: “A mulher graciosa guarda a honra como os violentos guardam as riquezas” (Pv 11.16). Será que temos essa gana em nosso coração? Um esforço consciente, quase violento, pela nossa própria honra e pureza. Assim como os violentos guardam seu dinheiro, a mulher graciosa guarda seu corpo. Se nos demoramos diante do espelho tentando corrigir imperfeições estéticas, deveríamos demorar mais ainda olhando no espelho da palavra de Deus, conferindo nossos corações, tentando corrigir as imperfeições da alma. Um espírito transformado é muito mais belo que a última moda das blogueirinhas do Instagram.

Aprendemos no seminário que não precisamos nos esforçar para parecer inteligentes enquanto pregamos. Se já estamos de pé falando enquanto os outros estão sentados ouvindo, já existe uma inclinação natural para nos acharem superiores. Se forçarmos isso, em vez de parecermos mais inteligentes ainda, só soaremos arrogantes. As mulheres bonitas não precisam esforçar-se com suas roupas para parecerem ainda melhores. Isso fará apenas com que soem vulgares: “Como joia de ouro em focinho de porca, assim é a mulher formosa que se aparta da discrição” (Pv 11.22).

A modéstia não é um mandamento apenas aos bonitos. Os homens não acreditam que podem ser imodestos porque não acreditam ter alguma beleza física para ostentar. Muitas mulheres argumentam que não precisam preocupar-se com isso porque ninguém vai ter interesse em olhar para elas. A modéstia não está atrelada apenas ao efeito que você vai gerar em outra pessoa. O que haveria de interessante em olhar as pernas do sacerdote, as pernas de Arão ou as pernas de Pedro? Não era pela questão de gerar alguma libidinosidade no coração do outro, mas simplesmente porque a nudez estava sendo mostrada de forma inapropriada. Sua nudez é um pecado mesmo que ninguém a esteja desejando.

Mesmo assim, ainda é importante observarmos aquilo que a imodéstia gera nos outros. A Escritura condena aquele que leva o outro a cair em pecado: “Ai do mundo, por causa das coisas que fazem tropeçar! É inevitável que tais coisas aconteçam, mas ai daquele por meio de quem elas acontecem!” (Mt 18.7). Todo homem que olhar para uma mulher com cobiça é totalmente culpado de seu pecado, e responderá sem desculpas diante de Deus, mas você responderá da mesma forma se foi participante desse pecado como uma força de influência. Deus cobra de nós por aquilo que geramos no outro.

Nossas roupas comunicam. Seja nas experiências de evangelismo com travestis e prostitutas, seja por simplesmente passar pela av. José Bastos depois das 22 horas, você pode reparar como as pessoas que vendem sexo se vestem. Como nem sempre podem ficar nuas na rua, usam roupas bem apertadas, que marcam bem o formato do corpo, para que a veste não atrapalhe a silhueta. Como estão vendendo o corpo, querem que as roupas sejam uma placa de promoção para aquilo que está por baixo. O que a mulher de Deus deveria vender? “As vestes de uma mulher verdadeiramente cristã não dirão ‘Sexo! Orgulho! Dinheiro!’, e sim: ‘Pureza, humildade e moderação’.”[63] Crystalina Evert escreve sobre isso:

> As mulheres têm poder. Pela maneira como nos vestimos, pela maneira como dançamos e pela maneira como nos comportamos, podemos convidar um homem a ser um cavalheiro ou a agir como um animal. [...] Para quem tem a coragem suficiente de preferir ser amada por um só, a modéstia é um convite silencioso para que os rapazes sejam homens o suficiente para conquistar nossos corações. É um convite aos rapazes, para que vejam que há muito mais em nós que somente nossos corpos. É por isso que a modéstia é chamada "guardiã do amor". Sem ter de dizer uma só palavra, ela estabelece o padrão de respeito. Mas nunca conseguiremos convencer um homem de nossa dignidade sem antes convencermos a nós mesmas.[64]

A cultura pede a exposição de seu corpo. A indústria da moda, de grandes marcas a pequenas lojas, diz que você só pode ser bonita, valiosa, aceita ou interessante se exibir carne o suficiente. Os filmes e os comerciais acostumam você com a vestimenta de seu tempo, e ajudam a criar desejos de exposição pessoal. O mundo quer a exibição de sua carne, mas você não precisa atender aos convites da cultura. Seu corpo deve ser um segredo. Ele não pode estar entregue ao deslumbrar dos outros, àquilo que a cultura diz que tem de ser. A única maneira de ser sexy sem ser vulgar é sendo sexy para seu marido. Todo o resto é safadeza.

MODÉSTIA ALÉM DAS ROUPAS

A modéstia tem-se tornado um fetiche da moda corrente. Há empresas que se especializam em moda modesta, e há blogueiras no Instagram que fornecem propagandas desse tipo de vestuário. Há algo muito positivo em mulheres encontrarem disponíveis no mercado belas opções de roupas que cobrem bem, mas pode haver uma confusão aí. Ser modesta não é usar roupas dos anos 80, não é usar roupas caras e sempre belas, não é se vestir como uma princesa da Disney, não é ser contra qualquer coisa que esteja na moda. Ser modesta tem a ver com uma condição do coração que se

preocupa em se vestir como Deus ordena, em se importar com a beleza, mas também em se importar com a discrição.

Por isso, a modéstia vai muito além das roupas. É interessante observar que Paulo não diz “Não use roupas imodestas; pelo contrário, use saia até o joelho e cubra sempre suas pernas”. Ele não diz isso. Ele diz: “Não se vistam de forma imodesta, mas ataviem o coração, mas transformem o coração, mas edifiquem o coração”. Paulo e Pedro sabiam que o problema das roupas não está só na esfera da moda; é um problema interior. A modéstia está muito além do vestuário porque é uma questão profunda da alma e do coração. Mais importante que mudar o guarda-roupa é construir um espírito manso que não necessite dos olhares para se sentir valioso, e que encontra na apreciação de Deus um valor muito maior que a apreciação no espelho. É o processo de repetir com as roupas aquilo que confessamos com os lábios: a verdade de que Jesus é o Senhor de nossa vida, o rei sobre absolutamente tudo em nós.

Não devemos ser modestos apenas nas roupas, mas também em nosso interior. Existem muitos motivos pelos quais você pode se vestir de forma decente, como frio ou gosto pessoal, e permanecer com um coração indisposto à santificação. Os pais costumam ser meramente estéticos ao lidarem com os interesses dos filhos: “Com essa roupa, você não vai”, assim como maridos ciumentos. Nossos corações precisam ser ensinados a amar aquilo que é santo, e não apenas a escolher roupas maiores. Você pode cuidar muito facilmente das roupas de suas filhas, porém é mais difícil tratar os corações para que as roupas bem cobertas não cubram um espírito sensual. Você não vai conseguir ser feliz se vestindo de forma modesta se não tiver um coração modesto, mas muitas mulheres de roupas modestas não têm modéstia na alma. É fácil abandonar uma roupa que ficou apertada demais; difícil é abandonar um caminho imodesto da alma.

Se a roupa modesta cobre um coração que ama a sensualidade, as vestes não serão o bastante para impedir o comportamento sensual. A Escritura fala da sensualidade não só em relação a roupas, mas também no modo de olhar, de falar e de se

comportar. Os ensinos do pai e da mãe nos alertam sobre todo o caminho da mulher imodesta, que não está restrito ao vestuário: “o protegerão da mulher imoral, e dos falsos elogios da mulher leviana. Não cobice em seu coração a sua beleza nem se deixe seduzir por seus olhares, pois o preço de uma prostituta é um pedaço de pão, mas a adúltera sai à caça de vidas preciosas” (Pv 6.24-26; cf. 5.3-4). O profeta diz o mesmo: “Diz ainda mais o Senhor: Porquanto as filhas de Sião se exaltam, e andam com o pescoço erguido, lançando olhares impudentes; e quando andam, caminham afetadamente, fazendo um tilintar com os seus pés” (Is 3.16). Se você não tratar o coração para que a modéstia das roupas corresponda ao interior, um comportamento sedutor pode vir de quem está coberto até os calcanhares. Muitas mulheres vestidas dos pés à cabeça podem agir com sensualidade e tentar conquistar intencionalmente os homens com seus olhares e gestos, com o tom de sua voz, com os assuntos das conversas.

É por isso que o legalismo precisa ser tratado com o mesmo afinco com que tratamos a imodéstia. Lidar apenas com o que é externo é o esporte favorito dos hipócritas. Como saber se suas roupas fechadas não escondem um coração legalista?

Quando tratamos de assuntos externos e específicos assim, nosso coração pode colocar muito próximo do legalismo, da ira, do controle e da superioridade, e de forma alguma podemos entrar nesse tipo de coisa. Existe o risco de medirmos a fé pelo tamanho do vestido, de medirmos nosso relacionamento com Deus pelas roupas de banho que usamos. O mesmo Paulo que escreveu sobre modéstia escreveu em Colossenses 2.20-23:

> Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquiloutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.

Você acha que os pecados visíveis são mais graves que os pecados privados e secretos? Se uma mulher de decote e minissaia entra na igreja, ela receberia abraços e cumprimentos amorosos das mulheres de saia mídi e gola fechada? Você acha que é superior ou melhor porque mostra menos do corpo quando se veste? Você se sente pessoalmente ofendida quando alguém se veste com menos do que você aprecia? Essas são perguntas que precisam ser levadas a sério.

VISTA JESUS

No fim das contas, tudo isso se resume a nos vestirmos com Jesus e o evangelho. Paulo diz: “Pelo contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne” (Rm 13.14). O jeito de vencermos a satisfação da carne é nos vestindo de Cristo e nos revestindo do evangelho. É todo dia sermos lembrados daquilo que Cristo fez em nossos corações. Não é simplesmente uma questão de se preocupar com a roupa, mas de se preocupar com Jesus. É uma questão de se importar com o evangelho e de entender que Deus entregou seu filho.

Nos filmes sobre a crucificação, geralmente vemos Cristo com uma tanguinha. Isso é principalmente pelas classificações indicativas, mas, em geral, os condenados eram mortos nus nas cruzes romanas. Isso acontecia para aumentar a vergonha da crucificação, justamente para expor a vergonha. Jesus morreu nu para que fôssemos vestidos em nossas almas, para que fôssemos vestidos por Deus, para que fôssemos salvos pelo evangelho, para que fôssemos transformados em nosso interior e para que isso afetasse nosso exterior. O modo como você se veste mostra que você já se vestiu de Jesus?

GUIA DE ESTUDO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Como as descrições bíblicas apresentam Deus fazendo e instruindo sobre roupas? Os textos descritivos apresentam alguma utilidade didática? Um padrão que segue de Gênesis a Apocalipse deveria servir de lição para nós hoje?
2. Falar sobre roupas de banho sempre gera polêmica e divisão nas igrejas. Como podemos discutir isso de forma amorosa e mansa? Como podemos discordar com amor? Como lidar com ambientes comuns nas igrejas, como retiros e acampamentos?
3. Como o coração afeta nosso exterior? Quais pecados podem estar por trás de um habito imodesto de vestuário?

APLICAÇÃO PESSOAL

1. Você se preocupa com o efeito que suas roupas causam nos outros? Quando você se veste, há um esforço de amor pelos irmãos que serão afetados por seu corpo? Como você pode demonstrar amor a Deus e aos outros, seguindo os dois maiores mandamentos, no modo como se veste?
2. Como seu coração lida com a modéstia? Seu interior tem desejo por exposição do corpo, mesmo que isso não seja realizado em seu vestuário? Quais sentimentos e valores têm entrado em conflito com um comportamento santo em sua vida?
3. Questione a si mesmo(a): Você acha que os pecados visíveis são mais graves que os pecados privados e secretos? Se uma mulher de decote e minissaia entra na igreja, receberia abraços e cumprimentos amorosos das

mulheres de saia mídi e gola fechada? Você acha que é superior ou melhor porque mostra menos o corpo quando se veste? Você fica pessoalmente ofendida quando alguém se veste com menos do que você aprecia? Essas perguntas ajudam a evidenciar o legalismo de nossos corações.

SOBRE O AUTOR

Yago Martins é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana (Londrina/PR), formado na primeira turma de pós-graduação em Escola Austríaca de Economia do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (São Paulo/SP) e mestre em Teologia Sistemática pelo *Sacrae Theologiae Magister* (Th.M) do Instituto Aubrey Clark (Fortaleza/CE). É autor de *A Máfia dos Mendigos* (2019, Record), *Os Sermões dos Maricas* (2019, Concílio), *O cristão reformado* (2018, 371), *Faça discípulos ou morra tentando* (2017, Concílio), *Dois dedos de teologia* (2017, Concílio) e *Você não precisa de um chamado missionário* (2016, Concílio). Em 2017, seu artigo “Escatologia e utopia: as origens religiosas da esperança socialista” foi premiado como melhor artigo na categoria Ciência Política, na quinta edição da Conferência de Escola Austríaca no Brasil. Em 2018, foi homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza por seu protagonismo na luta por liberdade religiosa. É professor residente no Seminário e Instituto Bíblico Maranata (SIBIMA), onde coordena o Núcleo de Estudos em Cosmovisão Cristã, é membro do corpo de especialista do Instituto Ludwig von Mises Brasil e pastor titular na Igreja Batista Maanaim. Trabalha desde 2009 com evangelismo de estudantes secundaristas e universitários na Missão GAP, sendo presidente do conselho diretor desde 2016. Atuante na popularização da teologia na internet, fez parte do blog “Voltemos ao Evangelho” e fundou o ministério “Cante as Escrituras”, ambos atualmente integrantes do Ministério Fiel. Hoje, apresenta o canal “Dois Dedos de Teologia” no YouTube, preside o Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura e organiza anualmente o Fórum Nordestino de Cosmovisão Cristã. É casado com Isa Martins e pai de Catarina.

[1] Em entrevista concedida a Henrique Benevides, do jornal *Última Hora*, intitulada “Sobre a censura brasileira”, em 1973.

[2] Oitavo episódio da primeira temporada, *The Grasshopper Experiment*.

[3] Disponível em: http://www.desiringgod.org/interviews/is-tardiness-and-punctuality-a-christian-witness-issue.

[4] Ibidem.

[5] Ibidem.

[6] Disponível em: https://pamplonapedro.wordpress.com/2017/03/23/o-pecado-de-estar-sempre-atrasado/.

[7] Ibidem.

[8] HUGO, Victor. *The Letters of Victor Hugo*: From Exile, and After the Fall of the Empire (volume 2). Houghton: Mifflin, 1898, p. 23.

[9] MAHANEY, C. J. *Humildade*: verdadeira grandeza. S verdadeira grandeza. : Fiel, 2008, p. 70.

[10] Ibidem.

[11] Disponível em: http://ofabulosoblogdediego.blogspot.com.br/2011/11/nao-posso-morrer.html.

[12] CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, v. 1, p. 88.

[13] MAHANEY, C. J. *Humildade*: verdadeira grandeza. S Fronteira, 2016, .br/20Fiel, 2008, p. 71.

[14] Ibidem.

[15] KOŁAKOWSKI, Leszek. *Pequenas palestras sobre grandes temas*: ensaios sobre a vida cotidiana. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 163.

[16] CAVACO, Tiago. *Seis sermões contra a preguiça*. Lisboa: TOP Books, 2015.

[17] CAVACO, Op. cit., p. 21.

[18] CAVACO, Tiago. *Seis sermões contra a preguiça.* Lisboa: TOP Books, 2015, p. 21.

[19] Ibid., p. 106.

[20] Ibid., p. 106-107.

[21] Dirigido, escrito, produzido e estrelado por Orson Welles, *Citizen Kane* é um filme americano de 1941.

[22] KARNAL, Leandro. *A detração*: breve ensaio sobre o maldizer. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2016, p. 78.

[23] CORÇÃO, Gustavo. *A descoberta do outro*. São Paulo: Agir, 1944. Trecho disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/86>. Acesso em: 10 jan. 2014.

[24] Frase referenciada como "Possível máxima japonesa", mas provavelmente criada pelo próprio autor, consta na epígrafe do livro que corresponde ao pecado da gula na série *Plenos Pecados*, em VERISSIMO, Luis Fernando. *Clube dos Anjos.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1998, p. 7.

[25] Apud HARRIS, Joshua. *Sexo não é o problema (lascívia, sim).* São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 34.

[26] SHAW, Teresa M. *The burden of the flesh*: fasting and sexuality in early Christianity. Minneapolis: Fortress Press, 1998. Apud PROSE, Francine. *Gula*. São Paulo: Arx, 2004, p. 18.

[27] *Moralia*, XXX, 18.

[28] LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 84.

[29] Ibidem.

[30] Ibidem.

[31] Ibid., p. 86.

[32] Ibid., p. 86-87.

[33] *Confissões*, Livro X, 31.

[34] Disponível em: http://www.desiringgod.org/interviews/four-signs-food-has-become-an-idol.

[35] Disponível em: http://www.relevantmagazine.com/god/practical-faith/socially-acceptable-sin

[36] Entrevista para o Ciclo de Teatro Brasileiro do Museu da Imagem e do Som, em 30/06/1967.

[37] RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*: novas confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 158.

[38] Ibidem.

[39] Ibid., p. 159.

[40] *Lectures To My Students*. Albany, OR: Ages, 1996, v. 4, p. 10.

[41] ROSA, Guimarães. *Grande Sertão*: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 16.

[42] LE GOFF, Jacques. "O riso na Idade Média". In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 65.

[43] WILLIAMS, William. *Personal Remembrances of Charles Haddon Spurgeon*. Londres: Passmore and Alabaster, 1895, p. 24.

[44] TOZER, A. W. *O melhor de A. W. Tozer*: textos inesquecíveis de um grande pregador. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 128.

[45] Disponível em: http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=523.

[46] OLIVEIRA, Arilson. "O filme *O nome da rosa*: entre flores secretas e risos em chamas", *Significação*: *Revista de Cultura Audiovisual*, v. 40, nº 40, 2013, p. 185.

[47] TOZER, Op. cit., p. 128.

[48] DEMPF, A. *Etica de la Edad Media*. Madrid: Gredos, 1958, p. 54.

[49] TOZER, A. W. *O melhor de A. W. Tozer*: textos inesquecíveis de um grande pregador. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 128.

[50] Ibid., p. 129.

[51] LINDVALL, Terry. *Surprised by Laughter*: The Comic World of C. S. Lewis. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1996, p. 130-131. Apud MAHANEY, C. J. *Humildade*: verdadeira grandeza. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2008, p. 79.

[52] EMPERER, Victor. *Os diários de Victor Klemperer*: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933–1945. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 442. Apud VENÂNCIO, André. "Armadilhas do vocabulário político". *Teologia brasileira*, n. 30, 2014. Disponível em:

<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=397>. Acesso em: 8 ago. 2014.

[53] LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 207, 555.

[54] Disponível em: http://normabraga.blogspot.com.br/2007/05/reflexo-bvia-sobre-os-palavres.html.

[55] Disponível em: https://bible.org/article/brief-word-study-skuvbalon.

[56] “A Woman’s Place”, sexto episódio da primeira temporada.

[57] *Pew Research Center*, 2 abr. 2015, “The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050”.

[58] Disponível em: http://www.allprodad.com/a-fathers-legacy/.

[59] Disponível em: http://www.albertmohler.com/2006/05/08/can-christians-use-birth-control/.

[60] POLLARD, Jeff. *Deus, o estilista*: o padrão bíblico para a modéstia cristã. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2006, p. 10.

[61] Ibid., p. 21-22.

[62] *Summa*, II-II, q. 169, a. 2.

[63] POLLARD, Op. cit., p. 14.

[64] EVERT, Crystalina. *Pure Womanhood*. San Diego: Ed. Catholic Answers, 2008.